



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS DE CHAPECÓ
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

KÁTIA APARECIDA RODRIGUES

UM ESTUDO SOBRE A EVASÃO ESCOLAR EM CHAPECÓ

CHAPECÓ

2017

KÁTIA APARECIDA RODRIGUES

UM ESTUDO SOBRE A EVASÃO ESCOLAR EM CHAPECÓ

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador Prof. Dr. Ubiratan Garcia Vieira

CHAPECÓ

2017

PROGRAD/DBIB - Divisão de Bibliotecas

RODRIGUES, KÁTIA APARECIDA

Um estudo sobre a evasão escolar em Chapecó/ KÁTIA APARECIDA RODRIGUES. -- 2017.

121 f.:il.

Orientador: Prof. Dr. Ubiratan Garcia Vieira.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em Ciências Sociais , Chapecó, SC, 2017.

1. Evasão escolar . 2. Escola. 3. Relações familiares. 4. Juventude . 5. Trabalho. I. Vieira, Prof. Dr. Ubiratan Garcia, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

KÁTIA APARECIDA RODRIGUES

UM ESTUDO SOBRE A EVASÃO ESCOLAR EM CHAPECÓ

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador. Prof. Dr. Ubiratan Garcia Vieira.

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 21/3/2017

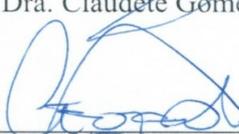
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Claudecir dos Santos - UFFS



Prof.ª Dra. Claudete Gomes Soares - UFFS



Prof. Dr. Leonardo Rafael Santos Leitão - UFFS



Prof. Dr. Ubiratan Garcia Vieira - UFFS

Dedico este trabalho à todos os professores e estudantes que, mesmo em um momento do nosso país, onde a educação sofre ataques todos os dias, ainda acreditam que uma transformação positiva é possível.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer à minha família pelo apoio e compreensão. Aos meus professores, que acreditaram em mim e me motivaram ao longo da graduação. Ao meu orientador pela paciência e dedicação em me entender e entender a proposta desta pesquisa. Agradecer às gestoras da EEB Prof^a Irene Stonoga, que me auxiliaram e me atenderam inúmeras vezes para fornecer as informações que precisava, bem como ao Ministério Público de Santa Catarina, na pessoa da Luciana, que me forneceu informações e sanou minhas dúvidas. Aos entrevistados e à entrevistada, meu muito obrigada pela atenção e disponibilidade em contribuir com esta pesquisa.

[...] o insucesso da escola pública deve-se ao fato de ela ser tradicional, estar baseada no conteúdo, ser autoritária e, com isso, constituir-se como uma escola que reprova, exclui os mal-sucedidos, discrimina os pobres, leva ao abandono da escola e à resistência violenta dos alunos etc. (LIBÂNEO, 2012, p. 21)

RESUMO

A educação no Brasil ainda enfrenta diversos obstáculos para o alcance de sua qualidade e efetividade. Esta pesquisa trata sobre o problema da evasão escolar e tem o objetivo de analisar a perspectiva de estudantes evadidos sobre assuntos como a escola, trabalho, família e trajetória escolar até a saída da escola. Para a análise do assunto, foram utilizados os conceitos desenvolvidos por Bourdieu, Sposito e Foucault, entre outros autores que problematizam essa questão, além da apresentação e discussão de dados estatísticos sobre a evasão escolar no Brasil, Santa Catarina e principalmente em Chapecó, local de realização desta pesquisa. Para compreender as influências de fatores sociais na evasão escolar, foram entrevistados três jovens que evadiram ou que estavam em processo de evasão. A análise proposta buscou desnaturalizar a ideia de que o “fracasso escolar” ou a evasão é um problema do indivíduo buscando explicações da conjuntura social que contribuem para que isto aconteça. A pesquisa parte do pressuposto de que a educação e a escola são promotoras de cidadania. Este pressuposto foi contestado e analisado com o referencial teórico, com os dados estatísticos e com a análise das entrevistas realizadas

Palavras-chave: Evasão escolar. Escola. Relações familiares. Juventude. Trabalho.

ABSTRACT

Education in Brazil still faces several obstacles to achieving its quality and effectiveness. This research deals with the problem of school dropout and aims to analyze the perspective of students who have evaded school, considering work, family and school trajectory to evasion. For the analysis of the subject, were used the concepts developed by Bourdieu, Sposito, Foucault, among other authors that problematize this issue. Statistical data on school dropout in Brazil, Santa Catarina and especially in Chapecó are presented and discussed. In order to understand the influence of social factors on school dropout, three young people were interviewed who either evaded or were in the process of dropping out. The proposed analysis seeks to denature the idea that "school failure" or evasion is a problem of the individual and seeks explanations of the social conjuncture to the student that contribute to avoidance. The research is based on the assumption that education and the school are citizenship promoters. This assumption was challenged and analyzed with the theoretical reference, with the statistical data and with the analysis of the interviews.

Keywords: School evasion. School. Family relationships. Youth. Job.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Índice de Evasão escolar entre 2010 e 2015 em Chapecó, Santa.....	27
Tabela 2 - Índice de Evasão escolar entre 2010 e 2015 nos estados brasileiros.....	28

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Número total de Ocorrências registradas no APOIA em Santa Catarina de.....	29
Figura 2 – Número total de Ocorrências registradas no APOIA em Chapecó de 2013 à	30
Figura 3 – Taxa de Rendimento por Etapa Escolar – Santa Catarina em 2015.....	31
Figura 4 – Taxa de Rendimento por Etapa Escolar - Chapecó em 2015.....	32
Figura 5 – Número de Ocorrências no ano de 2015 em Chapecó	33
Figura 6 – Ocorrências por gênero e faixa etária - Chapecó em 2015	34
Figura 7 – Motivos Evasão Chapecó em 2015	36
Figura 8 - Motivos Evasão Chapecó em 2015 (porcentagem)	36
Figura 9 – Êxito por Órgão em 2015 – Chapecó	37

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 O PROBLEMA DA EVASÃO ESCOLAR	15
3 PROGRAMA DE COMBATE À EVASÃO ESCOLAR EM SANTA CATARINA	25
4 A EVASÃO ESCOLAR EM CHAPECÓ NA PERSPECTIVA DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO	41
4.1 PERFIL DOS ENTREVISTADOS	42
4.2 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	46
4.2.1 Trabalho e educação	46
4.2.2 Dinheiro	51
4.2.3 Trajetória escolar	52
4.2.4 Relação com professores e colegas	63
4.2.5 Perspectivas para o futuro.....	71
4.3 SÍNTESE DA ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	73
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
REFERÊNCIAS	78
ANEXOS	81
ANEXO I – ENTREVISTA JOSÉ	82
ANEXO II – ENTREVISTA MARIA.....	98
ANEXO III – ENTREVISTA JOÃO	110
ANEXO IV – ROTEIRO DE ENTREVISTAS	116
ANEXO V – TERMOS DE CONSENTIMENTO	117

1 INTRODUÇÃO

São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição (BRASIL, 1988, Art. 6).

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988, Art. 205).

Nestes dois artigos da nossa Constituição Federal, marco da conquista, ou melhor, da obrigatoriedade do cumprimento de vários direitos, já que a conquista é ainda um desafio, observamos a educação como fator central para o desenvolvimento da cidadania. Educação é um direito de todos, dever do Estado e da família, visa o pleno desenvolvimento da pessoa e o preparo para a cidadania.

A obrigatoriedade da educação no Brasil está prevista na Constituição Federal de 1988, no artigo 208, parágrafo I, que prevê “educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezesete) anos de idade, assegura inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria”.

Vale lembrar que a conquista de uma educação universal foi fruto de um longo processo de lutas sociais e de reivindicação por uma educação gratuita, de qualidade e para todos. Para o cumprimento efetivo de toda esta conquista ainda há um longo caminho a seguir.

Segundo Silva (2000), é importante que o indivíduo tenha condições de exercer sua cidadania para que possa desfrutar de seus direitos, para isso é necessário que o indivíduo tenha conhecimento de seus direitos e deveres e dos mecanismos para que os mesmos sejam reivindicados e cumpridos. Isso depende do envolvimento dos setores de gestão pública, dentre outras instâncias da sociedade, como a escola que, segundo a autora,

[...] aparece como um “*locus*” privilegiado, na medida em que trabalha com conteúdos, valores, crenças, atitudes e possibilita o acesso ao conhecimento sistematizado, historicamente produzido, de forma que o aluno se aproprie dos significados dos conteúdos, ultrapassando o senso comum de maneira crítica e criativa (SILVA, 2000, p. 19).

A apropriação do conteúdo e a tomada de consciência do espaço que ocupa na sociedade, através da educação, deve possibilitar ao estudante a “transposição da marginalidade para a materialidade da cidadania” (SILVA, 2000, p. 63). Para a autora não é possível pensar na concretização da cidadania sem educação.

É também no espaço escolar que os estudantes têm a oportunidade de desenvolver outras habilidades como a consciência crítica, além do fortalecimento da convivência social. Sendo assim, a escola deve

[...] trabalhar o diálogo, ensinando ao aluno a argumentar, analisar discursos e mensagens e principalmente a manejar a língua como instrumento de emancipação e autonomia. E, ainda, a escola deve ensinar a ler os meios de comunicação de massa, especialmente a televisão, que veicula mensagens descontextualizadas (SILVA, 2000, p. 66).

No entanto, educação é um direito diferente dos demais direitos sociais. Enquanto os outros direitos sociais são oferecidos aos que procuram, o direito à educação está vinculado à obrigatoriedade escolar, “é via de regra obrigatória, e as crianças não se encontram em condições de negociar as formas segundo as quais a receberão. Paradoxalmente, encontramos assim diante de um direito que é, ao mesmo tempo, uma obrigação” (HUBERMAN, 1977? apud HORTA, 1998, p. 10).

O direito e a obrigatoriedade da educação estão vinculados tanto à uma necessidade de “formar bons cidadãos”, com participação política, críticos, como para suprir as necessidades de formação de mão-de-obra qualificada para manter o setor produtivo.

A pesquisa parte do pressuposto da escola como algo bom, da educação como promotora de cidadania. No entanto, a partir das análises dos dados e das análises das entrevistas, outras realidades e hipóteses passaram a ser observadas.

Mesmo a educação sendo obrigatória no país, dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos, o Brasil ainda enfrenta o problema da Evasão Escolar. O interesse pela pesquisa surgiu pelo fato de que desde a infância me encantou a profissão de docente, minha meta era a docência, via o professor e a escola como algo de extrema importância. Ao chegar na escola, através dos estágios do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, e da própria atividade como professora de Sociologia, me deparei com a escola com a mesma estrutura, no entanto algo estava diferente, o aluno não é mais o mesmo. Comecei observar diversos casos de alunos que frequentavam a escola apenas porque há uma obrigatoriedade. Somente no ano de 2015, na escola EEB Prof^a Irene Stonoga, onde foram selecionados os alunos para as entrevistas, onde eu lecionava pelo segundo ano, foram 57 casos registrados de alunos que por algum motivo

não estavam frequentando a escola. Segundo a direção da escola, menos da metade retornou e concluiu o ano letivo.

Diante deste cenário, este tema me instigou porque acredito na educação e me questiono o porquê de os adolescentes se mostrarem tão desinteressados pela escola, busquei entender o motivo que leva-os a abrir mão de um direito adquirido, de algo que, por tanto tempo, foi privilégio de uma classe específica. Entender o que acontece ou aconteceu na vida destes estudantes para que eles vejam a educação como algo banal e sem poder de transformação. Essa realidade que encontrei na escola é muito distante da ideia que eu fiz da escola durante minha vida nela, e por isso se tornou tão importante, para mim, estudar esse fato.

Desde o primeiro semestre de 2015, mesmo antes de definir o que gostaria de pesquisar, tenho observado os conselhos de classe e o comportamento dos alunos atendidos pelo programa de combate à evasão escolar em Santa Catarina, APOIA (Aviso por infrequência de aluno), nas salas onde ministrava as aulas, analisando discursos, notas, participação, e também os discursos dos professores e da direção em relação à estes alunos. Esta observação me instigou à esta pesquisa.

Na pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), procuro analisar a perspectiva de estudantes evadidos sobre temas como, escola, trabalho, família e trajetória escolar até a evasão.

O trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro é apresentada uma análise teórica sobre o problema da evasão escolar. Para buscar entender essas trajetórias de vida, o referencial teórico está baseado nos estudos de Bourdieu sobre a educação, conceitos como reprodução, capital cultural e violência simbólica, bem como os temas contemporâneos abordados por Sposito, e uma breve explanação do pensamento de Foucault sobre a estrutura escolar. Além das abordagens de outras pesquisas realizadas na sociologia da educação sobre evasão.

No segundo capítulo são avaliados os dados estatísticos do Programa de combate à evasão escolar de Santa Catarina, APOIA, que apontam as principais causas de evasão escolar segundo a Escola, Conselho Tutelar e Ministério Público, além da análise das limitações apresentadas por este programa. São apresentadas também as visitas realizadas aos órgãos envolvidos, como Conselho Tutelar, CRAS (Centro de referência em assistência social), Ministério Público e escola.

No último capítulo as entrevistas feitas são apresentadas e analisadas. Para a realização das entrevistas, foram mapeados, juntamente com a direção da escola, os alunos que não estavam frequentando a escola. Entrei em contato com vários alunos, no entanto, para conseguir agendar as entrevistas foi um desafio. No geral, são alunos que não querem ser encontrados, portanto os números telefônicos não são válidos, a própria escola tem dificuldade em localizar estes alunos. Dos que consegui entrar em contato, muitos não quiseram participar, alguns aceitaram e depois desistiram, muitos não participaram por medo, medo da escola ou do conselho tutelar, tinham receio que ao conversarem comigo o conselho tutelar entraria em contato novamente, mesmo eu garantido que a entrevista era sigilosa, que nem a escola, nem o conselho tutelar teriam acesso à identidade dos entrevistados.

As entrevistas realizadas foram analisadas buscando pontos de convergências e divergências nos discursos dos entrevistados. Foram três entrevistados, um deles parou de ir à escola ainda em 2015, era meu aluno, parou no segundo ano do Ensino Médio, já havia completado 18 anos e, portanto, não foi atendido pelo programa de combate à evasão, será chamado de João. A segunda entrevistada ficou 30 dias sem ir para a escola, mas retornou para a escola, está no primeiro ano do Ensino Médio e será chamada de Maria. O último entrevistado vem apresentando faltas desde o ano de 2015 e no ano de 2016 parou e não retornou para a escola, estava no primeiro ano do Ensino Médio, completou 18 anos em janeiro de 2017 e foi procurado pelo Conselho Tutelar somente uma vez, será chamado de José. As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra (anexos I, II e III)¹ para a análise, foram embasadas em um roteiro semiestruturado (anexo IV), que abordava temas como trabalho, família, drogas, relação entre estudante, família e escola.

A realização das entrevistas possibilitou ter uma visão mais aprofundada sobre o assunto da evasão escolar, confirmando ou contestando as hipóteses levantadas pelo referencial teórico e pelos dados estatísticos.

Ao separar os assuntos por blocos buscou-se identificar as semelhanças e as diferenças nos discursos dos entrevistados e a relação com os dados teóricos e estatísticos levantados.

¹ As entrevistas transcritas bem como a gravação dos áudios ficarão arquivados no laboratório do Curso de Ciências Sociais do campus Chapecó para consulta, conforme exigência do Conselho de ética da Universidade.

2 O PROBLEMA DA EVASÃO ESCOLAR

A evasão escolar é entendida como a situação do aluno que abandonou a escola ou reprovou em determinado ano letivo, e que no ano seguinte não efetuou a matrícula para dar continuidade aos estudos.

Para entender o problema da evasão escolar, é necessário antes entender que a escola é parte integrante da sociedade e é reflexo das estruturas sociais que se estabelecem. Sendo assim, a escola e a educação precisam ser analisadas levando em consideração o contexto onde estão inseridas.

Vários autores desenvolveram teses que ajudam a pensar o problema da evasão escolar e como a educação se relaciona com a vida dos estudantes e com a estrutura social estabelecida. É importante ressaltar que a análise proposta busca desnaturalizar a ideia de que o “fracasso escolar” ou a evasão é um problema do indivíduo e busca explicações da conjuntura externa ao aluno que contribuem para a evasão.

A escola foi, por muito tempo, vista pela ampla maioria das pessoas, como algo que possibilita a mobilidade social e a transformação da vida das pessoas, o principal meio para a superação das desigualdades sociais e construção de uma sociedade mais justa e igualitária (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002). No entanto, a partir do século XX, mais especificamente nos anos 60, é possível observar uma transformação desta visão principalmente pelos teóricos da área educacional que começaram a questionar a estrutura da escola inserida no atual sistema de produção. Um destes teóricos foi Pierre Bourdieu, sociólogo francês, que propõe uma nova forma de perceber a escola, não mais como um local neutro e de oportunidades iguais, mas um lugar de

reprodução e legitimação das desigualdades sociais. A educação, na teoria de Bourdieu, perde o papel que lhe fora atribuído de instância transformadora e democratizadora das sociedades e passa a ser vista como uma das principais instituições por meio da qual se mantêm e se legitimam os privilégios sociais (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002, p. 17).

Para o autor, a escola não pode mais ser vista como um fator de mobilidade social, e mostra que ela é um dos fatores mais eficazes de conservação social, fornecendo a aparência de legitimidade às desigualdades sociais, confirmando a herança cultural, tratando o dom cultural como dom natural (BOURDIEU, 2012).

“Bourdieu propôs o estudo da ação pedagógica escolar para desvelar os mecanismos de dominação simbólica que legitimam a reprodução das hierarquias que estruturam a ordem

social” (GOHN, 2012, p. 104). Para Bourdieu, as desigualdades entre os alunos não deveriam ser procuradas no desempenho deles, mas nas desigualdades sociais. “Para ele, tão importante quanto a escola é o papel da família na socialização das crianças e adolescentes. A família é fundamental na formação do capital cultural simbólico das crianças” (GOHN, 2012, p.104).

Neste sentido, Damiani, doutora em educação e professora da Universidade Federal de Pelotas - RS, desenvolveu uma pesquisa na década de 80 na cidade de Pelotas (RS) para identificar fatores de risco para o fracasso escolar. Nesta pesquisa identificou que

As escolas são transmissoras de mensagens ideológicas e traduzem as relações de poder da sociedade em um discurso pedagógico que regula as formas da consciência e da identidade de seus estudantes. Ao posicionar os estudantes de diferentes grupos (sociais, regionais, de gênero, de etnia, de religião) em diferentes níveis educacionais, por exemplo, as escolas preservam as relações estruturais que existem nas sociedades (DAMIANI, 2006, p. 466).

Nesta perspectiva, a escola elimina continuamente as crianças desfavorecidas, gerando as diferenças de êxito, que constantemente são atribuídas ao que Bourdieu denomina “diferenças de dons”. Estas diferenças estão relacionadas a ação do privilégio cultural que é transmitido pelas famílias, o que o autor denomina de capital cultural,

[...] cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural e um certo *ethos*, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre outras coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar (BOURDIEU, 2012, p. 41).

Para Bourdieu, “o capital cultural é um ter que se tornou em ser, uma propriedade que se fez corpo e tornou-se parte integrante da “pessoa”, um *habitus*” (BOURDIEU, 2012, p. 74). Sendo assim, a herança cultural é diferente de acordo com a classe social a qual o sujeito pertence, e é responsável pela forma como as crianças se relacionam com a vivência escolar e com suas diferenças iniciais, influenciando nas taxas de êxitos. Estas diferenças estão relacionadas com o que é categorizado como “rendimento escolar” e influencia na aproximação e apropriação dos conhecimentos, já que a linguagem escolar não é de todo conhecida pelos estudantes oriundos das classes populares, gerando um sentimento de não pertencimento, já que são vistos como incultos.

Em seu livro “Os herdeiros os estudantes e a cultura”, Bourdieu relaciona o nível de escolaridade dos pais com o acesso dos estudantes à Universidade e contribui para pensar como este fator influencia também na vida escolar. Para ele quanto mais desfavorecida é uma classe, mais difícil o acesso dos estudantes à educação.

[...] o sistema escolar opera, objetivamente, uma eliminação ainda mais total quando se vai em direção às classes mais desfavorecidas. Mas raramente se percebem certas formas ocultas de desigualdade diante da escola como a relegação dos filhos das classes baixas e médias a algumas disciplinas e o atraso ou a repetência nos estudos (BOURDIEU, 2014, p. 16).

A análise mostra que filhos de pais com nível salarial mais elevado têm 80% mais chances de entrar em uma universidade do que filhos de operários. Nessa perspectiva, o desempenho escolar está relacionado com as questões culturais e sociais dos pais dos estudantes.

Para o autor, o filho de um pai em quadro superior tem duas vezes mais chances de êxito escolar, e vê a entrada na universidade como algo banal e cotidiano, ao contrário do filho de um pai operário, que tem duas vezes menos chances de chegar à universidade.

A falta de perspectiva é algo latente, principalmente nas camadas mais baixas da população, os jovens não conseguem ver possibilidade de transição entre as classes e o alcance de objetivos mais ousados. Este fator foi identificado em uma pesquisa realizada por Janaina Costa (2007), psicóloga, mestre em Ciências Sociais, onde jovens e adolescentes de uma favela da região leste de Belo Horizonte participaram de um grupo de orientação profissional entre os anos 1999 e 2004. Na ocasião, os jovens apresentaram insatisfação com os professores que os achavam incultos e marginais, relatando que estudavam por obrigação, pois não viam na educação uma possibilidade de realização profissional, o futuro era algo predeterminado, seguiriam as profissões de seus pais, os meninos se tornariam serventes de pedreiros ou então fariam bicos, e as meninas viam na gravidez uma forma de ganhar alguma pensão ou até mesmo cogitavam a prostituição como forma de sobrevivência. Os alunos que ambicionavam fazer uma faculdade eram ridicularizados pelos colegas e desacreditados pelos próprios familiares.

A escolha da carreira é baseada nas condições e objetivos da família, que reproduz esta estratificação (GIRARD, A. & BASTIDE, H (1963) apud BOURDIEU, 2012). O destino dos estudantes é, com frequência, “lembrado pela experiência direta ou mediata e pela estatística intuitiva das derrotas ou dos êxitos parciais das crianças do seu meio [...]” (BOURDIEU, 2012, p. 47).

Estas condições influenciam no comportamento e atitude em relação à escola, para Bourdieu, enquanto não houver chances objetivas de êxito, o desejo de ascensão estará comprometido.

Quanto mais raras as chances de se chegar ao nível superior, maior a propensão de abandonar os estudos. (BOURDIEU, 2012). A forma como os alunos veem a escola está relacionado com o significado que lhe atribuem a partir de sua condição social. Bourdieu acredita que “de todos os fatores de diferenciação, a origem social é sem dúvida aquele cuja influência exerce-se mais fortemente sobre o meio estudantil, mais fortemente em todo caso que o sexo e a idade e sobretudo mais do que um ou outro fator claramente percebido [...]” (BOURDIEU, 2014, p. 27).

Para o autor, a escola contribui para a reprodução e manutenção das desigualdades sociais, quando ignora nas questões de conteúdos, métodos e técnicas de transmissão destes conteúdos, as diferenças existentes entre os alunos e os trata como sendo iguais em questões culturais. Essa igualdade que pauta as práticas pedagógicas esconde e justifica a indiferença em relação às desigualdades existentes frente ao ensino da cultura transmitida, ou exigida (BOURDIEU, 2012).

Em uma perspectiva mais contemporânea, Marília Sposito, pedagoga e doutora em Educação, analisa a juventude dentro da sociedade atual, explorando as diferentes variáveis que influenciam na vida dos jovens brasileiros. Segundo a autora, primeiramente deve-se entender que o processo de educação escolar como o conhecemos hoje não pode ser comparado com o passado, justamente por ser algo novo. Sendo assim, não se pode falar em “perda de qualidade” da educação, já que as camadas populares não tinham acesso à educação antes da expansão do acesso. “Para a população que recentemente conseguiu o acesso à escola, não há termos de comparação em relação a um passado em que esse direito não existia” (SPOSITO, 2008, p. 85). Para ela, embora tenha ocorrido avanços nos últimos anos, o sistema escolar ainda está muito longe da população jovem, uma parcela significativa ainda não tem possibilidades de acesso efetivo e de permanência por conta das condições precárias de vida (SPOSITO, 2008).

Para a autora, é muito importante entender que a juventude é uma fase de transição da infância para a vida adulta, onde se inicia a busca pela autonomia e onde se constrói os elementos da individualidade. “A moderna condição juvenil na sociedade ocidental sempre foi caracterizada pela manutenção de relações importantes, embora diversas, entre duas agências primordiais da reprodução social: a família e a escola” (SPOSITO, 2005, p. 3). Nesse momento da vida, a escola se estabelece como importante elemento para garantir a reprodução cultural e social de diversos grupos e classes. Há também, neste momento uma transição da vida privada para a vida pública, com diminuição da presença adulta, ao se

intensificar as relações com o outro e se ampliar as experiências de vida, o resultado é a inserção no mundo do trabalho (SPOSITO, 2005).

Com a intensificação do capitalismo e do trabalho assalariado, a escolaridade já não é mais garantia de entrada no mundo do trabalho, principalmente no mercado formal de ocupações e em relação aos grupos menos favorecidos, que geralmente acessam mais tardiamente “aos degraus mais elevados do sistema de ensino” (SPOSITO, 2005, p. 4).

A relação do jovem com o mundo do trabalho se materializa em pesquisa realizada pela autora. A maioria dos jovens entrevistados estão associados ao trabalho, 36% trabalhavam no momento da pesquisa, 40% disseram estar desempregados e apenas 24% não estavam em categoria economicamente ativa, dos quais 19% só estudam e 5% não estudam nem trabalham. Mesmo com estes dados, a autora salienta que não há relação entre maior escolaridade e acesso ao mundo do trabalho, ainda é muito difícil para os jovens conseguirem inserção ocupacional. Este fator também reflete na delimitação das ações dos jovens em relação à escola e ao mundo do trabalho, e a atribuição de significado à instituição escolar (SPOSITO, 2005). Vale ressaltar que, tradicionalmente, o ensino médio (ensino secundário) foi projetado para preparar os jovens de classe média para a universidade, no entanto, para a maioria dos segmentos populares, concluir o ensino médio é uma grande vitória, “eles, certamente, integram a geração mais escolarizada da família, superam seus pais em termos de anos de frequência à escola” (SPOSITO, 2008, p. 87).

No entanto há um paradoxo “já no início da expansão recente do acesso à escola sob o ponto de vista dos jovens: de um lado o forte reconhecimento de que a escolaridade é fundamental e, ao mesmo tempo, a ausência de sentido imediato para essa escola. Ocorre uma espécie de dialética entre o sentido possível do projeto escolar que se volta para o futuro e a ausência de sentido do tempo escolar presente” (SPOSITO, 2005 apud SPOSITO 2008, p. 87).

Para a autora, “não se pode configurar nem uma adesão linear à escola ou um abandono ou exclusão total de aspirações de escolaridade no âmbito das orientações dos jovens que trabalham. Assim, para os jovens brasileiros, escola e trabalho são projetos que se superpõem ou poderão sofrer ênfases diversas de acordo com o momento do ciclo de vida e as condições sociais que lhe permitam viver a condição juvenil” (SPOSITO, 2005, p. 14). Ao passar pelo ensino médio cria-se um vácuo, já que não há pretensões imediatas de continuidade de estudos, mas também não há garantia de colocação no mundo do trabalho, já

que os índices de desemprego juvenil são, significativamente, mais altos do que os da população adulta (SPOSITO, 2008).

Em pesquisa realizada por Marcelo Neri, PhD em economia e fundador do Centro de Políticas Sociais (CPS-FGV), nas principais metrópoles do país no ano de 2008, identificou-se que “em geral, regiões com mais oportunidades atraem mais jovens para fora da escola. Ou seja, as chances de saída da escola aumentam à medida que aumentam também as possibilidades de trabalho” (NERI, 2009, p. 12).

É na combinação da demanda agregada de trabalho com a necessidade individual de adolescentes pobres suprirem sua renda que encontramos as maiores taxas de abandono escolar. Ou seja, a evasão escolar é pior quando se junta a oportunidade de trabalho com a carência de renda (NERI, 2009, p. 15).

Para ele, os pais ou os próprios jovens, tem que escolher entre mandar os filhos para a escola, para a escola e trabalho, ou apenas para o trabalho.

Esta escolha depende do custo de oportunidade trabalhista presente do tempo da criança versus o valor que se pode antecipar em relação ao novo fluxo de rendimentos futuros que decorrerão da acumulação de mais capital humano (NERI, 2009, p. 23).

Para Sposito, o grande problema da relação entre trabalho e escola é que “quanto mais cedo ocorrer a entrada no mundo do trabalho, menor será a escolaridade e o tipo de ocupação tende a se situar no interior das menos qualificadas e mais precárias” (SPOSITO; GALVÃO, 2004, p. 348).

A autora também analisa em suas pesquisas que o estudante tem dificuldade em atribuir um valor a educação que vá além do fato de preparar para a universidade, não conseguem ver um valor em si mesmo. Sabem que é importante para o futuro, mas não se sentem atraídos pela escola (SPOSITO; GALVÃO, 2004).

Dentre os temas abordados pela autora também encontra-se a relação entre alunos e professores, e como os alunos percebem o trabalho do professor. Em sua pesquisa identificou que o aluno espera que o professor instigue o conhecimento e não apenas transmita o conhecimento, que o professor valorize as contribuições dos estudantes e os integrem na construção das aulas. A forma como o alunos e professores se relacionam influencia diretamente a forma como aluno se relaciona com a escola e com a educação. Durante a pesquisa, “inúmeras foram as críticas ao professor que “vai dar aula por obrigação”, que diz “que está na escola por dinheiro”, que “nem disfarça” sua falta de compromisso. Ao que

parece, a valorização do atributo “gostar da profissão” expressava a demanda por um adulto “bem situado”, coerente com suas escolhas; que mantenha um vínculo afetivo com o seu fazer cotidiano e com os seus alunos. Logo, na percepção dos jovens, o envolvimento do professor com o aluno e com o seu ofício foi posto como condição para que se envolvam com a matéria” (SPOSITO; GALVÃO, 2004, p. 363).

Nesse mesmo sentido, salienta a importância de se tratar os alunos de forma igual, não privilegiando uns em detrimento de outros, principalmente no que diz respeito às dificuldades de aprendizado, lugar físico ocupado na sala e comportamento (o mais quieto ou o mais bagunceiro), lembrando que o aluno é um indivíduo dotado de conhecimento, opiniões e interesses. Ao se esquecer isso, o professor pode criar uma barreira que prejudicará no aprendizado e na relação entre aluno e escola. “Um dos aspectos mais citados como prática de humilhação diz respeito ao processo e ao julgamento escolar sobre o aluno: não ter paciência com as dúvidas, ridicularizar perguntas formuladas em sala de aula sobre os conteúdos, expor resultados de avaliação citando nominalmente os alunos em público. O insucesso escolar chega a ser admitido porque se sentem coautores desse fracasso, mas o fracasso tornado público é insuportável pois expõe e destrói para o outro uma imagem positiva de si” (SPOSITO; GALVÃO, 2004, p. 372).

Dentre outros temas abordados pelos alunos na pesquisa realizada por Sposito, se encontra o problema da violência escolar, principalmente entre os alunos, o que acaba influenciando diretamente na relação que os estudantes estabelecem com a escola, além dos problemas com drogas e indisciplina (SPOSITO; GALVÃO, 2004).

Outro fator importante é entender que a escola não acompanha o desenvolvimento do restante da sociedade, se tem alunos do século XXI em escolas do século XIX, há um choque de interesses e motivações. Muitas vezes se olha para o problema da evasão e se elimina os fatores externos ao indivíduo, no senso comum a “tônica é a culpabilização do indivíduo pelo fracasso na escola, mediante a utilização de expressões como ‘aluno preguiçoso’, ‘vagabundo’, ‘não quer nada com nada’, ‘não ficam quietos como antigamente’ e ‘a família não impõe limites’” (FERRÃO; AULER, 2012, p. 154).

Luciana Ferrão e Décio Auler, desenvolveram pesquisa sobre evasão escolar no Rio Grande do Sul e salientam que a escola surge em um contexto de industrialização e que neste contexto foi necessário que a educação escolar se sobressaísse sobre outras instituições que também tinham o papel de educar, como a família e a igreja. Isso foi feito através da construção de prédios para este fim específico. “Semelhante a fábricas, a escola, já à época de

seu surgimento, possui uma organização fragmentada a fim de atender um maior número de estudantes. E, desde então, conserva essa característica. Muitas das relações, na escola, ainda se caracterizam pelo modelo fordista/ taylorista” (FERRÃO; AULER, 2012, p. 155).

Os autores exemplificam essa relação entre escola e fábrica no que diz respeito às funções estabelecidas para cada um nas escolas. Os professores, por exemplo, têm a função de “cumprir programas vencer conteúdos”. Outro reflexo está nas rotinas escolares, hora para entrar, hora para sair, divisão das aulas em tempos cronometrados e a fragmentação do conhecimento em matérias, “conhecimentos disciplinares sem sentido para o estudante, sem conexão com sua experiência de vida”. O aluno, neste contexto, se torna um produto, mas diferente de um produto inanimado, pode recusar este modelo. “Ele pode reagir, tornar-se “indisciplinado” ou ir embora”. Cabe ao professor, tentar “controlar a turma”, “manter a disciplina” (FERRÃO; AULER, 2012, p. 156).

Nesta perspectiva, os autores salientam a importância de problematizar os fatores escolares que levam à evasão escolar, não apenas os aspectos sociais, mas os fatores que estão ligados à estrutura escolar. “Talvez o abandono (evasão) esteja, acima de tudo, relacionado a não adaptação do jovem à padronização, ao controle imposto pela organização espaço-temporal da escola” (FERRÃO; AULER, 2012, p. 157). Além disso, outro fator observado pelos autores é o desinteresse pelos conteúdos “passados” pelos professores, que não instigam o interesse do aluno, o aluno não consegue relacionar os conteúdos com a sua vida cotidiana, gerando um desinteresse.

Outro autor que problematiza este controle dos estudantes exercido pelas escolas é Michel Foucault. No seu livro *Vigiar e punir*, no capítulo “Os corpos dóceis”, o autor analisa a forma como os indivíduos são “controlados” e “disciplinados” ao longo da vida, onde se estabelece “cada indivíduo no seu lugar; e cada lugar, um indivíduo” (FOUCAULT, 2010, p.138),

A forma como a escola é organizada reflete este modelo disciplinar e controlador, horários de entrada e de saída, disposição dos alunos em sala de aula, grades nas salas, muros que a isolam, aprendizagem controlada pelo tempo e a ocupação dos espaços pelos indivíduos sendo controladas e planejadas.

Segundo Foucault,

A ordenação por fileiras, no final do século XVIII, começa a definir a grande forma de repartição dos indivíduos na ordem escolar: filas de alunos na sala, nos corredores, nos pátios; colocação atribuída a cada um em relação a cada tarefa e cada prova; colocação que ele obtém de semana em semana, de mês em mês, de ano

em ano; alinhamento das classes de idade umas depois das outras; sucessão dos assuntos ensinados, das questões tratadas segundo uma ordem de dificuldades crescente. E nesse conjunto de alinhamentos obrigatórios, cada aluno segundo sua idade, seus desempenhos, seu comportamento, ocupa ora uma fila, ora outra; ele se desloca o tempo todo numa série de casas; umas ideias, que marcam uma hierarquia do saber ou das capacidades, outras devendo traduzir materialmente no espaço da classe ou do colégio essa repartição de valores ou dos méritos. Movimento perpétuo onde os indivíduos substituem uns aos outros, num espaço escondido por intervalos alinhados (FOUCAULT, 2010, p. 141).

Para o autor, determinar os lugares dos indivíduos possibilitou o controle de cada um de forma simultânea. O espaço escolar se tornou uma máquina de ensinar, de vigiar, de hierarquizar e de recompensar, onde o classificador é o professor.

O controle do tempo, assim como nas fábricas, também é primordial para o controle dos indivíduos no interior da escola, no entanto, procura-se também garantir a qualidade do tempo, para isso é necessário “controle ininterrupto, pressão dos fiscais, anulação de tudo o que possa perturbar e distrair; trata-se de constituir um tempo integralmente útil” (FOUCAULT, 2010, p. 145).

[...] o mecanismo complexo da escola mútua se construirá uma engrenagem depois da outra: confiaram-se primeiro aos alunos mais velhos tarefas de simples fiscalização, depois de controle do trabalho, em seguida, de ensino; e então no fim das contas, todo o tempo de todos os alunos estava ocupado seja ensinando seja aprendendo. A escola torna-se um aparelho de aprender onde cada aluno, cada nível e cada momento, se estão combinados como deve ser, são permanentemente utilizados no processo geral de ensino (FOUCAULT, 2010, p. 159).

O comportamento também precisa ser controlado, deseja-se “poucas palavras, nenhuma explicação, no máximo um silêncio total que só seria interrompido por sinais” (FOUCAULT, 2010, p. 160).

Com todos estes mecanismos de controle, a escola se torna máquina de vigilância e controle dos corpos. A escola foi inventada para disciplinar e governar os sujeitos modernos, dispensando o uso da violência, valendo-se de métodos sutis de persuasão que agem de forma indireta sobre suas escolhas, seus desejos e sua conduta (VALEIRÃO; OLIVEIRA, 2009).

A escola, em sua constante busca pelo enquadramento dos sujeitos, normatiza o tempo, produzindo sujeitos autocontrolados. Ao normatizar o tempo, a escola passa a exigir que todos internalizem, apreendam esse tempo que serve como medida comum para todos, determinando a aprendizagem dos sujeitos e excluindo aqueles que não se enquadram nesse tempo (VALEIRÃO; OLIVEIRA, 2009).

Portanto, os alunos que não se enquadram neste sistema, são considerados indisciplinados, desordeiros, problemáticos. Geralmente estes alunos não se enquadram nas

rotinas escolares, sendo assim, restam a eles serem vistos com frequência nas coordenações das escolas ou então se evadirem.

Levando em consideração os temas abordados até aqui, entende-se que a educação não pode ser estudada como um fator isolado, mas precisa ser analisado como parte integrante de uma sociedade cuja estrutura social interfere na educação, que os alunos são indivíduos que sofrem interferências externas e que estas interferências são levadas para o ambiente escolar, que muitas vezes não está preparado para trabalhar com todos os fatores que permeiam a vida social. As análises de Bourdieu permitem analisar fatores externos à escola, como família e condições sociais, enquanto análises como de Sposito e Foucault permitem analisar fatores internos da escola, como a relação com colegas e professores e a estrutura escolar. Fatores estes que podem levar à evasão e ao insucesso escolar.

3 PROGRAMA DE COMBATE À EVASÃO ESCOLAR EM SANTA CATARINA

O problema da evasão escolar que está presente em todo o território nacional, fez com que em 2001 o Ministério Público de Santa Catarina criasse um projeto de combate à evasão escolar. Neste capítulo serão analisados os índices de Evasão escolar de acordo com o Censo Escolar, de 2010 à 2015, além dos dados disponibilizados pelo Ministério Público através do programa de combate à evasão. Serão apresentados também relatórios das visitas realizadas em órgão envolvidos no programa, como Conselhos Tutelares e Centros de referência em Assistência Social (CRAS) da cidade de Chapecó. O capítulo tem o objetivo de mostrar em que contexto surge este programa e discutir a efetividade do mesmo.

Segundo dados do Ministério Público (2014), em Santa Catarina, entre 1992 e 1999 pelo menos 5% das crianças e adolescentes abandonavam a escola. Das crianças que iniciavam o ensino fundamental, 49,11 % não completavam a 8ª série em 1999. Diante desta situação, em 2001, o Ministério Público de Santa Catarina (MPSC), criou o programa Aviso Por Infrequência de Aluno (APOIA), que é realizado em parceria com os seguintes órgãos: Ministério Público de Santa Catarina, Secretaria de Estado de Educação, Secretarias Municipais de Educação, União dos Dirigentes Municipais de Educação, Federação Catarinense dos Municípios e Associação Catarinense dos Conselhos Tutelares e tem o objetivo de promover o regresso de crianças e adolescentes dos 4 aos 17 anos à escola, além de atuar preventivamente para garantir a permanência dos alunos na escola (Ministério Público, 2016).

Quando a criança ou adolescente apresenta falta de 5 dias consecutivas ou 7 faltas intercaladas durante o mês a escola procura os pais. Caso o aluno não retorne para a escola em uma semana, a escola encaminha o caso para o conselho tutelar que têm 15 dias para buscar uma solução com o aluno, pais e escola. Se o aluno continuar faltando, o caso é levado para o Ministério Público, onde o primeiro objetivo é encontrar um acordo (Ministério Público, 2016).

Cada órgão envolvido no processo age de determinada forma, a escola identifica a infrequência do aluno pelos diários de classe, entra em contato com a família para identificar o motivo e negociar a volta do aluno à escola, não obtendo sucesso passa para a próxima instituição, que é o Conselho Tutelar, que fará a visita na casa do aluno para saber o motivo da infrequência, e aplica as medidas necessárias. Quando o aluno não retorna para escola, o Conselho Tutelar encaminha o caso para o Ministério Público. Dentre as medidas adotadas estão: acompanhamento do aluno ou advertência aos pais pelo Ministério Público ou

Conselho Tutelar, encaminhamento à programas sociais, acompanhamento dos pais ou do aluno por médicos, psicólogos ou psiquiatras, denúncia dos pais por crime de abandono intelectual (Ministério Público, 2016).

Em visita ao Conselho Tutelar Sul, no dia 10 de maio de 2016, a conselheira, questionada sobre os motivos que levam à evasão, relatou, com base nos casos que atende, que as famílias não entendem a importância da escola, que isso é um direito da criança e do adolescente. Grande maioria dos casos são de famílias com pais sem escolaridade, que frequentaram até a 4ª série e que se o filho frequentou até a 9ª série já está bom, já sabe ler e escrever e já está grande e pode trabalhar para ajudar em casa.

Outro fator, segundo ela, é a superproteção. Os pais não conseguem enxergar o fato de que os filhos precisam ser educados, não conseguem desenvolver valores básicos com os filhos. Em outros casos é a negligência, pais que não se preocupam mais com os filhos.

A escola também é culpabilizada pela evasão pois, segundo a conselheira, ela possui uma estrutura defasada, atrasada, e não consegue trabalhar com as diferenças e com as características das novas gerações.

A conselheira tutelar, do Conselho Tutelar Norte, visitada no dia 12 de maio de 2016, disse que os casos mais complicados são os que os adolescentes se apresentam resistentes em ir para a escola e que os fatores que mais influenciam são o uso e o tráfico de drogas e famílias desestruturadas que acabam causando desânimo no estudante.

Muitas famílias são encaminhadas pelo Conselho Tutelar ao Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) que visita as famílias para acompanhamento. No CRAS do bairro Cristo Rei da cidade de Chapecó, visitado no dia 10 de maio de 2016, é realizado um grupo com as famílias, coordenado pela psicóloga e a pedagoga do local que fazem acompanhamento, uma reunião a cada 15 dias com duração de 1h30min, onde são feitas discussões e conversas com o objetivo de fortalecer os vínculos familiares. A psicóloga concorda com a Conselheira tutelar e relatou que um dos motivos da evasão é o fato de os pais sem escolaridade não perceberem a importância da escola, se já sabem ler e escrever está ótimo. Outro fator é o envolvimento com o consumo e tráfico de drogas que muitas vezes está relacionado com a necessidade de renda imediata. Para ela, as crianças e adolescentes são reflexos das famílias, ainda são muito influenciados pelo meio o que dificulta tomadas de decisões conscientes.

Segundo a psicóloga, muitos pais relatam que não conseguem mais “dar conta” do filho, que eles não obedecem mais. Neste grupo busca-se entender em que momento isso

aconteceu, e porque, tenta-se fortalecer os vínculos familiares desde a infância. O grupo é temporário, está sempre mudando de componentes (famílias) e, segundo a psicóloga responsável, tem mostrado resultados significativos, com a volta de estudantes para a escola, no tempo de sua execução.

Até 2013, os Avisos Por Infrequência de Aluno (APOIA), eram feitos de forma manual, com o preenchimento de formulários que eram repassados entre os órgãos envolvidos. Em 2014 é lançado o APOIA online que possibilitou a integração, em tempo real, de todas as entidades envolvidas no programa e também a tabulação e verificação dos dados. Os dados de 2001 à 2013 não foram tabulados e incluídos no sistema online, sendo assim, os dados apresentados são do período posterior à 2013. Por esse motivo, houve a necessidade de buscar fontes alternativas para a análise dos dados, como o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) que apresenta dados do Censo escolar de Chapecó, Santa Catarina e Brasil entre os anos de 2010 e 2015.

De acordo com dados do Censo Escolar, em Chapecó entre os anos de 2010 e 2015 o índice de evasão escolar se manteve o mesmo, tendo uma diminuição de 12% em 2011 para 7,3% em 2013, voltando para 11,7% em 2015. Em Santa Catarina a principal variação está no ano de 2011 que alcançou 10,1%, diminuindo para 8,7% em 2012, mesmo índice de 2015. O cenário nacional se apresenta de forma diferente. Em 2010 o índice de evasão chegou à 16,8% mas diminui 5,8%, chegando à 11% em 2015. O Censo escolar entende como evasão a situação do aluno que abandonou a escola ou então reprovou em um ano letivo e não se matriculou no ano seguinte para continuar os estudos.

Tabela 1 - Índice de Evasão escolar entre 2010 e 2015 em Chapecó, Santa Catarina e Brasil

Chapecó		Santa Catarina		Brasil	
Ano	Índice de Evasão	Ano	Índice de Evasão	Ano	Índice de Evasão
2010	11,4%	2010	8,7%	2010	16,8%
2011	12%	2011	10,1%	2011	15,3%
2012	7,8%	2012	8,7%	2012	14,7%
2013	7,3%	2013	9,0%	2013	12,9%
2014	8,9%	2014	7,8%	2014	12,2%
2015	11,7%	2015	8,7%	2015	11,0%

Fonte: Adaptado de QEdu, 2016.

Enquanto no Brasil o índice de evasão apresenta uma diminuição significativa neste período, em Santa Catarina e Chapecó isso não ocorre, mesmo com a criação do programa APOIA. Em Chapecó o índice se apresenta maior que no Brasil e em Santa Catarina.

O estado da federação que apresenta o menor índice de evasão em 2015 é São Paulo, com 4,7%, São Paulo foi o estado com o menor índice em todo o período. Santa Catarina, que em 2010 era o segundo estado com o menor índice, em 2015 passou a ser o sétimo. Em 2010, o estado com o maior índice era Alagoas, com 36%. Já em 2015 foi o estado do Pará, com 26,4%.

Tabela 2 - Índice de Evasão escolar entre 2010 e 2015 nos estados brasileiros

Estado	2010	2011	2012	2013	2014	2015
São Paulo	6,20%	6,40%	6,40%	6,60%	6,00%	4,70%
Rio de Janeiro	18,30%	14,70%	11,10%	9,00%	9,00%	6,70%
Pernambuco	21,10%	18,80%	15,10%	11,00%	9,00%	6,80%
Distrito Federal	9,00%	9,90%	10,40%	7,70%	7,70%	6,90%
Espírito Santo	10,90%	11,40%	10,30%	10,20%	9,70%	7,30%
Goiás	19,70%	12,70%	12,80%	9,40%	9,00%	8,70%
Santa Catarina	8,70%	10,10%	8,70%	9,00%	7,80%	8,70%
Minas Gerais	13,20%	13,10%	12,60%	11,30%	10,20%	9,20%
Rio Grande do Sul	14,00%	13,00%	13,20%	11,60%	10,70%	9,40%
Paraná	10,80%	9,40%	9,50%	9,50%	9,70%	10,05%
Ceará	16,50%	17,00%	14,50%	12,60%	11,60%	10,50%
Tocantins	11,80%	11,90%	10,80%	10,10%	11,80%	11,30%
Mato Grosso do Sul	17,00%	16,00%	15,90%	14,40%	13,00%	13,00%
Rondônia	18,50%	17,80%	17,20%	15,90%	14,60%	14,10%
Maranhão	23,40%	21,30%	19,70%	17,80%	16,70%	14,60%
Mato Grosso	13,40%	13,70%	15,40%	15,40%	13,80%	14,80%
Acre	21,30%	18,90%	17,10%	15,60%	16,30%	15,60%
Roraima	12,50%	13,00%	18,60%	14,70%	13,70%	15,80%
Bahia	29,50%	23,80%	25,50%	17,80%	19,40%	16,00%
Amapá	21,90%	21,50%	25,20%	21,00%	19,00%	17,00%
Piauí	24,90%	22,50%	24,50%	19,40%	20,10%	17,30%
Rio Grande do Norte	29,10%	30,90%	26,80%	23,10%	17,40%	18,20%
Amazonas	24,00%	22,80%	23,70%	22,20%	21,40%	19,60%
Paraíba	34,00%	30,40%	28,00%	23,40%	22,70%	20,70%
Sergipe	26,40%	22,90%	23,90%	21,90%	23,00%	22,60%
Alagoas	36,00%	34,70%	34,00%	28,40%	26,30%	24,80%
Pará	32,30%	28,60%	26,90%	26,30%	25,60%	26,40%

Fonte: Adaptado de QEdu, 2016.

Segundo dados do Ministério Público de Santa Catarina, mais especificamente do APOIA², no período de 2013 à outubro de 2016, o programa já registrou 70.854 ocorrências no APOIA para 55.259 alunos. A diferença entre o número de alunos e o número de ocorrências mostra que alguns alunos foram acompanhados pelo programa por mais de uma vez durante este período. 38.802 das ocorrências tiveram êxito. Dos 55.259 alunos, 30.298 voltaram para escolas, no entanto 24.961 não retornaram, ou seja, 45,17% dos alunos dos alunos atendidos.

Figura 1 – Número total de Ocorrências registradas no APOIA em Santa Catarina de 2013 à Outubro de 2016³



Fonte: Informações cedidas pelo Ministério Público de Santa Catarina, 2016.

É necessário salientar que o sistema ainda é recente e apresenta algumas limitações. É possível perceber alguns erros causados pelo preenchimento incorreto dos dados, como é o caso do ano, já que o sistema apresenta casos registrados no ano de 1753, 2106, 2008 e 2020.

² Todos os dados do Ministério Público foram obtidos com uma Técnica do Ministério Público de Santa Catarina, que encaminhava os dados via e-mail conforme a necessidade da pesquisa.

³ O campo “Ocorrências APOIA” se refere ao número de ocorrências registradas no sistema. “Ocorrências com Êxito” são as ocorrências em que o aluno retornou para a escola. “Alunos APOIA” são alunos que foram cadastrados no sistema. “Alunos Voltaram” são alunos que retornaram para escola depois do atendimento. “Municípios APOIA” são quantos municípios estão utilizando o sistema APOIA. “Municípios Convênio” são aqueles que utilizam o Sistema e assinaram o Termo de Adesão, com o MPSC, Escolas e Conselho Tutelar do município. “Escolas com APOIA” é o número de escolas que registraram APOIA.

Figura 2 – Número total de Ocorrências registradas no APOIA em Chapecó de 2013 à Outubro de 2016



Fonte: Informações cedidas pelo Ministério Público de Santa Catarina, 2016.

Neste mesmo período, de 2013 à Outubro de 2016, em Chapecó foram 1.877 ocorrências com 1.532 alunos. Destes, 759, voltaram às aulas, o que representa um êxito de 49,54%. Sendo assim, 773, ou seja, 50,46% não retornaram às atividades escolares. A taxa de êxito em Chapecó é um pouco menor que em relação à Santa Catarina. A diferença é de 5,29%, deixando Chapecó abaixo da média estadual.

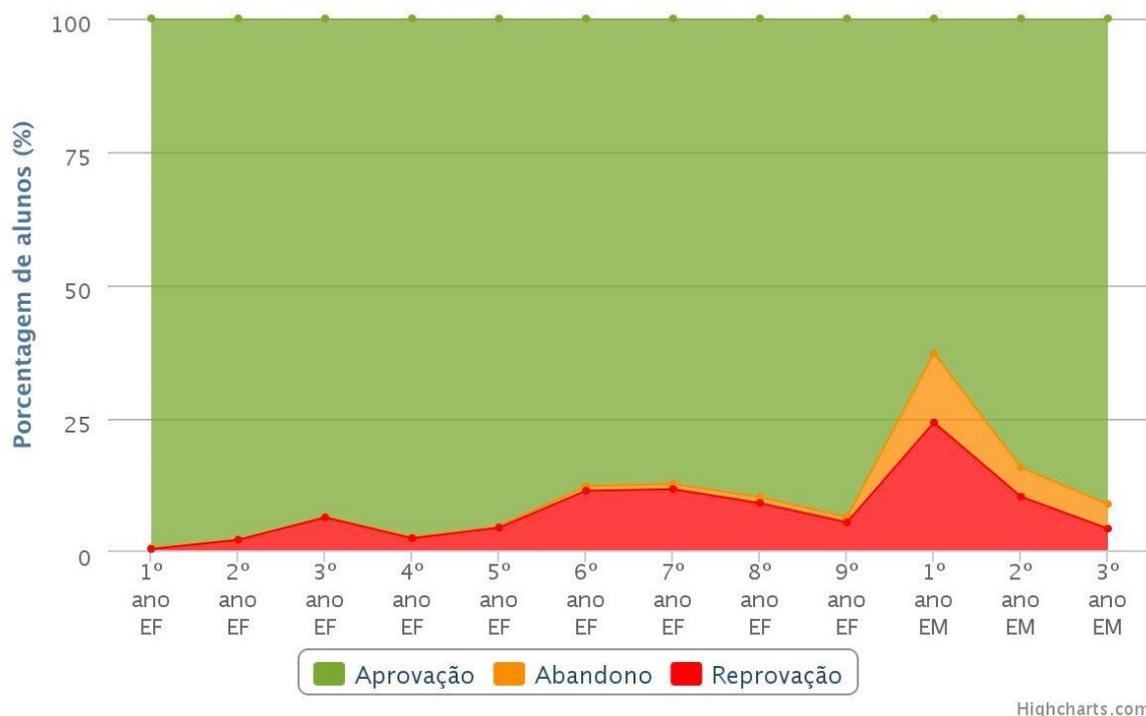
Em 2015, segundo dados do Censo escolar (INEP, 2015), o número de matrículas nas escolas básicas públicas e privadas de Santa Catarina foi de 1.244.262 alunos, neste ano o número de APOIAS registrados em Santa Catarina foi de 28.470 casos para 24.454 alunos. Destes, 14.610 (59,8%) retornaram para a escola, 40,2% não retornaram. Significa que 2,28% dos alunos matriculados foram registrados no sistema. No entanto, a taxa de alunos evadidos é maior do que a taxa apresentada pelo programa. A taxa de alunos evadidos em Santa Catarina em 2015, segundo dados do Censo Escolar, foi de 8,7%, somados os alunos dos anos iniciais, anos finais do ensino fundamental e ensino médio (INEP, 2015).

A maior taxa se encontra no ensino médio, 7,5%, especificamente no primeiro ano do ensino médio, onde também ocorre o maior número de reprovações. Destes 7,5%, 13% evadem no primeiro ano, onde há 24,3% de reprovação (INEP, 2015)⁴.

⁴ Os dados do Censo Escolar foram compilados pelo portal QEduc.

Esses dados mostram que 6,4% dos alunos evadidos em Santa Catarina não foram atendidos pelo programa.

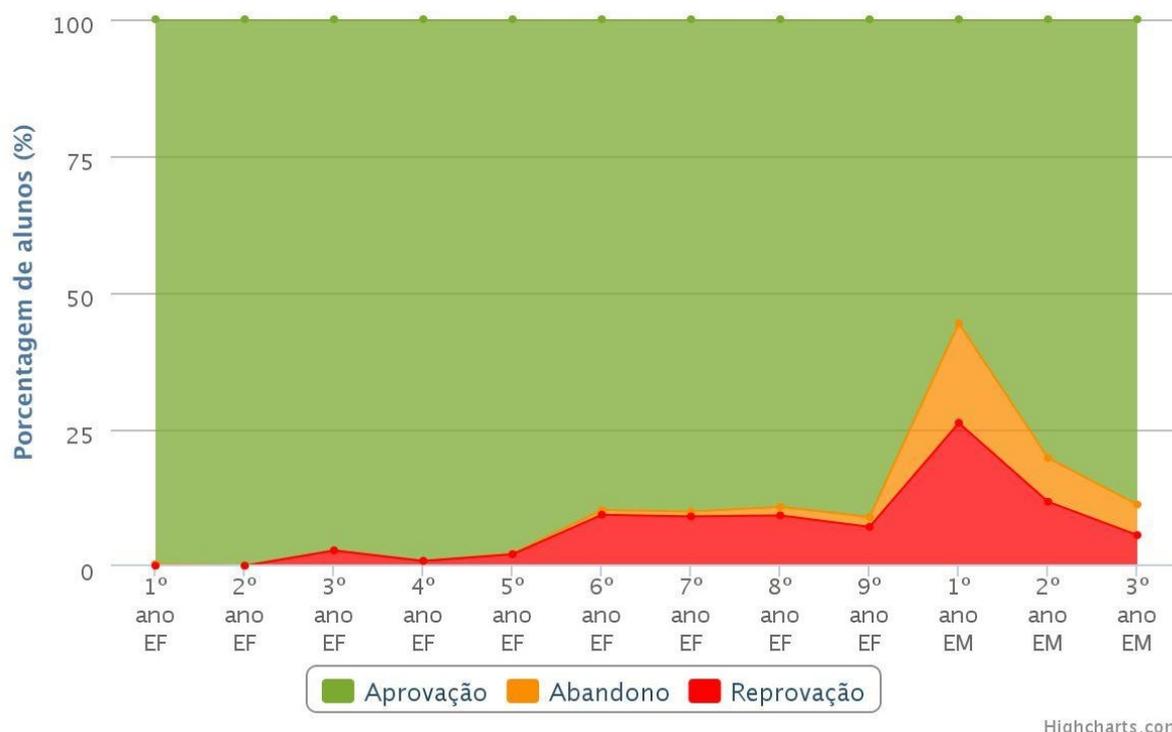
Figura 3 – Taxa de Rendimento por Etapa Escolar – Santa Catarina em 2015



Fonte: QEdu, 2016.

Em Chapecó, a taxa de evasão chegou a 11,7% de 38.146 alunos matriculados na educação básica. A maior taxa também ocorreu no Ensino Médio, com predominância no primeiro ano do Ensino Médio.

Figura 4 – Taxa de Rendimento por Etapa Escolar - Chapecó em 2015



Fonte: QEdu, 2016.

O número de atendidos pelo APOIA em Chapecó no ano de 2015 foi de 574 alunos, com 659 ocorrências, representando uma taxa de 1,50% do total de matrículas. Destes, 41,4% destes alunos não retornaram. Os índices de Chapecó e Santa Catarina se mostram semelhantes no que diz respeito ao índice de retorno e de predominância de evasão no primeiro ano do ensino médio.

A diferença da taxa de alunos atendidos pelo APOIA para o número de evadidos disponibilizados pelo Censo Escolar, mostra que o sistema ainda não alcançou total efetividade. Em Chapecó mais de 10% dos alunos evadidos não foram atendidos pelo programa.

Figura 5 – Número de Ocorrências no ano de 2015 em Chapecó



Fonte: Informações cedidas pelo Ministério Público de Santa Catarina, 2016.

No dia 09 de Junho de 2016 aconteceu um encontro, promovido pelo Ministério Público de Santa Catarina, na cidade de Chapecó que reuniu representantes de diversas escolas de Chapecó e região e representantes do Ministério Público de Chapecó e de Santa Catarina, e dos CRAS para tirar dúvidas das escolas em relação ao APOIA. Na ocasião, muitos representantes escolares demonstraram dúvidas em relação ao funcionamento do sistema online e de que forma os APOIAs deveriam ser cadastrados. Muitas escolas, até aquele momento, continuavam emitindo os avisos e enviando para as demais instituições de forma manual, porque “achavam mais fácil”. No entanto, esta prática prejudica o levantamento dos dados e a efetividade da utilização dos dados para pensar melhorias na educação a partir deste programa. Somente no ano de 2015 várias ocorrências não foram registradas no sistema online. Ao separar estes casos por escola, é possível observar que muitas escolas, onde ocorreram APOIAs, não foram listadas. Por exemplo, a escola EEB Prof^a Irene Stonoga não consta na listagem oferecida pelo Ministério Público onde mostra os casos por escola. No entanto, em contato com direção da escola, constatou-se que 57 alunos foram atendidos, apenas 20 retornaram, aproximadamente. O controle era feito de forma manual e os documentos arquivados na escola. Os casos foram contados pela assessora da escola no momento da visita. Não havia um controle mais rigoroso como tabulação dos dados e acompanhamento do retorno efetivo dos estudantes. Casos semelhantes podem ter acontecido,

interferindo nos dados disponibilizados pelo Ministério Público e na efetividade do Programa, reforçando a necessidade do uso de dados secundários para levantamento de dados.

Em relação à questão de gênero e faixa etária em Chapecó, a faixa etária com maior número de evadidos é a de 17 anos, seguida por 16 e 15 anos. Nessas faixas o maior número de evadidos foi de meninos. Aos 14 anos o número de meninas ultrapassou o de meninos. Em números gerais, desde a implantação do sistema, foram atendidos mais meninos do que meninas. Outras pesquisas poderiam apontar os motivos que levam à uma evasão maior de meninos do que de meninas, mas umas das hipóteses que poderiam ser levantadas é a relação de gênero e mercado de trabalho, apontando uma presença maior de meninos trabalhando e ajudando na renda familiar.

O fato de que o maior número de evasão aconteceu aos 17 anos e de que a maior taxa de evasão ocorre no 1º ano do Ensino Médio mostra um outro fator que é o da distorção de idade e série, ou seja, alunos que têm mais de uma reprovação no percurso escolar. Além do fato de que nesta fase os adolescentes começam a ter mais contato com o mercado de trabalho e precisam conciliar as duas coisas ou optar por uma delas.

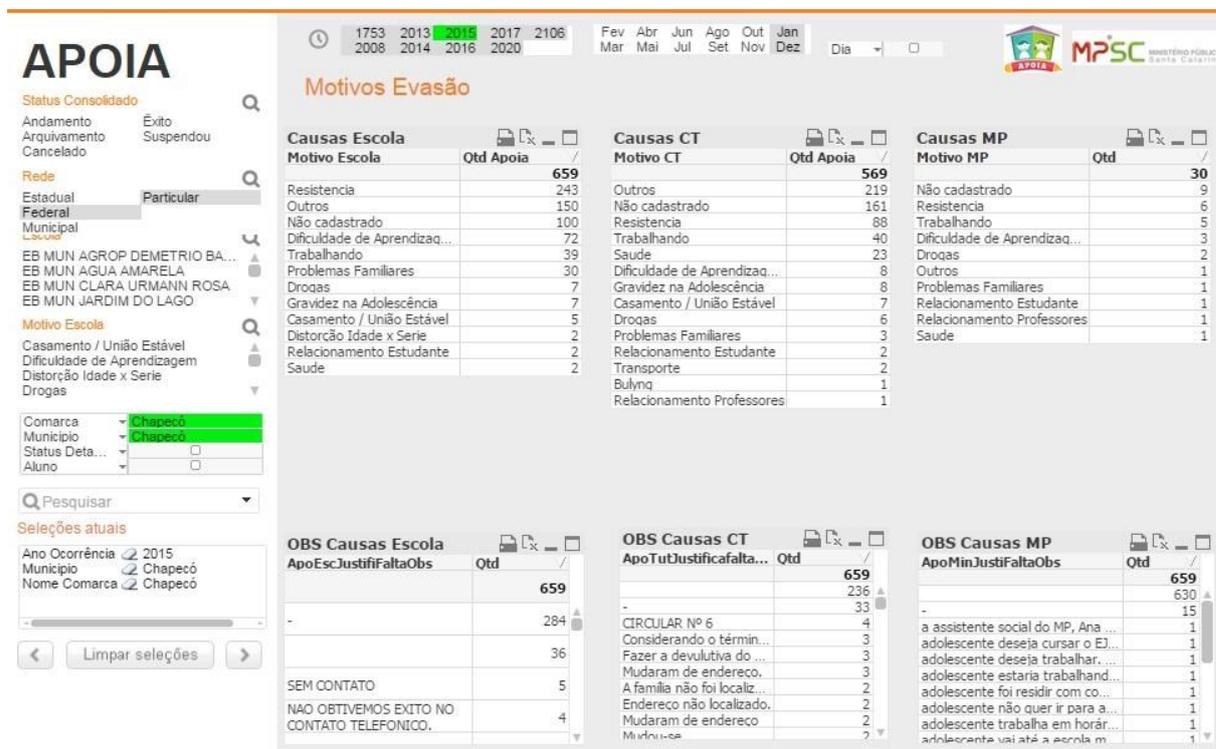
Figura 6 – Ocorrências por gênero e faixa etária - Chapecó em 2015



Fonte: Informações cedidas pelo Ministério Público de Santa Catarina, 2016.

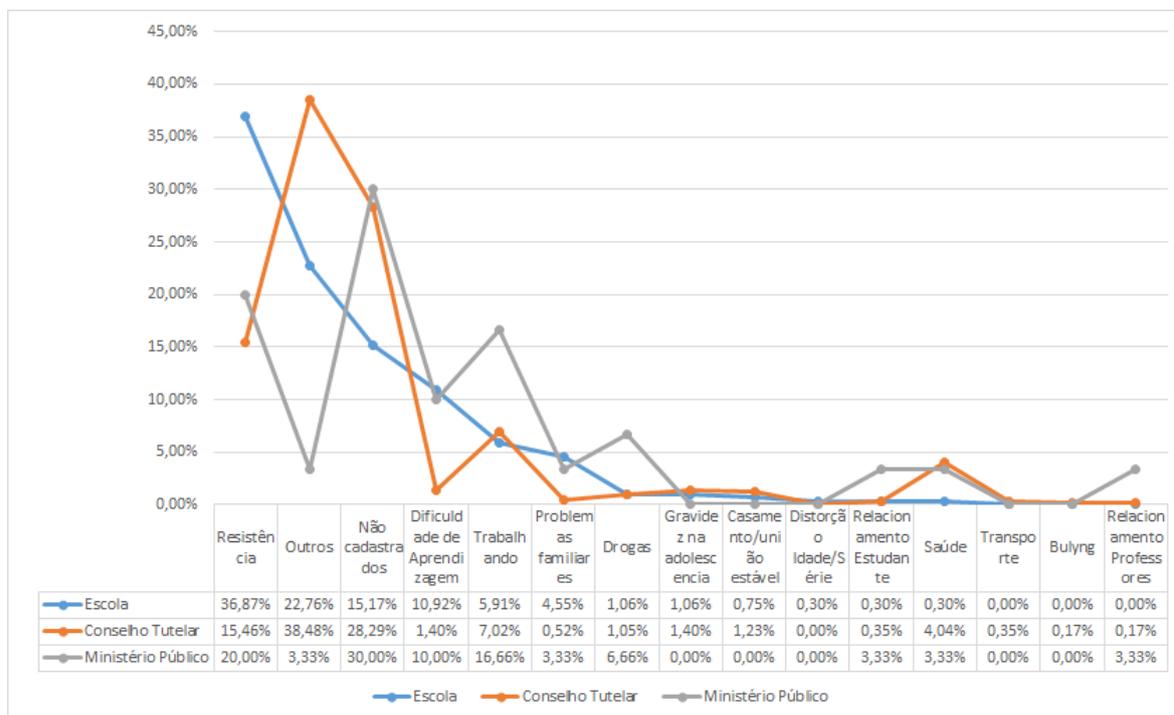
Ao cadastrar os casos, cada instituição, Escola, Conselho Tutelar ou Ministério Público, pode cadastrar o motivo identificado para justificar a infrequência do aluno. Ou seja, quando a escola identifica a infrequência, entra em contato com o aluno e a família, conversa, identifica o motivo e cadastra no sistema. Caso não obtenha sucesso encaminha para o Conselho tutelar que também vai entrar em contato com o aluno e a família, identificar o motivo (que pode ou não ser o mesmo motivo cadastrado pela escola) e cadastrar. Em todos os casos ocorre um problema no cadastramento, as opções “outros” e “não cadastrado” são usadas com bastante frequência, prejudicando o levantamento de dados objetivos. Nos motivos cadastrados pela escola, dos 659 casos, 150 (22,76%) foram cadastrados como “outros” e 100 (15,17%) como “não cadastrados”. Nos cadastros do Conselho Tutelar, dos 569 casos, 219 (38,48%) foram cadastrados como “outros” e 161 (28,29%) como “não cadastrado”. A existência de um campo para observações mostra que muitas vezes o “outros” e o “não cadastrados” se refere à opções já existente, como no exemplo abaixo, “adolescente deseja trabalhar”, “adolescente estaria trabalhando”, “adolescente não quer ir para a escola”, são informações que já possuem opções formuladas: “trabalhando” e “resistência”. No entanto, dos dados cadastrados, “resistência” é o que mais aparece nas três instituições, ou seja, resistência dos alunos em voltar para escola.

Figura 7 – Motivos Evasão Chapecó em 2015



Fonte: Informações cedidas pelo Ministério Público de Santa Catarina, 2016.

Figura 8 - Motivos Evasão Chapecó em 2015 (porcentagem)



Fonte: Adaptado com base em informações cedidas pelo Ministério Público de Santa Catarina, 2016.

Dos casos cadastrados em Chapecó no ano de 2015 pelas escolas, o maior índice encontra-se no motivo “Resistência”, 36,87%, seguido dos motivos “Outros” (22,76%), “Não cadastrado” (15,17%) e “Dificuldade de Aprendizagem” (10,92%). No Conselho Tutelar o maior índice está no motivo “Outros” (38,48%), seguido de “Não cadastrado” (28,29%), “Resistência” (15,46%) e “Trabalhando” (7,02%). No Ministério Público foram cadastrados apenas 30 casos da cidade de Chapecó, 30% foram cadastrados com o motivo “Não cadastrados”, 20% como “Resistência”, 16,66% como “Trabalhando” e 10% como “Dificuldade de Aprendizagem”.

A maior efetividade da solução dos casos em Chapecó é do Conselho Tutelar, poucos casos são resolvidos diretamente na escola e poucos são repassados ao Ministério Público, esse padrão se repete nos números gerais do estado de Santa Catarina. Em Chapecó, dos 399 casos que tiveram êxito, 345 (86,46%) foram resolvidos no Conselho Tutelar.

Figura 9 – Êxito por Órgão em 2015 – Chapecó



Fonte: Informações cedidas pelo Ministério Público de Santa Catarina, 2016.

A vivência em sala de aula, como professora e também como aluna dos estágios, possibilitou identificar que muitos alunos retornam para a escola para que o Conselho não vá mais na casa e também para que a família não seja encaminhada ao Ministério Público, onde as penas são maiores. No entanto, estes estudantes frequentam as aulas somente o necessário

para não ser registrado novamente no sistema, não participam das aulas, tampouco fazem os trabalhos, e muitos acabam reprovando. Uma nova pesquisa poderia identificar quantos alunos atendidos pelo Programa concluem o Ensino Médio e em que condições.

Ao analisar os dados disponibilizados pelo Ministério Público de Santa Catarina, é possível identificar que, embora o APOIA exista há 15 anos, ainda há um desafio para a efetividade do programa, já que a taxa de evasão escolar se mantém estável de 2010 (8,7%) para 2015 (8,7%), embora tenha ocorrido diminuição da década de 90 para os anos 2000. Esta característica se mantém em Chapecó, onde em 2010 havia um índice de evasão de 11,4% e de 11,7% em 2015. Foi possível observar que a efetividade limitada do programa se apresenta também no índice de alunos atendidos que retornam para a escola. Em Chapecó no ano de 2015, 41,4% dos alunos não retornaram para escola.

Outra questão é a conscientização das escolas na importância de cadastrar os casos, para que todas as instituições possam buscar alternativas conjuntas para o retorno do aluno à escola. O fato do programa não atender alunos que já completaram 18 anos também contribui para o aumento da evasão escolar, além da negligência no atendimento à alunos que estão prestes a completar 18 anos. A escola precisa entender que é corresponsável pela evasão dos alunos e não se pode transferir a responsabilidade somente para o aluno e sua família. Os problemas são estruturais, são sociais e precisam ser tratados como tal.

É importante salientar que esta pesquisa busca desnaturalizar a ideia de que o “fracasso escolar” ou a evasão é um problema do indivíduo e busca explicações da conjuntura social que contribuem para a evasão.

O APOIA tem trabalhado com foco na fiscalização do cumprimento dos deveres familiares no que diz respeito à frequência do aluno. No entanto, não há uma fiscalização efetiva do Ministério Público em relação à escola e ao Conselho Tutelar se os casos estão sendo cadastrados com efetividade, por exemplo.

O programa fiscaliza as famílias no sentido de identificar as suas falhas e culpabilizá-las pelo fracasso escolar dos filhos. Ignora o fato de que as desigualdades entre os alunos não deveriam ser procuradas no desempenho deles, mas nas desigualdades sociais, como já apontado por Bourdieu, além do fato de que o capital cultural é construído pela família, meio onde o estudante é formado que também sofre com as desigualdades sociais, interferindo no seu desempenho escolar.

Ao perceber a escola como lugar de reprodução de desigualdade, seria possível ao programa tratar melhor os casos tidos como “resistência” ou “dificuldade de aprendizagem” e

identificar as suas causas. Estes casos podem estar relacionados com o sentimento de não pertencimento, já que a linguagem escolar não é de todo conhecida pelos estudantes oriundos das classes populares, resultado do capital cultural transmitido pela família.

Neste mesmo sentido, para Boudieu (2012), a escola contribui para a reprodução e manutenção das desigualdades sociais, quando ignora nas questões de conteúdos, métodos e técnicas de transmissão destes conteúdos, as diferenças existentes entre os alunos e os trata como sendo iguais em questões culturais.

Ferrão e Auler também salientam a importância de problematizar os fatores escolares que levam à evasão escolar, não apenas os aspectos sociais, mas os fatores que estão ligados à estrutura escolar. “Talvez o abandono (evasão) esteja, acima de tudo, relacionado a não adaptação do jovem à padronização, ao controle imposto pela organização espaço-temporal da escola” (FERRÃO; AULER, 2012, p. 157).

O programa tem agido de forma a combater os efeitos e não às causas. É uma política pública que não diminui a necessidade do jovem trabalhar e estudar, ou dos pais trabalharem cada vez mais, dificultando o acompanhamento da vida escolar dos filhos. Não resolve os problemas no interior da escola, a relação com os professores e colegas e os impactos da desigualdade social na vida escolar dos estudantes. A efetividade do APOIA ainda é limitada pois, ao mesmo tempo que muitos casos são resolvidos, outros tantos não são resolvidos e muitos outros não são sequer cadastrados e considerados no objetivo do programa.

Outro fator, já ressaltado por Ferrão e Auler (2012, p. 154) é entender que a escola não acompanha o desenvolvimento do restante da sociedade, se tem alunos do século XXI em escolas do século XIX, há um choque de interesses e motivações. Muitas vezes se olha para o problema da evasão e se elimina os fatores externos ao indivíduo, no senso comum a “tônica é a culpabilização do indivíduo pelo fracasso na escola, mediante a utilização de expressões como ‘aluno preguiçoso’, ‘vagabundo’, ‘não quer nada com nada’, ‘não ficam quietos como antigamente’ e ‘a família não impõe limites’”. Se culpabiliza o aluno e a família e não a estrutura escolar, o Estado e as políticas ineficientes.

A existência do Programa APOIA é um avanço, considerando que é uma política pública voltada ao combate à evasão. No entanto, para melhorar os índices de evasão escolar, é necessário o trabalho efetivo e conjunto de todas as esferas sociais, no sentido de combater as causas que levam à evasão escolar, além da fiscalização dos órgãos que produzem esta

política, a escola e os Conselhos Tutelares, principalmente. Além de uma análise mais estrutural do próprio sistema escolar.

4 A EVASÃO ESCOLAR EM CHAPECÓ NA PERSPECTIVA DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

Para Duarte (2004, p. 215), entrevistas são importantes quando se busca “mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados”. As entrevistas possibilitam uma análise em profundidade, “coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes” que possibilitem ao pesquisador “descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior daquele grupo, o que, em geral, é mais difícil obter com outros instrumentos de coleta de dados”.

Fazer entrevistas semiestruturadas vai além de “dar voz aos envolvidos”, mas tem o objetivo de preencher lacunas e dar uma nova perspectiva à pesquisa, já que os dados estatísticos, as observações na escola e as conversas com as instituições já apontavam para alguns caminhos. Segundo Robert Farr (1982), a entrevista é "essencialmente uma técnica, ou método, para estabelecer ou descobrir que existem perspectivas, ou pontos de vista sobre os fatos, além daqueles da pessoa que inicia a entrevista" (GASKELL; BAUER, 2002, p. 65).

Ao buscar fontes alternativas de pesquisa, não se limitando apenas aos dados estatísticos, é possível compreender melhor o mundo dos atores das pesquisas, seus pontos de vista e suas narrativas, neste caso como participantes ativos da vida escolar e das políticas públicas educacionais.

Levando em consideração o tempo limitado da pesquisa, optou-se por fazer três entrevistas de profundidade que abordassem os diferentes temas levantados nas pesquisas bibliográficas e documentais.

Ao decidir pesquisar este tema, a observação dos envolvidos foi essencial. Observar a escola e os professores, os seus discursos ao falar dos alunos evadidos, a visita aos Conselhos tutelares da cidade e ao CRAS, a conversa com os membros do Ministério Público e, finalmente, com os alunos ou ex-alunos escolhidos, possibilitou uma análise mais ampla, onde os dados pesquisados complementaram uns aos outros.

Os discursos dos entrevistados não refletem a totalidade dos casos, mas apontam caminhos que precisam ser analisados pelos envolvidos com a educação. Segundo Fonseca (1998, p. 64), “ao cruzar dados, comparar diferentes tipos de discurso, confrontar falas de diferentes sujeitos sobre a mesma realidade, constrói-se a tessitura da vida social em que todo valor, emoção ou atitude está inscrita”.

Fonseca também salienta que no processo de interação com os indivíduos, pode se criar uma ilusão de que a comunicação está sendo efetiva, mas que “por causa de uma diferença em faixa etária, classe, grupo étnico, sexo ou outro fator, existe uma diferença significativa entre os dois universos simbólicos capaz de jogar areia no diálogo” (FONSECA, 1998, p. 59).

Além disso, a autora salienta a importância de se conhecer os sujeitos das pesquisas para poder classificá-los em termos sociológicos e formular generalizações. “É dado o particular que se abre o caminho para interpretações abrangentes” (FONSECA, 1998, p. 60). Fonseca ressalta que é importante localizar os sujeitos no “lugar” sociológico-histórico dos entrevistados, contribuindo para uma compreensão sócio/histórica da realidade, para não tratá-los como seres gerais e ahistóricos. Neste sentido buscou-se apresentar os perfis dos entrevistados e da entrevistada para refletir sobre a subjetividade de cada um, auxiliando na localização dos indivíduos no lugar social e histórico da pesquisa.

4.1 PERFIL DOS ENTREVISTADOS

Para a realização da análise das entrevistas, será apresentado um perfil dos participantes. Foram realizadas três entrevistas. A escolha dos entrevistados aconteceu com o auxílio da assessora da escola EEB Prof^a Irene Stonoga, que fornecia os nomes e os contatos dos alunos que não estavam frequentando a escola, estes nomes constavam em uma anotação manual em um caderno, separados por séries. Após ter os nomes, a idade e o telefone, entrava em contato para saber a real situação de cada um, se ainda estavam fora da escola e a disponibilidade para realizar a entrevista.

A escolha desta escola aconteceu por uma questão de aproximação. Lecionei durante dois anos nesta escola e fiz os três estágios nesta unidade escolar. Estes fatores contribuíram para esta escolha, já que o acesso às informações aconteceria de forma mais facilitada.

Entrar em contato com jovens que abandonaram a escola foi um desafio, muitas tentativas foram frustradas, já que no geral, são pessoas que não querem ser encontradas, onde a própria escola não consegue entrar em contato, muitos mudam o número de telefone. Um exemplo foi de um caso que tentei entrar em contato. A escola já havia dito que não conseguia mais contato, mas tentei mesmo assim. Ele estava em um lar temporário, mas fugiu, ninguém sabia ou queria dizer onde ele estava. Em outro caso entrei em contato, marquei a entrevista e no dia não tive sucesso. Fui até o bairro onde o possível entrevistado morava, encontrei a rua, mas não encontrei a casa, quando estava procurando fui "convidada a me retirar" do bairro

por um homem que me abordou, me pediu o que eu queria no bairro e disse que "era melhor eu me retirar dali". Tive que parar de procurar, entrei em contato novamente com o adolescente para reagendar a entrevista, marquei para o dia seguinte, na praça do centro e ele não foi. A partir disso não atendia mais minhas ligações, quando consegui contato, a mãe dele informou que ele estava trabalhando muito e não teria tempo para participar.

Foram feitas entrevistas com três jovens que abandonaram o ensino médio nesta escola. São dois homens e uma mulher, esta última ainda frequentava a escola quando da entrevista.

O contato inicial com o primeiro entrevistado, que será chamado de João, foi por rede social, perguntei se ele havia voltado a estudar, ele disse que não, então expliquei a minha pesquisa e perguntei se ele aceitava participar. O fato de já o conhecer facilitou nesse processo, ele aceitou, não marcamos a entrevista nesse dia porque faltavam alguns ajustes no roteiro de entrevista. Alguns dias depois, entrei em contato novamente para marcar a entrevista. Deixei claro como ela aconteceria e que o local, dia e hora, eram decisões dele. Ele optou por fazer a entrevista na praça do bairro Presidente Médici, às 17h. Antes da entrevista conversamos de maneira informal, expliquei novamente o que era a pesquisa e como aconteceria a entrevista.

João foi meu aluno durante dois anos na EEB Profª Irene Stonoga, parou de ir na escola em outubro de 2015, já havia completado 18 anos, estava no segundo ano do Ensino Médio. É de classe média, mora com os pais no bairro Presidente Médici. Estudou em diversas escolas por conta de várias mudanças da família, teve duas reprovações, uma na terceira série e uma no primeiro ano do Ensino Médio. Quando parou de ir para escola já era maior de idade, não foi procurado pela escola, e conseqüentemente não foi acompanhado pelo APOIA.

João trabalha em uma distribuidora de frutas da cidade, como separador, no horário das 07h às 17h, são 44 horas semanais. O salário base médio desta função é de R\$ 1.200, podendo variar de acordo com os benefícios, horas extras e também descontos.

Com a segunda entrevistada, que será chamada de Maria, os primeiros contatos aconteceram por telefone, me apresentei como professora e também como estudante que estava fazendo uma pesquisa sobre evasão escolar. No primeiro contato, a mãe informou que ela já havia retornado para a escola, inclusive desconfiou que eu era do Conselho Tutelar ou uma assistente social, falou algumas vezes que eu "poderia conferir na escola que ela havia retornado", por este motivo, a princípio não iria entrevistá-la mas, conforme as tentativas de

contato ficavam limitadas considerei fazer a entrevista baseada no período em que Maria ficou afastada. Liguei novamente, conversei com a mãe e também com Maria explicando novamente o que estava pesquisando e se aceitariam participar da pesquisa. Maria preferiu fazer a entrevista em sua casa, foi de manhã, às 9h. Fui recebida pela mãe da Maria, que acabou participando da entrevista, com quem conversei um tempo, já que Maria ainda estava dormindo.

Maria completou 18 anos no mês de dezembro de 2016. No momento da entrevista estava cursando o primeiro ano do Ensino Médio na EEB. Prof^a Irene Stonoga. Mora com os pais, a avó, irmão, cunhada e sobrinho, no bairro São Pedro. São de classe média-baixa. Seu pai é encanador da prefeitura, a mãe não está trabalhando no momento por questões de saúde. Maria é estagiária em uma escola infantil há 5 meses, trabalha 4 horas por dia, no período da tarde, 20 horas semanais. O salário base mensal do estágio é de R\$ 450,00. O estágio está diretamente vinculado à escola, ou seja, para poder estagiar precisa estar frequentando a escola.

Maria estudava anteriormente em uma escola municipal e reprovou uma vez, no primeiro ano do Ensino Médio. Maria ficou 30 dias consecutivos sem ir para a escola durante o ano de 2016. A mãe explicou que isso aconteceu porque Maria estava sendo perseguida por um jovem, porque viu ela na companhia de um outro rapaz que era seu conhecido e haviam saído em grupo em uma ocasião. Segundo Maria e sua mãe, o jovem que a perseguia ao vê-la na companhia deste rapaz, achou que ela tivesse algum relacionamento amoroso com ele. Por serem rivais, Maria passou a ser alvo de retaliações, de ameaças e perseguições. Segundo a mãe, Maria não tinha relação direta com nenhum dos dois, isso aconteceu apenas por ter sido vista na companhia deste rapaz, que também sofria ameaças e acabou sendo preso. Depois de alguns episódios onde o jovem ia até a escola para amedrontar e perseguir Maria, com o intuito de provocar e incitar o rival, e de passar em frente à residência da família, fazendo disparos com arma de fogo, a mãe decidiu não deixá-la mais ir na escola, principalmente porque ela estudava à noite, até que a situação se acalmasse. No entanto, segundo a mãe de Maria, a escola não encaminhou para o APOIA, por entender que ela só retornaria depois que esta situação fosse resolvida. Porém, segundo a escola, o motivo de o APOIA não ter sido encaminhado foi porque entendeu que seria mais fácil trazer Maria para escola recorrendo ao trabalho dela do que com o Conselho Tutelar, já que seu estágio dependia diretamente de seu vínculo com a escola. Depois que uns dos jovens foi preso e o outro morto ela retornou às aulas. O fato da escola, neste caso, recorrer ao trabalho de Maria e não ao Conselho Tutelar,

através do APOIA, mostra a forma como o programa funciona. O APOIA age na fiscalização da responsabilidade da família pela educação das crianças e jovens.

Segundo Maria, a família deu apoio à ela neste momento, no entanto salienta que se fosse por qualquer outro motivo os pais não concordariam com o fato dela não ir para a escola.

O último entrevistado será chamado de José. O primeiro contato com ele aconteceu por telefone, conversei primeiramente com o pai dele, depois com ele. Me identifiquei como professora e estudante, expliquei os objetivos da pesquisa. No início se mostrou relutante em participar da pesquisa, informei que havia sido professora de um primo dele, com isso ele se sentiu mais confiante, conversou com o seu primo e aceitou fazer a entrevista. A entrevista ocorreu em uma manhã, às 9h30, na padaria do mercado onde ele trabalha.

José frequentou a escola até o primeiro ano do Ensino Médio, completou 18 anos em janeiro de 2017. Vinha apresentando faltas às aulas desde o ano de 2015, foi procurado pelo Conselho Tutelar uma vez, através do APOIA, retornou para a escola, mas parou de ir novamente em 2016, mas não foi mais procurado pelos órgãos envolvidos no Programa APOIA. José foi o único entre os três entrevistado que foi atendido pelo programa. Depois de uma conversa com o pai de José, onde ele falou que o filho não queria mais ir para escola, a escola decidiu não emitir mais o APOIA. Mora no bairro Maria Goretti, juntamente com o seu pai, conversa pouco com a mãe e com a irmã, que moram na mesma cidade, mas em um bairro distante. Seus pais são separados há 12 anos. José morou uma vez com a mãe mas, segundo ele, não deu certo porque a mãe casou novamente e ele não se relacionava bem com o padrasto. É de classe média, seu pai trabalha em um mercado da cidade. José reprovou três vezes, uma vez da sétima para a oitava série e duas vezes no primeiro ano.

José trabalha há dois anos em um mercado, como repositor. Quando estava indo na escola trabalhava das 7h30 às 18h e estudava à noite, agora trabalha das 13h às 22h, a carga horária também é de 44 horas semanais e o salário base médio é de R\$ 1.200.

Nos três casos os pais não chegaram a completar o ensino básico. O pai de João estudou até a terceira série do ensino fundamental, a mãe até a quarta série. Na família de José também não foi diferente, o pai estudou até a quarta série do fundamental e mãe chegou até o segundo ano do Ensino Médio. Na família de Maria, a mãe estudou até a quarta série e o pai sabe apenas escrever o nome.

Com exceção do João, os outros entrevistados eram pessoas desconhecidas pra mim. Mesmo eu garantindo o sigilo das informações, buscando falar de forma clara e objetiva,

estabelecer uma relação com eles foi um desafio. João me via como a professora dele, como alguém que se relacionou com ele durante dois anos, com quem ele tinha liberdade para conversar e fazer brincadeiras, pois era assim que me relacionava com a maioria dos meus alunos. No entanto, Maria e José não me conheciam. José foi muitas vezes evasivo em suas respostas. Algumas perguntas foram feitas mais de uma vez para conseguir alguma resposta objetiva. Eu ainda era uma ameaça, alguém que poderia acionar o conselho tutelar ou a escola. Com Maria, que eu também não conhecia, estabelecer uma relação também foi difícil, embora a mãe dela tenha sido muito receptiva, atenciosa, e em certo ponto até esperançosa em relação à entrevista, acreditando que conversar seria bom para a filha. Neste contexto, antes e durante a entrevista, busquei criar um ambiente em que os entrevistados se sentissem a vontade para a participação, conversando de forma informal antes de começar a gravar e deixando claro os objetivos da pesquisa.

4.2 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Fonseca (1998) salienta que dados extraídos do estudo qualitativo podem dar ensejo a modelos abstratos e generalizantes. Ao analisar as entrevistas por blocos de assunto, comparando sistematicamente as semelhanças e diferenças nos discursos buscou-se encontrar as regularidades para explicação da realidade apresentada. Os assuntos serão divididos em: trabalho e educação, dinheiro, trajetória escolar, relação com professores e colegas, perspectivas para o futuro, buscando as semelhanças e as diferenças nos discursos dos entrevistados.

4.2.1 Trabalho e educação

Os três entrevistados trabalham. João, na ocasião da entrevista já trabalhava há um ano, em uma distribuidora de frutas e verduras. No caso dele, começar a trabalhar teve relação direta com a saída da escola.

Kátia: me fala então um pouco assim quando que tu saiu da escola, se tu te lembra mês, o ano, se tu já era maior de idade ou não, como que foi quando tu saiu.

João: Foi no mês de outubro, eu lembro por causa que eu comecei a trabalhar e na verdade eu fui fazer a entrevista e estava estudando ainda. Mas depois, quando eu comecei a trabalhar, não deu tempo de

ir na escola e cancelar nada daí ficou como se eu tivesse faltando na escola.

E daí consegui, num dia peguei uma folga e fui na escola, eles pediram porque que eu não estava mais indo e eu falei que não ia mais estudar. Daí chegou o outro ano não fui me matricular porque não tinha tempo, estava trabalhando também, só por isso que eu não fui mais. Eu podia ter passado pra de noite mas não tinha tempo de ir lá passar pra de noite.

Ele relatou que a sua mãe tentou mudar o horário dele na escola, mas foi informada que não havia mais vaga para a turma da noite, tentou também em outra escola próxima, mas foram informados que a prioridade das vagas noturnas naquela escola era para os jogadores mirins do time de futebol da cidade. Ele informou que na ocasião em que tentou se transferir para à noite, foi informado que já havia reprovado por falta.

João disse não “ter tempo” para ir até a escola para ver sua situação e tentar se transferir para o período noturno, nem para tentar a matrícula no ano seguinte, porém conseguiu organizar o seu tempo para ir até a escola dizer que não iria mais estudar, já que havia reprovado por faltas. Este processo mostra como João organizou suas prioridades, colocando o trabalho antes da escola.

Ele não tentou conciliar as duas coisas, não houve um planejamento neste sentido, quando começou trabalhar parou de estudar. Questionei se foi difícil a conciliação e ele respondeu:

João: Não seria...na verdade não tentei, mas seria um pouco cansativo, eu acho.

Todos eles dizem preferir trabalhar do que estudar. Ao ser perguntado como se sentia trabalhando, João respondeu:

Ah, bem melhor do que estudando.

José também disse que prefere trabalhar, mas não soube dizer qual é o sentimento, apenas disse que é “normal”, que já se acostumou com o fato de trabalhar, começou a trabalhar com 16 anos.

Kátia: mas por que tu decidiu ir trabalhar?

José: porque só mora eu e meu pai, e ele fica o dia inteiro no mercado trabalhando e eu ficava em casa sozinho. Daí pra fazer alguma coisa.

O discurso de José mostra que ele foi trabalhar para ter uma atividade, para não ficar ocioso, não necessariamente por uma necessidade financeira, o que não parece ser o caso de José e Maria.

Como já apontado por Sposito (2005), o avanço do capitalismo contribuiu para uma nova configuração da realidade dos jovens. Onde a necessidade de trabalhar se tornou cada vez mais presente. Sposito (2005) também salienta que embora os adolescentes entendam que a escolaridade é fundamental, ao mesmo tempo não conseguem atribuir um sentido imediato à escola.

Sobre trabalhar, Maria disse:

É bom, é diferente, porque daí a gente vai, tem um horário, tudo, pra chegar, pra sair, é bom.

Kátia: é melhor estudar ou trabalhar?

Maria: trabalhar

Kátia: Por que?

Maria: porque sim, na escola você tem que obedecer regra, a professora grita, ela xinga, ela...

Kátia: mas no trabalho também tem regras.

Maria: mas não é de chegarem assim, nem te darem explicação o porquê, se não foi feita as coisas, elas começam gritar com você. Tu faz tu não faz.

É possível observar que o que é “diferente” para Maria no que diz respeito ao trabalho não é tão diferente do que é vivenciado na escola.

Neste contexto, o peso de trabalhar e obter uma renda para saciar suas necessidades imediatas acaba sendo maior do que o projeto futuro de educação e melhoria nas condições de vida. Isso interfere também no fato de perceber as regras do trabalho mais importantes e mais fáceis de serem seguidas do que as regras escolares, que muito se parecem com as do ambiente de trabalho, como horário de entrada e saída, respeito hierárquico, proibição do uso de celulares, com o diferencial de que no trabalho o retorno é imediato, o salário.

José também fala sobre a sua relação com as regras escolares e que na escola tem muito estresse e que se incomoda muito.

Kátia: em que sentido que se incomoda?

José: sei lá... tem gente que, eu não sou santo, mas tem gente que vai lá só pra infernizar, daí já incomoda, daí o professor vai lá se irrita e xinga todo mundo e todo mundo vai paga o pato.

Kátia: qual a diferença entre ter regras na escola e ter regras no trabalho? porque no trabalho também tem regras.

José: sim... mas não são tão sarnas que nem da escola.

Kátia: ah tá, então as regras daqui são mais fáceis de cumprir que as regras da escola?

José: sim... aqui a única regra que tem é não abandonar o serviço e não mexer no celular

Kátia: é?

José: é, se eu quiser entrar às 13h e sair às 17h e ir pra casa, eu saio, só é uma questão de conversar. E se eu quiser abandonar o serviço eu abandono, só depois vem uma advertência. E mais nada. E lá já não, entrou, das 7h até às 10h30. Não tem como sair, não tem como fazer nada.

Os entrevistados não percebem as regras da escola como importantes, são “sarnas”, são exigidas com “gritos” e imposições. Embora as regras do trabalho sejam muito parecidas com as da escola, não pode abandonar (embora ele tenha abandonado), não pode mexer no celular, também tem advertência. As regras do trabalho apresentam um significado diferente para eles, estas não são “sarnas”, importa o benefício que o cumprimento das regras no trabalho traz, o salário e o sentimento de independência proporcionado.

Sposito também relata que trabalho e educação são temas que se sobrepõem e que poderão ter ênfases diferentes de acordo com o momento do ciclo de vida e as condições sociais dos jovens e de suas famílias. Para os jovens que iniciam sua vida profissional em paralelo com a vida escolar, um dos desafios é conciliar as atividades na rotina diária.

João não teve a preocupação de conciliar o trabalho e a escola porque quando começou a trabalhar parou de ir na escola. No entanto, José, tinha que sair do trabalho às 18h e ir direto para escola, mas segundo ele, quase não ia e quando ia ficava até a hora do intervalo. Em seu discurso é possível observar que quando ia, não participava da rotina escolar.

Kátia: tu prefere estudar ou trabalhar?

José: trabalhar

Kátia: por que?

José: estudar é uma merda

Kátia: por que que estudar é tão ruim?

José: não sei... tem professor que não aceita a gente

Kátia: como assim?

José: na escola.

Kátia: mas em que sentido ele não aceita?

José: não aceita, fala que se é pra ir e ficar se bobiando, mexendo no celular que fique em casa... eu fico em casa.

Kátia: então tu ia na escola e mexia no celular? (risos)

José: sim...

Nesse discurso é possível observar a relação de José com o trabalho e com a escola. Na escola sente a rejeição e a não aceitação dos professores, que pode estar relacionada ao seu desempenho e envolvimento em sala de aula, ao passo que no trabalho percebe a aceitação pela sua competência.

Maria disse que depois que começou trabalhar sentiu “mais preguiça” de ir para a escola. Ou seja, ela já tinha preguiça de ir para a escola antes de começar a trabalhar.

Maria: Mais preguiça, chegar e tomar banho, me arrumar, sair correndo e ir pra escola.

Tem que ir meio que (risos) braba pra escola, tem dias que eu não quero ir, mas vai...

Quando Maria falou isso, a Mãe demonstrou uma preocupação muito grande com o fato de ela não querer ir para a escola, principalmente porque o trabalho está vinculado com a sua frequência escolar e falou:

Então eu digo pra ela: trabalhe minha filha, chegue em casa, se não dá tempo de comer alguma coisa, toma um café e vá pra aula estudar, daí se por acaso chove a gente vai buscar, daí quando não chove vai. Até ontem foi um dia que ela não queria ir, (citando a filha) “não porque tá chovendo, mãe, porque eu tô com preguiça”, eu disse: nada disso, o teu irmão vai te levar e vai te buscar no caso, se tá chovendo. Daí ela foi, então é por aí, eu não concordo com o que ela faz, porque eu quero estudo pra ela, como eu não tive.

A preocupação da mãe da Maria com a educação da filha fica presente neste trecho da entrevista. Ela se preocupa em poder oferecer algo que não teve acesso, por conta das situações que enfrentou no passado, e por perceber na educação uma possibilidade de ascensão social. A percepção da família em relação à educação dos filhos pode interferir de forma positiva, incentivando os filhos a estudarem ou no sentido oposto. Como já abordado nas análises de Bourdieu (2014), a trajetória educacional dos pais interfere na trajetória escolar dos filhos. Filhos de pais das classes sociais mais baixas e com pouca escolarização tendem a ter menos chances de concluir o Ensino Médio e de ingressarem em Universidades.

4.2.2 Dinheiro

O fato de trabalhar traz à família uma renda extra, mesmo que indiretamente. Enquanto José e João ajudam diretamente com despesas da casa, Maria mantém suas despesas individuais, e com isso os pais não precisam custear com os seus salários as necessidades dela. No caso do João, ele ajuda diretamente nas despesas da casa, as contas são divididas entre todos, e a sua responsabilidade é de pagar a sua parte, além de custear despesas pessoais e investimentos futuros.

Kátia: E aí, o dinheiro, tem alguma coisa específica que tu faz com o teu dinheiro?

João: ajudo em casa, daí pago minha carteira, depois que eu acabar de pagar minha carteira tem o meu carro. Também tô guardando pro casamento né.

Kátia: Ah vai casar?!

João: Vou casar.

Kátia: Muito bem. Então tu também ajuda em casa com o dinheiro. Hoje esse teu dinheiro, ele é importante na ajuda do dia a dia em casa? faz diferença?

João: Faz diferença né, sou que mais ajudo, e...se não tivesse o meu dinheiro eles até conseguiriam se virar mas...ajuda bastante.

O José mora só com o pai então, segundo ele, dividem as contas e ainda sobra para comprar algumas coisas como celulares, notebook, bicicleta, moto, fogos de artifício no fim de ano.

Kátia: o que que tu faz com o teu dinheiro?

José: besteira

Kátia: (risos) besteira? que tipo de besteira?

José: tudo, bem materiais

Kátia: é? o que que tu já comprou de legal com o teu dinheiro?

José: várias coisas

Kátia: celular?

José: dois

Kátia: dois? (risos) o que mais?

José: um not, uma bicicleta, uma moto

Kátia: bastante coisa

José: gastei 2 mil reais em fogos no final de ano.

Kátia: e esse ano de novo?

José: não

Kátia: não (risos) e ajuda em casa com alguma coisa? o que que é tua responsabilidade?

José: ajudar pagar as contas

Kátia: e vocês dividem ou...
José: cada um tem as suas
Kátia: ah, e o que que é o teu?
José: roupa e loja, roupa e peça pra bicicleta.
Roupa e loja, roupa e peça para a bicicleta.

No caso de Maria, a mãe disse que não pega nada do dinheiro da filha, que o dinheiro é apenas para Maria poder fazer as coisas dela.

Kátia: e o que que tu faz com o dinheiro que tu recebe, Maria?
Maria: pago as minhas coisas, as minhas contas, pago meu celular...
Kátia: dá pra fazer aquilo que tu gosta? Tu se sente mais independente?
Maria: aham... não precisa ficar pedindo pra compra nada pra gente.
Kátia: e é um sentimento bom?
Maria: é...

Nos três casos, as famílias apoiaram a decisão deles irem trabalhar. A Maria falou que a mãe dela fez questão dela ir trabalhar, ao que mãe respondeu:

Mãe da Maria: Eu faço questão que ela trabalhe pra ela ver da onde que vem o dinheiro, porque se ela não trabalha daí ela quer tudo, tudo que ela vê ela quer que eu e o pai dela dê, só que não é assim, porque se eu vou comprar tudo que elas querem, porque eu tenho uma outra também que tem 14 anos que tá aqui no Vitor (escola municipal). Se eu vou fazer conta das duas, não me sobra o meu salário, pra mim pagar minhas contas, então eu digo, um dia você vai trabalhar pra você ver da onde que vai sair, porque o sofrimento pra ganhar o dinheiro vem daqui ó, do suor dos braços da pessoa.

Nas condições sociais dos entrevistados, trabalhar significa também independência. Como adolescentes que são, querem algumas coisas que muitas vezes os pais não podem comprar, por conta da situação financeira. Trabalhar é a opção para atender às demandas imediatas de consumo.

4.2.3 Trajetória escolar

Cada um dos entrevistados passou por uma situação diferente que os levou a não ir mais à escola e em consequência tiveram uma trajetória diferente neste período. A Maria ficou 30 dias sem ir para a escola. Segundo a mãe, por conta da situação a escola não emitiu o

APOIA, a família apoiou o tempo todo o fato dela não ir para a escola, já que a sua segurança estava em risco. No entanto, a assessora da escola afirma que o APOIA não foi emitido porque entendeu que teria mais êxito falando com a escola onde Maria trabalha do que repassando o caso para o Conselho Tutelar, já que seu estágio está vinculado à sua frequência escolar. Faltar aulas, no caso de Maria, gera um problema no sentido de que ao fazer isso poderia perder o estágio.

Kátia: Quanto tempo tu ficou sem ir na escola?

Maria: um mês eu acho, um mês e pouco, né mãe?

Mãe: um mês, 30 dias.

Kátia: como que foi a tua saída? Como que tu se sentiu, o que que aconteceu nesse um mês?

Maria: foi de repente que eu parei de ir por causa do piá lá, daí depois eu não queria voltar mais porque eu tinha medo, daí demorou. Daí depois que passou um mês a mãe queria que eu voltasse, mas eu estava com medo ainda de ir, porque é ruim, eu parei...

Kátia: que que teus pais fizeram quando tu precisou ter esse teu momento de não ir na escola, qual foi a reação?

Maria: eles me apoiaram até o final.

Kátia: por conta da situação, mas e se fosse por qualquer outro motivo?

Maria: ah mas daí eles iam fazer eu ir (risos) se fosse por outro motivo, daí eles não iam ficar do meu lado assim pra mim não ir, iam querer que eu fosse, de um jeito ou de outro eu ia ter que ir.

Maria só encontrou apoio familiar para não ir para a escola durante esse período porque a família entendeu que se tratava de sua segurança, sua vida corria perigo neste momento. Porém, ficar 30 dias sem ir para escola foi ao encontro de sua própria vontade, já que após o fim dessa necessidade ela continuou tendo preguiça de ir para e os pais precisaram continuar com a insistência. Nos trinta dias que Maria ficou sem frequentar a escola, ela continuou seu estágio, no entanto, quando a escola entrou em contato com a escola onde Maria trabalhava, ela foi informada que caso não voltasse para a escola, perderia o estágio.

O José está há um ano e meio “indo e não indo” na escola.

Kátia: faz quanto tempo que não tá indo?

José: um ano e meio já

Kátia: sério que tu não tá indo na escola há um ano e meio?

José: sim... já aprendi ler escrever tá bom, é o suficiente

Kátia: (risos) já é o suficiente? como que tu fazia pra conciliar o trabalho e a escola quando tu estava estudando e trabalhando?

José: eu não ia pra escola

Kátia: não ia?

José: eu ia lá de vez em quando, quando eu ia, eu ia e ficava três aulas e saía, na hora do recreio.

Kátia: como que foi a reação da tua família?

José: nenhuma, eles aceitaram.

Kátia: aceitaram numa boa?

José: sim...

Kátia: em nenhum momento eles disseram: não, você tem que estudar?

José: (sinal negativo com a cabeça).

Kátia: não?

José: não... só o meu pai.

Kátia: o que que teu pai falava?

José: pra eu ir pra escola.

Kátia: ele falava então? e o que que tu falava pra ele?

José: falava que não ia.

José só disse que o pai falava alguma coisa depois de haver uma insistência, ele não manteve seu posicionamento de que os pais não falavam nada em relação ao fato dele não ir para a escola. Dizer que o pai falava alguma coisa foi mais para atender uma expectativa da entrevista e proteger o pai moralmente.

Kátia: quando tu parou de ir na escola, o que que tu se lembra, como que foi, o que que a escola fez, o que que a família fez?

José: tem mais coisas envolvidas por fora... por questão minha, entende? e eu não vou falar...

Kátia: tudo bem...

José: daí tipo, eu parei de ir. Minha mãe sabe tudo que eu passei na escola, daí eu desisti, parei de ir, pra eu não ficar mais me incomodando.

Kátia: com colegas?

José: não... eles queriam até me encaminhar pra um psicólogo.

Kátia: a escola?

José: sim... daí eu parei de ir. Se é pra eu ficar... me incomodar eu prefiro ficar em casa.

Kátia: o conselho foi atrás?

José: foi.

Kátia: como que foi isso?

José: eles foram atrás de mim, eu fui no conselho, e voltei pra escola e fiquei mais três ou quatro meses, depois parei. Daí eles deram como desistência, eles deram baixa no meu nome daí.

Kátia: daí ninguém mais foi atrás?

José: não.

Kátia: nem o conselho, nem nada? simplesmente abriram mão de você?

José: já faz acho que uns quatro anos que eu estou nessa jogatina (de ir e não ir na escola)...

Kátia: tu parou no primeiro ano?
José: sim... eu vou fazer 18 (anos), já era pra mim ter terminado o terceiro, há tempos, mas eu parei.
Kátia: qual foi a sensação nesse período de escola indo atrás, conselho indo atrás?
José: não sei... eu não dava bola
Kátia: não dava bola?
José: (sinal negativo com a cabeça) não dava bola, nunca dei bola pra eles.
Kátia: o que que eles falavam?
José: não sei... conversavam comigo.
Kátia: conversavam? e falavam o que?
José: pra eu voltar pra escola, pro meu pai, pra minha mãe me botar na linha, mas eu nunca saí.

O problema para José é ir para a escola e não o fato de não ir. A escola é um lugar onde ele se sente incomodado, por isso prefere não ir. O conselho tutelar também é um incômodo, as tentativas da escola e do conselho para que ele voltasse para a escola eram ignoradas. Não o incomoda o fato de a escola ou o conselho tutelar não terem mais entrado em contato para ele voltar, pelo contrário, a escola e o conselho não entrando mais em contato, o livraram de um incômodo.

Na percepção de José, ele nunca saiu da linha. O fato dele não ir para as aulas mesmo em idade de obrigatoriedade escolar não significa para ele um problema. O problema está no incômodo que é ir para escola e no incômodo que gera o fato dele não ir, ou seja, as ligações da escola e às visitas ao Conselho Tutelar.

Em outro trecho da conversa, José fala mais sobre os motivos da escola querer encaminhar ele para um psicólogo e também como os pais reagem à situação.

Kátia: tu reprovou alguma vez?
José: várias... (risos).
Kátia: várias? (risos).
José: acho que umas três vezes eu reprovei.
Kátia: é? tu lembra em que anos, em que séries?
José: uma na sétima, pra oitava, e duas no primeiro.
Kátia: duas no primeiro tu reprovou?
José: (sinal afirmativo) uma foi porque eu quis, e uma foi porque eu não sabia fazer o exame. Eu fui no dia do exame, escrevi meu nome e "vazei". Entreguei em branco. E na outra vez eu respondi mas daí acabei não atingindo a média. Daí fui pra casa.

Embora tenha tentado responder de forma evasiva, José sabia exatamente as vezes que havia reprovado e em que séries aconteceu. Como visto no capítulo anterior, as maiores

taxas de evasão acontecem no Ensino Médio, mais especificamente no primeiro do ano, onde também ocorre o maior número de reprovações. José tentou passar no primeiro ano por duas vezes, segundo ele, uma vez porque quis e uma porque não sabia fazer o exame. Um dos fatores que pode explicar a evasão de José é o fato de ter apresentado três reprovações, levando ao problema da distorção idade-série e conseqüentemente contribuindo para sua evasão, já que estava cursando pela terceira vez o primeiro ano, no momento de sua vida onde já estaria se formando no Ensino Médio.

Kátia: faz um ano e meio que tu não vai pra escola?

José: por aí... esse ano acho que eu fui umas... dá pra contar nos dedos as vezes que eu fui.

Kátia: o conselho foi atrás só uma vez?

José: (sinal afirmativo).

Kátia: depois não foi mais? e a escola?

José: ah, a diretora, né... ela é minha conhecida daí ela falava pra mim ir, mas nunca fui.

Kátia: e eles tentaram conversar contigo, conciliar alguma coisa?

José: sim... várias vezes. Estavam falando que eu estava entrando em depressão, daí queriam me encaminhar pra um psicólogo, daí eu parei de ir de vez. Depressão são eles que têm de ficarem lá direto.

Kátia: como que foi tua saída da escola?

José: não sei...

Kátia: quando que tu decidiu que aquilo ali não era pra ti?

José: ano passado, nas greves... foi ano passado que teve greve.

Kátia: o que que aconteceu que tu...

José: eu fiquei 5 meses em casa, começou a greve eu comecei também junto. Daí terminou e eu continuei, daí o conselho foi atrás de mim, eu voltei depois... foi bem no finalzinho do ano, daí terminou as greves e eu continuei, depois o conselho foi atrás de mim, eu voltei e fui até o final do ano, daí eu rodei. Daí esse ano eu fui, acho que um mês, nem isso eu acho, se contar, tipo os dias intercalados, que era um ou dois por semana, parava, depois um ou dois por semana e parava.

Kátia: daí o conselho não foi mais atrás?

José: eles não vem, a partir dos 17 e meio eles não vem mais, daí não tem mais porquê, é 6 meses, é o tempo que tu tem pra ficar em casa até eles vim. Eu já faço 18, eles não se incomodam mais.

Kátia: mas tu acha que isso tá certo? só porque fez 18.

José: não... simplesmente não quero mais ir pra escola

Kátia: não, não... não certo... certo de por você ter 18, tipo, não virem mais atrás.

José: ah, tipo, sei lá... vai deles daí. Se eles querem que a pessoa volte a estudar, eles incomodam até quando eles quiserem, se não, não.

José continuou frequentando a escola após a procura do Conselho Tutelar, embora o fato de ir para a escola não signifique exatamente que José participava da rotina escolar e das

relações pedagógicas. Ele ia para escola para não ser procurado pelo com o Conselho e não se incomodar com isso.

A escola é um lugar depressivo para José, ser encaminhado para um psicólogo foi ofensivo para ele. Em sua visão, ele não era depressivo, depressivo são as pessoas que precisam estar na escola todos os dias, a solução para o problema dele foi sair da escola.

Kátia: e o teu pai, hoje, o que que ele diz pra você?

José: não fala nada a respeito de escola.

Kátia: não mais?

José: (sinal negativo com a cabeça) tipo, já se acostumou, tipo, como se eu já tivesse terminado os estudos, não fala mais nada.

Kátia: é? nem a tua mãe?

José: não... eu vejo minha mãe acho que uma vez por semana. Mas só vejo e "vazo", só assim.

José tentou duas vezes passar no primeiro ano, estava cursando pela terceira vez, isso, ligado ao fato de que os pais não falaram mais nada em relação à ele não ir mais na escola, mostra que ele tinha mais interesse do que os pais em sua escolarização.

Kátia: vocês foram chamados, lá então (no conselho), tu e o teu pai?

José: na verdade, era pra ir só eu, mas como tinha que assinar uns papel que nem aqui, daí ele foi junto, senão ia só eu.

Kátia: e o que que teu pai falou?

José: não sei... Ele olhava pra mim só. É o que eu te falei, eu nunca fui de aprontar nada, tipo, eles nunca ficaram brabo comigo, assim. Nunca, nunca foram de me bater, de fazer nada. Eu sempre fui uma pessoa calma, daí eles só me incomodaram por causa disso, em questão de não ir mais pra escola, senão, não. Daí tipo, como a gente foi lá, a gente foi como se a gente tivesse ido normal. A mulher conversou comigo, conversou com o meu pai, eu voltei pra escola e depois parei. Começou tudo de novo.

O ritual burocrático foi cumprido. No entanto, não foi efetivo, não cumpriu com seu objetivo de trazer o aluno de volta à escola.

Por outro lado, João, que ao parar de ir à escola já tinha 18 anos, não foi procurado pelo conselho tutelar ou pelo Ministério Público. A família de João não insistiu para que ele voltasse para a escola.

Kátia: E como que a tua família reagiu quando tu parou de ir na aula?

João: Ah, só pra mim continuar estudando em outro horário, à noite. Mas daí eu falei que que não tinha tempo, eu não conseguia ir, daí pra eles também não muda nada.

João disse que os pais não o acompanhavam na escola e não tem uma preocupação de poupá-los moralmente em relação à isso.

Os pais ou os próprios jovens, tem que escolher entre mandar os filhos para a escola, para a escola e trabalho, ou apenas para o trabalho. Há um cálculo realizado pelos pais e pelos jovens que analisa o custo/benefício de ir para a escola ou trabalhar. “Esta escolha depende do custo de oportunidade trabalhista presente do tempo da criança versus o valor que se pode antecipar em relação ao novo fluxo de rendimentos futuros que decorrerão da acumulação de mais capital humano” (NERI, et al, 2009, p. 23).

A reação dos pais em relação à evasão dos filhos e a preocupação com a percurso escolar deles perpassa por esse cálculo e nas perspectivas para o futuro.

Kátia: E como que eles acompanhavam o que que tu fazia na escola? Teus pais eram assim, de pegar no pé, de...?

João: Não, não. Pior que não acompanhavam nada.

Kátia: Mas eles quando tinha reunião de pais, essas coisas, eles chegam a ir assim na escola?

João: Não.

Kátia: Não?!

[risos]

João: Pirado, não iam.

Kátia: Hã?

João: Eles eram pirado, não iam.

[risos]

No caso da Maria, quem mais acompanha é a mãe.

Kátia: e em reuniões, teus pais iam?

Maria: só a mãe vai.

Mãe: eu, eu na verdade...

Maria: o pai nunca foi tipo, nem pra pegar boletim da gente ele não vai na escola.

Kátia: por que será?

Maria: sei lá, ele tem medo de escutar dos filhos, mas eu nunca falei mal né...

Mãe: é que ele sempre diz: “ó, se um dia eu ir na reunião e a professora me falar que você... ou você é isso, aqui eu não faço nada, mas quando chegar em casa, daí você sabe como é que vai ser”. Porque se vai pra escola é pra estudar, prestar atenção e aprender, não pra ir lá “bater língua”, e daí conversar com os colegas e na hora que é

pra fazer o que precisa, não fazem nada. Então sempre foi isso que o pai dela falou. Então nunca ele foi, daí eu vou, mas daí conforme elas aprontam eu chego e digo pra ele: ó, a tua filha o teu filho, tá assim e assim, daí ele descarrega, ele xinga tanto, que então se é pra fazer o que eles estavam fazendo, que nem vão na escola. Então daí eu sempre vou. Mas dessa aqui eu não posso me queixar, porque ela sempre foi uma ótima aluna, quando ela estava aqui né (na escola municipal), agora lá, de vez em quando eu vou lá saber, só porque ela faltou aqueles 30 dias né, que aconteceu.

O acompanhamento dos pais de Maria é diferente do acompanhamento dos pais de José e de João. Maria relata que a mãe é quem mais se fazia presente na vida escolar dela, a mãe dela assume responsabilidade em relação às suas atividades e atitudes na escola, acompanha nas reuniões e faz visitas à escola, além de repassar estas informações ao pai de Maria que, embora não vá à escola, está ciente do desempenho escolar da filha. O acompanhamento da mãe de Maria contribuiu para sua permanência na escola. Maria e a mãe relatam que em alguns dias ela não quer ir para a aula mas, com a insistência dos pais, acaba indo.

José foi mais acompanhado pelo pai, já que há algum tempo mora só com o ele.

Kátia: como que os teus pais acompanhavam você na escola quando era pequeno? de reunião... eles iam?

José: sempre...

Kátia: sempre, é? sempre te acompanharam? mais teu pai ou mais tua mãe?

José: mais o pai.

Kátia: é?

José: porque o pai e a mãe são separados já faz uns doze anos já.

No entanto, de acordo com os discursos, tanto no caso de José quanto no caso de João, os pais não tomam responsabilidade sobre as vidas escolares dos filhos e não interferem diretamente nelas.

Nos três casos os pais não chegaram a completar o ensino básico. Vale ressaltar que, segundo Sposito (2008), o ensino médio foi programado para preparar os jovens de classe média para a universidade, porém, para a maioria dos jovens dos segmentos populares, concluir o ensino médio é o fim da trajetória escolar e considerado um sucesso. Estes jovens acabam integrando a geração com mais escolaridade da família.

O pai de João estudou até a terceira série do ensino fundamental, a mãe até a quarta série. Na família de José também não foi diferente, o pai estudou até a quarta série do fundamental e mãe chegou até o segundo ano do Ensino Médio.

A mãe da Maria também estudou até a quarta série do ensino fundamental.

Kátia: a senhora estudou até a quarta série?

Mãe: até a quarta série, daí porque que nós fomos embora, voltar estudar não tinha como, a mãe tinha duas crianças pequenas, da outra minha irmã. Então nós tinha que trabalhar pra sustentar a mãe e aquelas duas crianças, então eu não tive oportunidade de voltar estudar, por isso que eu parei na quarta série. Hoje eu digo pra elas: estudem minhas filhas, porque o estudo hoje, minha querida, é em primeiro lugar. Eu digo pra ela, ela pode ser alguma coisa na vida, então ela diz pra mim: “ai eu quero me formar, quero ser... uma arquiteta”.

Maria: arquiteta.

Mãe: mas pra isso, minha filha, tem que estudar.

Segundo a mãe, o pai da Maria sabe apenas escrever o nome. Ela também relaciona a escolaridade com a possibilidade de conseguir melhores empregos.

Kátia: Quer ser arquiteta então, Maria?

Maria: aham.

Kátia: Por quê? Por que que tu gosta?

Maria: ah, eu gosto de... de desenho.

Kátia: é?

Mãe: então pra isso tem que estudar né, é o que eu sempre falo. Às vezes ela “embraba” comigo, fica braba, se emburra, eu não dou bola. Ontem ela não queria ir pra aula, daí subia e descia e eu olhava no relógio né, eu disse: Maria tá na hora de ir pra escola, “ai eu não vou” (imitando a filha), pois você vai sim, antes tu quer que eu fale pro teu pai? porque comigo ela teima, com o pai dela não. Daí o pai dela disse assim, pra não leva ela na escola, deixa ela ir se molhando pra ela aprender como é que é, daí dali um pouco ela me olhou, não dei bola, subiu se trocou, daí ela disse: “vamos embora então”. Então vamos lá, daí meu piá pegou e levou ela, daí foi, estudou, voltou. O que que ela quer mais, né? Eu acho que essas jovens de hoje perdem muito estudo, porque hoje tem oportunidade de estudar, na minha época não tinha.

Kátia: a senhora hoje está trabalhando?

Mãe: não, agora não. Porque depois que eu fiquei tipo com esse braço aqui (o direito), ele tá por um fio pra arrebentar o tendão. Então eu não tive condições de trabalhar mais, daí a firma pegou e me mandou embora. Por isso que eu digo, tem que estudar pra não pegar um serviço pesado, porque se tu não tem estudo, tu tem que enfrentar, o

serviço que vim, e foi o que eu fiz. E o pai dela a mesma coisa, não sabe nem... apenas o nome e tá trabalhando, porque não tem...

Kátia: ele faz o que?

Mãe: ele é encanador... [...] ⁵ Então todo mundo reclama, “ah, porque o salário é pouco, não sei o quê”, mas é melhor ter o pouco do que não ter nada, e é onde ele tá até hoje.

A mãe de Maria se mostra sempre como alguém que se preocupa com a educação da filha e com o seu futuro. No entanto, o envolvimento da família de Maria, mais especificamente de sua mãe, não evitou o fato de que ela estava passando por um processo de abandono da escola. Este fator mostra que, embora contribua, o envolvimento familiar ou a ausência dele, não é determinante na situação de evasão escolar.

João, assim como a Mãe de Maria, faz relação entre a escolaridade e as possibilidades de emprego.

Kátia: E como que tu se imagina daqui a alguns anos assim?

João: Não sei dizer, de que forma?

Kátia: Profissionalmente, pessoalmente...?

João: Ah, sem estudo creio que algumas coisas vão ficar mais difíceis.

Kátia: Tipo?

João: Tipo, o trabalho. Vai ter que sempre trabalhar um trabalho um pouco mais dificultoso, com mais força, coisa assim. Se tiver mais estudo tem oportunidade em outras funções, em outros trabalhos mais...que ganhe mais também e que trabalhe menos. Eu vejo assim.

O discurso do José mostra um posicionamento um pouco diferente. Em alguns momentos, não relaciona as possibilidade de um emprego melhor com maior escolarização. Uma possibilidade melhor para ele não é necessariamente um emprego melhor. Para ele, mudar de setor, mesmo que um serviço mais “sarna”, já é uma vantagem, para não enjoar de fazer sempre a mesma coisa. As possibilidades que ele enxerga são as possibilidades que estão próximas dele no seu trabalho no mercado, assar pizzas, ligar o forno e assar pão. Um trabalho com maior escolarização não faz parte de uma perspectiva futura possível.

Kátia: se eles chegassem e dissessem assim: tem uma vaga, mas você precisa do ensino médio completo

José: eu saio, ou continuo onde eu estou. Não é que é uma merda, é bom onde eu estou. Não tem... não tem que ficar se incomodando, não tem essas coisas, mas eu já enjoiei, pela questão do tempo já fazendo a mesma coisa. Todo dia, das 13h30 às 22h30 fazendo aquela mesma

⁵ O trecho foi editado para preservar a identidade da entrevistada.

coisa, durante dois anos, foi cansativo, eu já enjoiei. Se eu viesse, em outro setor, mesmo que eu fizesse uma coisa mais, como é que eu posso dizer, uma coisa mais sarna ainda, mais chata, mas que eu mudasse de coisa, pra não ficar só na mesma.

Kátia: o que que o teu pai faz?

José: o meu pai trabalha em mercado.

Kátia: e o que que ele faz no mercado?

José: um pouco de tudo.

Kátia: um pouco de tudo? é aqui nesse?

José: não.

Kátia: ah tá. Como que tu acha que é o mercado de trabalho? sem o ensino médio.

José: eles não pegam.

Kátia: tu acha que isso vai ser um problema?

José: acho que não. Quando o funcionário é bom, eles seguram. Se eu não fosse bom eu não estaria aqui já, enchendo o saco deles.

Kátia: mas e em outra função, onde precise de ensino médio?

José: não sei daí, porque aqui dentro, na verdade, a maioria que trabalha aqui é de menor, tá começando fazer a vida já, fazendo dezoito. Nessa questão de dezoito, a única coisa que precisa de dezoito é setores de frio e padaria, o resto eles não pedem escolaridade. Não precisa de segundo grau completo pra aprender fazer uma pizza. Não precisa de segundo grau pra aprender ligar um forno, pra assar pão. Não precisa disso. Vai só do conhecimento da pessoa, querer aprender, mais e mais, daí fora daqui eu não sei. Eu sempre trabalhei "frio". Aqui que eu comecei fichado.

Kátia: tu acha que se chegar num serviço, em uma função que tu gostaria, não aqui, em outro lugar, e eles pedissem o ensino médio completo, tu se arrependeria?

José: Não... não... é que nem eu te falei, tem outras coisas, tipo, que não me deixaram terminar o ensino médio, da questão minha, daí eu não vou lá, porque eu sei que o que aconteceu comigo.

No entanto, quando questionado sobre as possibilidades do mercado de trabalho sem o ensino médio, ele responde que “não pegam”, mostrando consciência da necessidade de escolarização. No entanto ele não vislumbra, neste momento da entrevista, uma outra possibilidade de trabalho. Enquanto eu pedia sobre as possibilidades do mercado de trabalho de forma geral, ele respondia apenas em relação às possibilidades que ele enxergava, as funções no ambiente de trabalho dele.

A relação entre educação e trabalho foi analisada por Sposito, a autora salienta que não há relação entre maior escolaridade e acesso ao mundo do trabalho, e ainda é muito difícil para os jovens conseguirem inserção ocupacional. Esta condição reflete na delimitação das ações dos jovens em relação à escola e ao mundo do trabalho, e a atribuição de significado à instituição escolar (SPOSITO, 2005).

Segundo Sposito, há um paradoxo “já no início da expansão recente do acesso à escola sob o ponto de vista dos jovens: de um lado o forte reconhecimento de que a escolaridade é fundamental e, ao mesmo tempo, a ausência de sentido imediato para essa escola. (SPOSITO, 2005 apud SPOSITO 2008, p. 87).

4.2.4 Relação com professores e colegas

Os alunos entrevistados também falaram sobre a diferença entre as diferentes escolas, as diferentes formas de ensinar utilizadas pelos professores e como estes fatos interferem no aprendizado. Tanto José quanto Maria estudaram em escolas municipais antes de ir para a escola estadual atual. As escolas municipais só oferecem turmas até o 9º ano do Ensino Fundamental. Ambos apresentam o fato de que na escola municipal as coisas eram diferentes. José salienta as diferenças na estrutura física da escola, para ele a escola atual é muito fechada, lembrando uma prisão.

Kátia: sempre estudou ali no Irene?

José não, no Anita Garibaldi, no Rolim de Moura e no Irene, e acho que tem mais um que eu não me lembro.

Kátia: e nas outras tu gostava ou era a mesma coisa?

José: ah, nas outras eu ia pra estudar, mas daí ali, não sei, nunca gostei dali, ali é um cadeião comunitário aquilo ali. Tu olha pra cada lado tem um muro, tem uma grade, daí como é que eu vou pra casa?

Esta visão de José vai ao encontro da teoria de Foucault (2010), analisada no capítulo “O problema da evasão escolar”. Para o autor, a escola é um lugar disciplinador e controlador, e a forma como a escola é organizada reflete este modelo, horários de entrada e saída, organização dos alunos nas salas de aula, muros por todos os lados e aprendizagem controlada pelo tempo, além do controle do comportamento dos indivíduos. Segundo ele, com estes mecanismos a escola se torna máquina de vigilância e controle dos corpos. Alguns alunos não se enquadram neste sistema e são considerados indisciplinados, desordeiros, problemáticos.

José não gosta da escola atual, para ele é como uma prisão. Essa mudança na percepção da escola pode representar uma mudança na forma como José significa sua escolarização. Para ele, a maneira de ensinar deveria continuar como era no Ensino Fundamental, com passeios e atividades diferenciadas.

Kátia: se tu pudesse imaginar uma escola onde tu gostasse de ir, como ela seria?

José: não sei...

Kátia: tente imaginar

José: sem os professores ficar enchendo o saco, sem diretora sarna. Tu viu o que aconteceu com a diretora agora, né? pediu afastamento por licença médica pra você ter uma noção. Tipo, se não fosse muito rigorosa, tipo, em certas coisas e fizesse, tipo, umas aulas mais espontânea, não ficasse sentado na sala copiando, ou ficar lendo o livro. Quando eu era mais pequeno eles levavam a gente sempre pra passear. Não tinha exatamente o shopping, era tipo praças, assim, esses lugares, assim, abertos... ali já não, ali já é fechado, ninguém faz nada, se eles convidam uma turma pra sair, não é só aquela turma, é umas três, quatro, daí não tem como a escola ir pra frente assim. Eles querem fazer, mas querem fazer tudo de uma vez só, eles não fazem, uma coisa de cada pouco.

José reconhece que sua educação poderia ser melhor se o ambiente escolar e os professores fossem melhores. No entanto, mostra que o ambiente escolar do Ensino Médio não atende suas expectativas, porque o que ele gostaria de fazer é passear, assim como fazia quando era pequeno. Qualquer atividade que exija mais esforço e concentração, como copiar ou ler um livro, não é espontânea, é chato.

Kátia: no futuro, se tu quisesse estudar alguma coisa, o que que seria?

José: química.

Kátia: química?

José: sempre me "encarnei" em química.

Kátia: é?

José: ainda mais que quem dava era o professor Rafael, barbudo, sarna (risos).

Kátia: o Rafa... então tu estudaria química. Tu começou gostar de química por influência dele?

José: não... eu acho legal o que eles fazem, os caras sabem construir até uma bomba, pra você ter uma noção. Eu queria aprender a construir uma.

Kátia: ele nunca ensinou? (risos).

José: (sinal negativo).

Kátia: devia ter ensinado (risos).

José: só que uma bomba mesmo. Pra jogar dentro daquela escola ali pra ver o que que acontece.

Kátia: você ia explodir a escola?

José: (sinal positivo).

Kátia: e ia construir uma nova, ou não ia construir nada?

José: eu não... o governo que fizesse.

José gosta dos conteúdos das aulas de química e gosta da forma que o professor ensina a disciplina mas, ao mesmo tempo que se identifica com os conteúdos e com a relação de ensino e aprendizagem, mostra de que forma este conhecimento seria útil, para explodir a escola.

José também fala de sua relação com os professores.

Kátia: como que era então a relação com os professores na escola?

José: só brigava.

Kátia: não tinha nenhum legal?

José: um que outro.

Kátia: e o que que diferenciava um professor legal de um professor que não era legal?

José: deixava mexer no celular.

Kátia: só isso? só mexer no celular era legal?

José: e deixava ir no banheiro, só pra sair da sala.

Kátia: esse era o legal? e o não legal era o que não deixava fazer nada?

José: é...

Kátia: só isso?

José: só abrir o livro e começar copiar.

Kátia: é? e se tu pudesse mudar alguma coisa na escola, o que que tu mudaria?

José: tirava todo mundo de lá.

Kátia: mas daí não é escola... como que tu acha que a escola tinha que ser?

José: sem nenhum professor.

Kátia: mas daí como é que vocês iam buscar o conteúdo?

José: cada um aprende por si.

Kátia: cada um aprendia por si? mas ninguém, nem pra dizer: é por aqui, é por ali...

José: existe livro pra quê? conteúdo pra quê? pra estudar... pra quê que precisa de um professor pra encher o saco então?

Kátia: e aqueles professores que eram legais?

José: daí é outro caso à parte (risos)

Kátia: (risos) com a direção como que era?

José: não sei...só me expulsaram cinco vezes da escola.

Kátia: expulsaram cinco vezes da escola? por quê?

José: por não ir.

Kátia: por não ir?

José: por discutir com professor.

Kátia: é? daí tu saía e voltava depois de um tempo?

José: aham

Kátia: por que que discutia com professor?

José: falta de respeito... não sou ninguém mais que eles mas também não precisa querer vim pra cima de mim... só porque estão numa coisa a mais do que eu dentro da escola.

Kátia: tá certo... então a relação era meio conturbada?

José: (sinal afirmativo com a cabeça).

Kátia: se a escola fosse diferente, tu acha que tu ia gostar?
José: em qual sentido, diferente?
Kátia: a estrutura diferente, um ambiente melhor, com professores...
José: então... só de trocar o pessoal da parte dos funcionários lá... todo mundo, parelho
Kátia: até os professores?
José: sim
Kátia: todos eles?
José: não precisa ser tão chato pra ir na escola, podia ter professor, tipo, brincalhão, isso e aquilo, que desse vontade de ir pra escola. E não só pra ir lá e ficar sentado, ficar dormindo.

No trecho anterior da entrevista, é possível observar que para José há um problema em se submeter à relação pedagógica. Para ele, não há necessidade dos professores para a construção do conhecimento, os alunos podem consultar os livros. Uma escola ideal para ele, não é uma escola, é onde não exista direção ou professores. José não vê na relação entre alunos e professores o papel socializador da escola. Como apresentado, a escola é, também, um espaço onde os estudantes têm a oportunidade de desenvolver habilidades e de fortalecer o convívio social. As atividades escolares não podem ser apenas lúdicas, com passeios e brincadeiras, mas um lugar onde se trabalhe o diálogo e a análise crítica dos fatos e das informações (SILVA, 2000). As atividades diferenciadas (passeios, visitas, viagens) devem fazer parte da rotina escolar mas devem estar vinculadas à produção do conhecimento.

Para José, há outro problema que atinge principalmente os professores admitidos em caráter temporário (ACT), que é a alta rotatividade de professores. A relação com os professores é prejudicada pelo fato de mudar de professores todos os anos. Seria diferente se os professores fossem mantidos nas escolas por mais tempo.

[...] seria legal (se os professores não mudassem tanto), porque tu já trabalhou com ele, tu sabe como é e como não é. Senão cada ano vai trocar de professor, daí um ano é um professor legal, outro um professor chato, depois vem um professor legal, depois vem um professor chato, cada ano tu vai ter que aprender como conviver com essa pessoa. E tem pessoas que você aprende fácil, e tem pessoas que pode tá terminando, pode tá na última semana do ano, tu não aprendeu como lidar com ela.

Na percepção dele, a forma como os professores explicam também influencia na forma como os alunos aprendem ou não os conteúdos. Ele relata que, na mesma disciplina, teve momentos que foi muito bem e outros muito mal, dependendo do professor que ministrava as aulas. Relata também que conseguia aprender melhor quando o professor

ensinava utilizando coisas do dia-a-dia do que usando apenas o conteúdo do livro didático. Ao mesmo tempo que gostaria de explodir a escola, aponta caminhos de coisas que, em sua opinião, poderiam contribuir para a escola ser melhor.

Maria também salienta as diferenças entre a maneira de ensinar nas diferentes escolas, já que também estudava em uma escola municipal anteriormente.

Kátia: como que era quando tu começou ir na escola, tu lembra, quando tu era pequenininha?

Maria: eu não lembro, acho que eu nem sabia fazer nada também (risos).

Kátia: mas como que era o sentimento de ir na escola quando era pequena?

Maria: era melhor que agora.

Kátia: por quê?

Maria: porque ali (na antiga escola), as professoras estavam sempre te ajudando fazer as coisas se você não sabia. Tu pedia, eles iam lá, te explicavam de volta. E agora você pede uma vez, se não entendeu, pede de volta, eles já vem e: “ah, você não presta atenção, porque você isso, você aquilo”. Daí nem dá vontade de pedir mais nada.

Kátia: e a relação com os professores como é que é?

Maria: tem uns que eu nem gosto, são muito “reinento”.

Kátia: o que que é ser “reinento”?

Maria: tem uma lá que desde o começo, quando eu voltei pra escola daí eu não sabia né, os conteúdos que eles estavam estudando. Daí eu pedi pra explicar, daí ela disse assim: “ninguém manda vocês ficarem em casa, vocês param porque vocês querem e daí depois querem que a gente volte atrás pra explicar o que que nós estava explicando”. Eles enchem de lixo a gente, daí dá raiva, daí a gente não faz mais nada.

Kátia: e tem algum que tu gosta?

Maria: o de química, o de química é bom.

Kátia: por que que é bom?

Maria: ele explica, ele faz experiência, a gente ajuda ele a fazer as coisas, a gente dá risada, ele incomoda também.

Kátia: e se todos fossem assim?

Maria: ah, daí ia ser melhor.

Assim como José, Maria cita o professor de química como uma referência de bom professor. Para José o bom professor é aquele que deixa mexer no celular e caminhar na escola. No entanto, fala que o professor de química é “sarna”. Maria diz que “ele incomoda também”. Com estes discursos, é possível identificar que o problema não é o exercício do poder em si, mas a forma como ele é exercido.

No ano de 2015 durante o estágio II do curso, observei duas aulas do professor de química e conversei com ele sobre alguns tópicos propostos pela disciplina, entre eles, a

relação entre professores e alunos. Ao ser questionado sobre a relação entre alunos e professores o professor responde que o estreitamento da relação professor-aluno se faz necessária para a efetividade do processo de ensino e aprendizagem e que conhecer a realidade dos estudantes é de suma importância para se planejar aulas de qualidade e que façam a diferença na vida dos mesmos (RODRIGUES, 2015).

Na mesma ocasião, alguns alunos foram questionados sobre a relação com o professor. A relação entre o professor e os alunos, que já pôde ser observada ao assistir a aula, é colocada pelos alunos como uma relação muito boa, algumas falas foram: “ele não precisa impor o respeito, mas faz com que ele seja merecido, pois ele é um ótimo professor”; “a relação do professor com a nossa turma é a melhor possível, acredito que seja o professor mais paciente de todos, e um dos que mais se preocupa se os alunos compreenderam o assunto” (RODRIGUES, 2015).

Tanto José quanto Maria falam da falta de respeito entre alunos e professores. Ao ser questionado sobre o que ocasionava as brigas com os professores, José responde que é falta de respeito, e Maria, no trecho abaixo fala da falta de respeito ao se referir à uma professora, e salienta que se a professora tratar os alunos com respeito irá receber respeito em troca.

Esta perspectiva foi analisada no capítulo “O problema da evasão escolar”, tendo base os estudos de Sposito e Galvão (2004). Para estes autores, a forma como os alunos e professores se relacionam influencia diretamente na forma como o aluno se relaciona com a escola e com a educação. Segundo os autores, os alunos percebem e criticam os professores descomprometidos e que vão às aulas por obrigação, os jovens se envolvem com as matérias ao passo que se envolvem com os professores.

Kátia: se tu lembrasse de alguma coisa boa da escola, o que que seria?

Kátia: coisa que tu gosta, coisa que tu não gosta.

Maria: na escola... é difícil eu gostar de alguma coisa na escola.

Kátia: por que será que é tão ruim pra gostar de alguma coisa na escola?

Maria: ah, tem que ficar sentada lá e escutar o professor falar um monte.

Kátia: e isso não é legal?

Maria: não... depende o assunto né, tem assunto que a gente se interessa escutando eles falar, mas tem uns que eles falam, falam, falam e a gente não entende nada.

Kátia: e tu chega perguntar quando tu não entende?

Maria: aham... daí eles voltam no assunto de novo, explicam, depois eles saem. Sempre a mais atrasada sou eu, depois que ele muda de assunto, eu volto no assunto de novo.

Kátia: e uma coisa que não é legal?

Maria: coisa que não é legal... quando eles chegam e tão tudo fora dos lugar e eles começam gritar dentro da sala daí, tipo, os que... invés de eles falar pra quem tá fazendo, todo mundo escuta né. Daí eles falam “pareio” que isso e aquilo, daí é ruim.

Kátia: e se você pudesse mudar alguma coisa na escola, o que tu mudaria?

Maria: ah, eu mudaria uma professora minha lá, pelo amor de Deus.

Kátia: uma professora, só aquela professora?

Maria: só aquela professora, o resto é bom.

Kátia: mas o que que ela faz que tu não gosta?

Maria: ela não tem paciência pra nada, só... ela falou que ela fez a faculdade assim, ensinaram ela ensinar daquele jeito e daí ela falou que não tem como ela mudar porque um ou dois não gosta do jeito que ela ensina. Mas que ensine certo, tipo, com mais...com respeito também, porque ela fala que gosta que os outros tratem ela com respeito, mas ela tratando nós com respeito ela vai ganhar respeito, senão...

Maria assume suas limitações na aprendizagem, que precisa pedir várias vezes pra entender o conteúdo e relata em trechos anteriores que ao retornar para a escola, após o seu afastamento, teve dificuldade para acompanhar o conteúdo e não teve auxílio de uma professora. Sposito e Galvão (2004), também salientam esse aspecto da relação entre professores e alunos. Os alunos devem ser tratados de forma igual, não se deve privilegiar uns em detrimento de outros, seja por comportamento ou rendimento e aprendizado. Cada aluno é um indivíduo dotado de conhecimento, opiniões e interesses únicos. As atitudes prejudiciais mais citadas pelos autores é a da humilhação por falta de paciência com as dúvidas dos alunos, além da ridicularização de perguntas feitas e da exposição pública das notas dos alunos.

Neste mesmo sentido, João também relata sua relação com os professores, com alguns disse ter uma relação melhores do que com outros e se aproxima dos relatos de Maria e de João no que diz respeito a forma de explicação dos professores e de como isso interfere na aprendizagem dos alunos.

Kátia: A relação com os professores, como é que era?

João: hamm... As de sociologia não gostava.

(risos)

João: capaz, é... alguns eram legais, alguns não. Professora que era parceria a gente, os alunos no caso, também era. A aula ficava melhor, até tinha uns que eram...

Kátia: Mas e o que que era um professor não parceria?

João: Aqueles que ficam exigindo muito e explicando pouco. De certa maneira, assim, vamos dizer assim. Ou explicam só do jeito deles e é só aquilo, é só daquele jeito, se também tem outras. Tem alunos que é... que tem de forma diferente pra explicar, uns não entendem tão fácil uns entendem mais fácil né, daí uns... era só um jeito e só aquilo, não sabia lidar com muitos alunos.

Kátia: Prejudicado aqueles que tinham...

João: Aqueles que tinham mais dificuldade, no caso eu.
(risos).

Na visão deles, os professores são melhores quando conseguem estabelecer uma relação mais próxima dos alunos, quando fazem aulas mais interativas e dinâmicas, não gostando das aulas onde os professores só leem os livros. Outro fator citado é a forma como os conteúdos são explicados, já que muitos alunos apresentam dificuldades para entender o conteúdo e, para os entrevistados, os professores não se adaptam às necessidades dos alunos em geral. A questão do respeito também é citada em duas falas, os entrevistados interpretam que alguns professores não respeitam os alunos, ao passo que os alunos não respeitam os professores, gerando uma situação de hostilidade entre eles.

Para os três, a relação com os colegas era boa. João afirma que não tinha muitos amigos na escola, tinha colegas. José relata que a relação com os colegas era legal, afirma que muitas vezes gasearam aulas juntos.

Kátia: e com os colegas?

José: legal

Kátia: era legal?

José: gaseava em 10, 12 e ia pro shopping

Kátia: daqui lá no shopping?

José: sim

Kátia: de ônibus?

José: de carro

Kátia: vinham com carro já, pronto pra ir

José: (sinal afirmativo com a cabeça)

Kátia: daí não ficava na aula?

José: não...

Maria afirma que conversa com alguns colegas, mas que com alguns nem conversa, porque são quietos ou tímidos, mas que têm alguns amigos.

É possível perceber que a escola como espaço de socialização é resultado da relação que se estabelece entre alunos, pais, professores e direção. Os entrevistados, em diversos momentos relataram situações desagradáveis na relação com professores e direção, se sentem,

muitas vezes desrespeitados e subjugados. Isso interfere diretamente no sentimento que o aluno nutre em relação à escola e na decisão de continuar indo à escola ou de retornar ou não para ela.

4.2.5 Perspectivas para o futuro

Nos três casos, a Educação de Jovens e Adultos é uma opção. Segundo Maria, que completa 18 anos no final de 2016, se ela for aprovada neste ano, completando o segundo ano do Ensino Médio, ela termina o Ensino Médio no ensino regular, se reprovar irá para o CEJA.

Kátia: e daí tu pretende continuar na escola normal, ali, ou tu pretende ir pro EJA, pro CEJA?

Maria: pro EJA daí, e fazer duas vezes por semana, que daí é melhor

Kátia: é melhor tu acha?

Maria: dizem... ali, aquele dia que eu fui fazer minha matrícula, diz que é mais corrido daí, vai ser mais ruim ainda, que daí você vai ficar dois anos, você vai fazer as três disciplinas... as três... os três anos juntos, daí é mais corrido, é mais... tipo, é mais pesado, as coisa pra você aprender, por causa que não é... não tem paciência também que nem ali que eles explica, eles insistem pra você entregar os trabalho, né. E ali vai ser, se fez, fez, se não... eles não vão correr atrás.

Kátia: mas e se tu passar de ano esse ano, mesmo assim tu vai pro CEJA?

Maria: daí não, daí vou continuar normal

Kátia: normal? E depois que tu terminar o ensino médio, o que que tu pretende fazer?

Maria: ah, aí depois que eu me formar eu queria fazer faculdade

Kátia: é? De?

Maria: de arquitetura daí.

Kátia: é? Daí, tu já pensa em onde fazer?

Maria: ainda não

Kátia: e no que que tu gostaria de trabalhar no ano que vem?

Maria: ano que vem... ah, meu sonho é trabalhar, tipo assim, de, tipo, de vendedora, que nem assim, nas lojas. Eu sempre levei currículo, mas nunca me chamaram, eu acho... parece que é tão “bão”, sei lá, tem mais pessoas, a gente conversa com mais gente né, daí eu acho que é melhor.

Maria quer ser arquiteta. No entanto, para seu futuro imediato tem o sonho de trabalhar em uma loja como vendedora.

João também comentou que acha importante terminar o Ensino Médio e que o CEJA é uma possibilidade. Segundo ele, a sua namorada também parou de estudar no segundo ano do Ensino Médio, então iriam estudar juntos. João também pretende casar e já está guardando dinheiro pra que isso aconteça.

José não quer continuar estudando na escola atual, e apresenta respostas ambíguas em relação ao assunto, pensa em ir para o CEJA, se não for muito cansativo, ou vai para outra escola. José afirma que se no CEJA for pior que na escola, ou for muito cansativo, irá abandonar o CEJA também e procurar outra escola. A decisão de ir ou não para o CEJA, está relacionada à outros fatores, como continuar morando com o pai ou não, por exemplo.

A relação de José com a escola é conturbada, principalmente, analisando o seu discurso, pelo fato de que queriam encaminhá-lo a um psicólogo. Ao ser questionado sobre o futuro, José disse que gosta muito de química e de bicicletas, mas não tem ideia do que fazer no futuro.

Kátia: o que que tu sonha em fazer no futuro?
José: não faço a mínima.
Kátia: alguma coisa que tu olha pro teu futuro, assim, e se enxerga fazendo?
José: comprar um carro e ir embora daqui.
Kátia: pra onde?
José: onde puder...(risos)
Kátia: onde puder? (risos) e profissionalmente?
José: uma empresa.
Kátia: do quê?
José: tem várias coisas.
Kátia: mas do que que tu gosta?
José: de bicicleta.
Kátia: é? montar uma revendedora de bicicleta...
José: não.
Kátia: não? (risos) o que então, será?
José: não sei...

José ainda não se decidiu sobre o seu futuro, as coisas ainda estão incertas para ele. Sabe do que gosta, mas não sabe exatamente o que fazer com isso.

Perto do final da entrevista José falou que a separação dos pais e o que ele chama de “destruição” de sua família, influenciou na sua trajetória escolar. Na percepção deles, alunos com as famílias “completas” estão na escola e na família dele estão “um pra cada lado”.

Kátia: Tu vai se encontrar.
José: vai demorar um pouco
Kátia: tu é novo ainda
José: vai demorar um pouco.
Kátia: tu só tem 17 anos, a vida ela não é... ela não acontece assim
José: mas pra mim tá fazendo o outro jeito
Kátia: como assim?

José: pela minha família. Tipo, se destruir tão cedo.
Kátia: tu acha que isso influenciou?
José: (sinal positivo com a cabeça)
Kátia: é?
José: pode ver...a maioria das pessoas que estão na escola tem a família completa. A minha foi um pra cada lado, meu pai já faz uns cinco, ou seis anos que não vai ver minha vó.
Kátia: então tu acha que isso influenciou bastante?
José: influencia... pode parecer que não, mas influencia.
Kátia: tu acha que se teus pais tivessem juntos, as coisas seriam diferentes?
José: seria, nossa, bem diferente

As perspectivas para o futuro estão relacionadas com as possibilidades visualizadas pelos jovens. Nas camadas mais baixas da população, a falta de perspectiva se torna mais latente, os jovens não conseguem ver possibilidade de transição entre as classes e o alcance de objetivos mais ousados. A pesquisa de Costa (2003) aponta que muitos jovens estudavam por obrigação, pois não viam na educação uma possibilidade de realização profissional. O futuro era algo predeterminado, seguiriam as profissões de seus pais. A escolha da carreira é baseada nas condições e objetivos apresentados pela família e pelo meio onde vivem (GIRARD, A. & BASTIDE, H (1963) apud BOURDIEU, 2012). O destino dos estudantes é com frequência “lembrado pela experiência direta ou mediata e pela estatística intuitiva das derrotas ou dos êxitos parciais das crianças do seu meio (...)” (BOURDIEU, 2012, p. 47).

Bourdieu (2012), salienta que quanto mais raras as chances de se chegar ao nível superior, maior a propensão de abandonar os estudos.

4.3 SÍNTESE DA ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Na análise das entrevistas foi possível perceber que a evasão é resultado de um conjunto de fatores que são externos ao indivíduo, que são internos (relacionamento com colegas ou professores, desinteresse pelos conteúdos, dificuldade de aprendizagem, dificuldade em atribuir um significado à escola) ou externos (trabalho, negligência familiar, trajetória escolar da família) à escola.

Em relação ao trabalho por exemplo, embora os três entrevistados estejam trabalhando, apenas no caso de João esse fato foi determinante. No caso de Maria, como o estágio está vinculado à frequência escolar, o trabalho acabou contribuindo para que ela

permanecesse na escola. E no caso de José, trabalhar não teve uma relação direta com sua evasão, mesmo que, para ele, trabalhar seja melhor do que estudar.

As análises de Sposito foram importantes neste momento justamente para entender essa relação entre a vida escolar e a vida profissional e a atribuição de sentidos dos entrevistados para estas duas atividades.

Atrelado ao trabalho, foi possível observar a relação dos três com a questão do dinheiro, ou seja, sua remuneração pelo trabalho desenvolvido. João contribui diretamente com as despesas da casa, além de custear suas despesas pessoais e planejar o futuro. José, que mora só com o pai, também contribui no pagamento das despesas da casa, além de comprar coisas particulares. No caso de Maria, o dinheiro fica exclusivamente para suas despesas pessoais. Nos três casos, as condições familiares contribuem para que eles trabalhem, já que trabalhar propicia o sentimento de independência, além de atender às demandas imediatas de consumo.

Como observado nas análises de Bourdieu, a trajetória escolar dos pais interfere na trajetória escolar dos filhos. Nos três casos, os pais não completaram o ensino regular. Como apontado também por Sposito, a escola foi projetada para preparar os jovens para o ensino universitário. No entanto, para a maioria dos jovens das camadas populares, o ensino médio é o fim da trajetória escolar e provavelmente farão parte da geração mais escolarizada da família.

Neste mesmo sentido, o acompanhamento dos pais na vida escolar dos filhos contribui ou não para a permanência destes na escola, no entanto também não é um fator determinante. Na análise das entrevistas foi possível observar que a Mãe da Maria se mostrou sempre como alguém muito preocupada com a educação da filha. No entanto, mesmo assim Maria estava passando por um processo de evasão escolar.

Os três entrevistados mostraram uma trajetória escolar diferente até o momento da evasão. João saiu da escola quando já era maior de idade, não foi procurado pela escola e conseqüentemente não foi atendido pelo APOIA. José durante um ano “foi e não foi” para escola, foi atendido pelo programa APOIA uma vez, conversou com o Conselho Tutelar juntamente com o seu pai, retornou para a escola e parou novamente, não sendo mais cadastrado no programa. No entanto, o caso de Maria mostra com maior clareza como o programa funciona. A escola optou por não emitir o aviso de infrequência e preferiu recorrer ao trabalho de Maria, que estava diretamente relacionado com a sua frequência escolar, entendendo que com essa abordagem teria mais sucesso do que recorrendo ao Conselho

Tutelar ou ao Ministério Público. Este caso mostra como o programa funciona na fiscalização da família em relação ao seu dever com a educação dos filhos, sendo ineficiente quando o problema apresenta outra origem.

Dentre os temas abordados também está a relação entre alunos e professores, além da forma como os entrevistados veem a escola. José percebe a escola como uma prisão, indo ao encontro da teoria de Foucault. Além disso, o viés de José sobre a evasão é contrário ao viés levantado na pesquisa. Enquanto a pesquisa analisa a evasão como um problema, José vê a escola como o próprio problema.

Eles relacionam a figura do bom professor com aquele que cobra sem abusar do poder, de forma não autoritária, além do fato de relacionar os conteúdos com a vida cotidiana e explicar com paciência.

A escola também é um ambiente onde se desenvolvem relações sociais. Os entrevistados comentam sobre suas relações com os colegas. Enquanto Maria e João não aparentam ter uma relação de amizade com os colegas, ficando apenas na questão do coleguismo, José apresenta uma relação mais direta com os colegas, que inclusive gaseavam aulas juntos.

As perspectivas para o futuro dos entrevistados mostra mais uma vez o quanto a trajetória de vida e escolar limita as escolhas dos indivíduos. Os três visualizam o término do ensino médio na educação de jovens e adultos. Maria quer ser arquiteta, mas sua ambição imediata é ser vendedora em alguma loja, porque acha isso interessante. João quer casar, terminar a carteira, quer terminar o ensino médio porque sabe que sem ele as chances de um emprego melhor se tornam limitadas. José também sabe que sem ensino médio as chances de um emprego melhor se limitam, mas ainda não sabe exatamente o que fazer, vai terminar o ensino médio no CEJA se for menos cansativo que na escola regular, caso contrário também vai desistir, não tem nenhuma perspectiva clara para o futuro.

Como pode ser observado, as entrevistas não traduzem a realidade de todos os casos de evasão, mas relatam as experiências de pessoas que vivenciaram a escola e um processo de evasão escolar. Mostram relação com as teorias analisadas no referencial teórico e ajudam a entender melhor o processo de evasão escolar. É possível, com esta análise, como já apontou Fonseca (1998), partir dos indivíduos para compreender o geral.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como observado no início deste trabalho, a educação é um dos principais direitos no que diz respeito ao alcance da cidadania. No entanto, a educação é um direito diferente de outros direitos, já que implica também em um dever. Neste sentido, as análises de Silva foram abordadas. Para Silva (2000, p. 63), a apropriação do conteúdo e a tomada de consciência do espaço que ocupa na sociedade, através da educação, deve possibilitar ao estudante a “transposição da marginalidade para a materialidade da cidadania”. Para a autora não é possível pensar na concretização da cidadania sem educação.

Mas se a educação e a convivência escolar é algo tão positivo e necessário para a promoção da cidadania, que foi o pressuposto desta pesquisa, por que crianças e adolescentes em idade escolar abandonam a escola?

Para responder esta pergunta foram analisadas abordagens de autores na perspectiva de desnaturalizar a ideia de senso comum de que a evasão é um fator individual, que o aluno “não quer estudar”.

Foi possível identificar que os fatores não agem sozinhos, mas que a evasão é resultado de um conjunto de fatores que combinados contribuem para esta decisão dos alunos. A trajetória familiar, discutida por Bourdieu; o caráter vigilante e controlador da escola, analisado por Foucault; a relação com os professores e a relação com o trabalho, apresentada por Sposito; além dos fatores expostos por Ferrão e Auler no que diz respeito ao fato da escola não acompanhar as mudanças da sociedade, formam algumas das teorias analisadas para entender este assunto.

Estes fatores também puderam ser observados no capítulo que analisou o programa APOIA. Um programa que se propõe a combater à evasão escolar mas que tem agido principalmente na fiscalização das famílias no cumprimento do seu dever em relação a educação dos filhos e negligenciado casos onde os motivos não estão relacionados à negligência familiar.

As análises dos dados estatísticos do programa proporcionaram a reflexão da bibliografia analisada no que diz respeito à relação dos adolescentes e jovens com a questão do trabalho, reprovação (distorção idade/série), e a relação com o ambiente escolar. Além de entender as limitações desta política pública e de como ela funciona.

As entrevistas tinham o objetivo de analisar a percepção de alunos evadidos em relação ao tema proposto e às hipóteses levantadas com o referencial teórico. Foi possível

identificar que, embora não seja determinante, a relação com o trabalho interfere na vida escolar, principalmente em alunos oriundos das classes mais populares.

A trajetória familiar também influencia. Este fato além de ser trabalhado na análise das teorias de Bourdieu, foi citado pelas conselheiras tutelares e pela psicóloga do CRAS. Filhos de pais sem formação tendem a ter mais dificuldades na trajetória escolar, além de, por vezes, ambos não perceberem a importância da educação. Este caso pôde ser observado nas entrevistas, já que os pais dos entrevistados não haviam concluído o ensino médio. No caso da Maria, a mãe se mostrava sempre preocupada com a educação da filha, no entanto, isso não impediu o fato de Maria estar passando por um processo de evasão.

Os fatores relacionados à escola parecem influenciar de forma mais direta nesta decisão. Ao não se sentir respeitado pelos professores e direção, não conseguir relacionar os conteúdos aprendidos com as atividades práticas do dia-a-dia, os alunos tendem a se sentir menos atraídos pela escola. Como analisado por Bourdieu, Sposito, Foucault e mesmo por Ferrão e Auler, ao não se adaptar à padronização e controle exercido pela escola e não se interessar pelos conteúdos “passados”, as chances do aluno ser resistente à escola são maiores. Isso explica o fato do fator “resistência” ser o mais cadastrado pela escola no sistema APOIA, além do fator “dificuldade de aprendizagem”, sobressaindo aos fatores “trabalho” e “problemas familiares”.

Estes fatores vão influenciar diretamente nas perspectivas futuras dos adolescentes e jovens, limitando-as, como analisado por Costa (2007) e nas entrevistas.

Embora os fatores externos à escola, como trabalho e história familiar, e outros como o uso de drogas, gravidez na adolescência, influenciem na vida escolar e no processo de evasão, fatores internos à escola, como a relação com os professores, direção e com o aprendizado dos conteúdos, acabam influenciando de forma mais direta na atribuição de significado do aluno à escola. O que faz refletir que a evasão escolar está mais relacionada com a forma como a escola é planejada, que é claro, depende do contexto social, e que contribui para que o aluno não perceba nela algo importante e capaz de gerar transformação social.

REFERÊNCIAS

- AULETE, Caldas. **Aulete digital - Dicionário contemporâneo da língua portuguesa:** Dicionário Caldas Aulete. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/cidadania>>. Acesso em: 07 fev. 2017.
- BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação.** Tradução, organização, introdução e notas de Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. Petrópolis: Vozes, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. **Os herdeiros: os estudantes e a cultura.** Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2014.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- COSTA, Janaina. Moutinho. **Orientação profissional: um outro olhar.** 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1678-51772007000400005&script=sci_arttext&tlng=es>. Acesso em: 14 mar. 2016.
- DAMIANI, Magda. Floriana. **Discurso pedagógico e fracasso escolar.** 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n53/a04v1453.pdf>>. Acesso em: 21 ago. 2016.
- DUARTE, Rosália. **Entrevistas em pesquisas qualitativas.** 2004. Disponível em: <<file:///C:/Users/KatiaAparecida/Desktop/2216-4207-1-PB.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2016.
- FERRÃO, Luciana Vigil; AULER, Décio. **Os estudantes do arquivo morto.** 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/viewFile/3158/2716>>. Acesso em: 15 ago. 2016.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** 38. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.
- FONSECA, Claudia. **Quando cada caso não é um caso.** 1998. Disponível em: <http://anped.tempsite.ws/novo_portal/rbe/rbedigital/RBDE10/RBDE10_06_CLAUDIA_FONSECA.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2016.
- GASKELL, George; BAUER, Martin W. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- GOHN, Maria Glória. **Sociologia da Educação: campo de conhecimento e novas temáticas.** 2012. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/article/viewArticle/3376>>. Acesso em: 12 maio 2016.
- HORTA, José Silvério Baia. **Direito à educação e obrigatoriedade escolar.** 1998. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/158.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2016.
- LIBÂNEO, José Carlos. **O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres.** 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v38n1/aop323.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

MAZZA, Débora. A história da Sociologia no Brasil contada pela ótica da Sociologia da Educação in: TURA, Maria de Lourdes Rangel (Org.) **Sociologia para Educadores**. 2. ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2002.

Ministério Público. **Justiça na educação: APOIA** Programa de combate à evasão escolar. Florianópolis, SC, 2014, 68 p.

Ministério Público. **Programa de combate à evasão escolar**. 2016. Disponível em: <<https://www.mp.sc.br/programas/programa-de-combate-a-evasao-escolar-apoia>>. Acesso em: 15 set. 2016.

NERI, Marcelo. **Motivos da evasão escolar**. 2009. Disponível em: <http://www.cps.fgv.br/ibrecps/rede/finais/Etapa3-Pesq_MotivacoesEscolares_sumario_principal_anexo-Andre_FIM.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2016.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. **A Sociologia da educação de Pierre Bourdieu: Limites e contribuições**. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n78/a03v2378>>. Acesso em: 28 mar. 2016.

OLIVEIRA, Amurabi; SILVA, Camila Ferreira. **Mapeando a sociologia da educação no Brasil: Análise de um campo em construção**. 2014. Disponível em: <<http://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/4351>>. Acesso em: 28 maio 2016.

QEDU. **Censo Escolar**. Disponível em: <http://www.qedu.org.br/brasil/censo-escolar?year=2015&dependence=0&localization=0&item=>. Acesso em: 23 dez. 2016.

RODRIGUES, Alberto Tosi. **Sociologia da educação**. 6. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.

RODRIGUES, Kátia Aparecida. **Estágio Curricular Supervisionado II**. Chapecó: Universidade Federal da Fronteira Sul, 2015.

SILVA, Aida Maria Monteiro. **Escola pública e a formação da cidadania: possibilidades e limites**. 2000. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/4385173-Aida-maria-monteiro-silva-escola-publica-e-a-formacao-da-cidadania-possibilidades-e-limites.html>>. Acesso em: 25 ago. 2016.

SPOSITO, Marília Pontes. **Indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil**. 2005. Disponível em: <<http://www.uff.br/observatoriojovem/materia/marilia-sposito-textos-de-refer%C3%Aancia>> Acesso em: 01 jun. 2016.

SPOSITO, Marília Pontes. **Juventude e educação: interações entre a educação escolar e a educação não-formal**. 2008. Disponível em: <http://www.uff.br/observatoriojovem/materia/marilia-sposito-textos-de-refer%C3%Aancia>. Acesso em: 01 jun. 2016.

SPOSITO, Marília Pontes; GALVÃO, Izabel. **A experiência e as percepções de jovens na vida escolar na encruzilhada das aprendizagens**: o conhecimento, a indisciplina, a violência. *Perspectiva*. 2004. Florianópolis, v. 22, n. 2, p. 345-380, jan. 2004. ISSN 2175-795X. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/9649>>. Acesso em: 01 jun. 2016.

VALEIRÃO, Kelin; OLIVEIRA, Avelino Da Rosa. **A escola enquanto instituição disciplinar**. 2009. Disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0224.html>>. Acesso em 13 set. 2016.

ANEXOS

ANEXO I – ENTREVISTA JOSÉ

A entrevista com o José aconteceu no dia 09 de novembro, quarta-feira. O primeiro contato com ele foi no dia 07 de novembro, por telefone, no mesmo dia, conversei com o pai dele e expliquei os objetivos da pesquisa, posteriormente conversei com o José. O nome e o contato dele foi fornecido pela escola na semana anterior. Me informaram também que ele era primo de um ex-aluno meu, informação que eu utilizei para criar um laço com o entrevistado, que conversou com o primo sobre mim, o primo informou que de fato tinha sido meu aluno e que ele poderia confiar em mim para fazer a entrevista. Conversamos na terça-feira pelo aplicativo whatsapp, e marcamos de nos encontrar na quarta-feira, o lugar foi escolhido por ele, a padaria do mercado onde ele trabalha, às 9h30 da manhã. Nos encontramos, conversamos um pouco antes da entrevista, quando expliquei mais um pouco sobre o que eu estava fazendo.

O que me chamou atenção foi o fato de ele falar durante a entrevista que eu já havia entrevistado várias pessoas da escola, o que não ocorreu. Acredito que isso se deve ao fato de eu ter falado que a escola não teria como saber que ele estava participando da pesquisa por manter eu manter os dados em sigilo e por terem vários alunos inscritos no programa, o que dificultaria para a escola a identificação dos participantes. De qualquer forma, garanti à ele o sigilo da pesquisa, salientando que o único que saberia era o primo dele, já que ele havia comentado com ele sobre isso. Ele se mostrou bastante tímido e até um tanto resistente em responder algumas perguntas, por isso voltei diversas vezes em assuntos que já haviam sido abordados, e insisti em alguns tópicos para conseguir o máximo de informações possível.

Kátia: então vamos lá. Então José, como eu te falei, o objetivo da pesquisa é tentar entender, como que os fatores externos à escola influenciam na saída dos alunos. Então eu tenho um roteiro de questões, de temas, pra gente ir conversando, tá, mas eles são bem pontuais e acredito que não vá demorar muito. Eu queria que você começasse falando um pouco sobre você, que que tu gosta de fazer, quantos anos você tem, que tu se apresentasse.

José: risos

Kátia: teu nome, quantos anos... o nome depois eu excluo, quantos anos você tem, que que tu gosta de fazer nas tuas horas vagas.

José: não tem horas vagas.

Kátia: não tem hora vaga? Como que é a tua rotina?

José: Da uma e meia às 10 aqui no mercado

Kátia: Da uma e meia às 10? e daí de manhã fica em casa?

José: (sinal afirmativo com a cabeça)

Kátia: e tu estudava de manhã?

José: à noite

Kátia: à noite? no final de semana o que tu gosta de fazer?

José: vou só na casa da namorada, e fico lá e mais nada

Kátia: como?

José: na casa da namorada e fica lá

Kátia: na casa da namorada e fica lá... ó, já é alguma coisa. Tu mora com o teu pai?

José: sim,

Kátia: é? então vamos lá. Tu disse que trabalha da uma e meia às 10? 10 e meia?

José: 10

Kátia: até as 10, por que que tu começou a trabalhar?

José: aqui?

Kátia: é
José: pela minha tia
Kátia: mas por que tu decidiste ir trabalhar?
José: porque só mora eu e meu pai, e ele fica o dia inteiro no mercado trabalhando e eu ficava em casa sozinho. Daí pra fazer alguma coisa
Kátia: aham... tá. E faz tempo que você trabalha?
José: dois anos.
Kátia: dois anos já? aqui, dois anos?
José: (sinal afirmativo com a cabeça)
Kátia: bastante tempo
José: eu fiz 16 anos e comecei
Kátia: é? foi por algum menor aprendiz, algum programa?
José: minha tia me colocou aqui
Kátia: e o que que tu faz aqui?
José: sou repositor
Kátia: repositor? como que é a sensação de estar trabalhando?
José: não sei, já me acostumei
Kátia: mas como você se sente trabalhando?
José: normal
Kátia: mas o sentimento é bom, é ruim, é legal, não é legal, se realiza, não se realiza?
José: não sei... o dinheiro que eu ganho aqui eu gasto tudo em casa
Kátia: é? o que que tu faz com o teu dinheiro?
José: besteira
Kátia: (risos) besteira? que tipo de besteira?
José: tudo, bem materiais
Kátia: é? o que que tu já comprou de legal com o teu dinheiro?
José: várias coisas
Kátia: celular?
José: dois
Kátia: dois? (risos) o que mais?
José: um not, uma bicicleta, uma moto
Kátia: bastante coisa
José: gastei 2 mil reais em fogos no final de ano.
Kátia: e esse ano de novo?
José: não
Kátia: não (risos) e ajuda em casa com alguma coisa? o que que é tua responsabilidade?
José: ajudar pagar as contas
Kátia: e vocês dividem ou..
José: cada um tem as suas
Kátia: ah, e o que que é o teu?
José: roupa e loja, roupa e peça pra bicicleta.
Kátia: bastante coisa. E quando tu estudava e trabalhava, como que era?
José: uma merda
Kátia: por que?
José: eu não gostava de estudar
Kátia: por que?
José: porque não
Kátia: mas por que não?
José: eu nunca gostei de estudar
Kátia: nunca gostou? nem quando era pequenininho?

José: (sinal negativo com a cabeça)
Kátia: por que? o que que a escola faz de ruim?
José: não sei... não gosto
Kátia: mas o que que te incomoda, o que que tu não gosta?
José: ficar trancado lá dentro
Kátia: é? e o que mais?
José: não sei...
Kátia: estudava de manhã?
José: de noite
Kátia: tá, mas, quando tu começou trabalhar, né?
José: sim
Kátia: mas tu trabalhava em algum outro horário antes?
José: eu trabalhava na parte da manhã
Kátia: ah tá, e estudava de noite, daí mudou de horário
José: agora mudei de horário, começava das 7 e meia às 6 da tarde
Kátia: e daí ia pra aula?
José: (sinal afirmativo com a cabeça)
Kátia: diretão? daí mudou de horário
José: daí parei com a escola
Kátia: faz quanto tempo que não tá indo?
José: um ano e meio já
Kátia: sério que tu não tá indo na escola há um ano e meio?
José: sim... já aprendi ler escrever tá bom, é o suficiente
Kátia: (risos) já é o suficiente? como que tu fazia pra conciliar o trabalho e a escola quando tu tava estudando e trabalhando?
José: eu não ia pra escola
Kátia: não ia?
José: eu ia lá de vez em quando, quando eu ia, eu ia e ficava três aulas e saía, na hora do recreio.
Kátia: como que foi a reação da tua família?
José: nenhuma, eles aceitaram.
Kátia: aceitaram numa boa
José: sim...
Kátia: em nenhum momento eles disseram: não, você tem que estudar?
José: (sinal negativo com a cabeça)
Kátia: não?
José: não... só o meu pai
Kátia: o que que teu pai falava
José: pra eu ir pra escola
Kátia: ele falava então? e o que que tu falava pra ele?
José: falava que não ia
Kátia: quando tu parou de ir na escola, o que que tu se lembra, como que foi, o que que a escola fez, o que que a família fez?
José: tem mais coisas envolvidas por fora... por questão minha, entende? e eu não vou falar...
Kátia: tudo bem...
José: daí tipo, eu parei de ir. Minha mãe sabe tudo que eu passei na escola, daí eu desisti, parei de ir, pra eu não ficar mais me incomodando.
Kátia: com colegas?
José: não... eles queriam até me encaminhar pra um psicólogo.
Kátia: a escola?

José: sim... daí eu parei de ir. Se é pra eu ficar... se incomodar eu prefiro ficar em casa.
Kátia: o conselho foi atrás?
José: foi
Kátia: como que tu... como que foi isso?
José: eles foram atrás de mim, eu fui no conselho, e voltei pra escola e fiquei mais três ou quatro meses, depois parei. Daí eles deram como desistência, eles deram baixa no meu nome daí.
Kátia: daí ninguém mais foi atrás?
José: não
Kátia: nem o conselho, nem nada? simplesmente abriram mão de você?
José: já faz acho que uns quatro anos que eu tô nessa jogatina...
Kátia: tu parou no primeiro ano?
José: sim... eu vou fazer 18 (anos), já era pra mim ter terminado o terceiro, há tempos, mas eu parei.
Kátia: qual foi a sensação nesse período de escola indo atrás, conselho indo atrás?
José: não sei... eu não dava bola
Kátia: não dava bola?
José: (sinal negativo com a cabeça) não dava bola, nunca dei bola pra eles.
Kátia: o que que eles falavam?
José: não sei... conversavam comigo.
Kátia: conversavam? e falavam o que?
José: pra eu voltar pra escola, pro meu pai, pra minha mãe me botar na linha, mas eu nunca saí.
Kátia: nunca saiu da linha?
José: (sinal positivo com a cabeça)
Kátia: vamos lá. Então tu mora com o teu pai, e tua mãe mora perto?
José: (sinal negativo com a cabeça)
Kátia: ela não mora aqui?
José: mora na saída pra Guatambu
Kátia: longe...
José: longe... eu pra cá e ela pra lá
Kátia: um em cada lado da cidade. Então tu falou que é responsável por algumas contas, enfim. Tem alguma outra coisa que tu é responsável em casa? como que é o serviço, vocês dois morando, só vocês dois? quem que faz o quê? vocês se dividem o serviço?
José: sim... e minha irmã vai pra lá de vez em quando. Tipo, toda semana ela vai, daí ela ajuda ali.
Kátia: ah, daí tem tua irmã?
José: minha irmã
Kátia: ela ajuda, faz o serviço...
José: só a única coisa chata é limpar a casa, o resto nada
Kátia: dá pra se virar? então tu prefere estudar ou trabalhar?
José: trabalhar
Kátia: por que?
José: estudar é uma merda
Kátia: por que que estudar é tão ruim?
José: não sei... tem professor que não aceita a gente
Kátia: como assim?
José: na escola.
Kátia: mas em que sentido ele não aceita?

José: não aceita, fala que se é pra ir e ficar se bobiando, mexendo no celular que fique em casa... eu fico em casa.

Kátia: então tu ia na escola e mexia no celular? (risos)

José: sim...

Kátia: e o professor não gostava muito?

José: tem professor que nunca foi com a minha cara ali naquela merda... não é de varde que paramos em 22 (alunos), tu já entrevistou meus amigos...

Kátia: ahn?

José: tu já entrevistou, acho que quatro dos meus amigos...

Kátia: não sei...

José: aham...

Kátia: não sei... (risos) não tô sabendo.

José: (risos) da minha sala

Kátia: da tua sala?

José: tem mais gente. Nós paramos em vinte e poucos esse ano

Kátia: pararam de ir em vinte e poucos alunos?

José: sim... um foi desistindo a cada tempo.

Kátia: e por que que tu acha que isso acontece?

José: não sei... muito estresse, se incomodar de varde na escola

Kátia: em que sentido que se incomoda?

José: sei lá... tem gente que, eu não sou santo, mas tem gente que vai lá só pra infernizar, daí já incomoda, daí o professor vai lá se irrita e xinga todo mundo e todo mundo vai paga o pato.

Kátia: qual a diferença entre ter regras na escola e ter regras no trabalho? porque no trabalho também tem regras.

José: sim... mas não são tão sarnas que nem da escola.

Kátia: ah tá, então as regras daqui são mais fáceis de cumprir que as regras da escola?

José: sim... aqui a única regra que tem é não abandonar o serviço e não mexer no celular

Kátia: é?

José: é, se eu quiser entrar a uma da tarde e sair as cinco e for pra casa, eu saio, só é uma questão de conversar. E se eu quiser abandonar o serviço eu abandono, só depois vem uma advertência. E mais nada. E lá já não, entrou, das 7 até as 10 e meia. Não tem como sair, não tem como fazer nada.

Kátia: como que eram as aulas?

José: não sei... nunca fui pra estudar. Não gostava.

Kátia: tem alguma coisa, algum conteúdo que tu gosta?

José: química.

Kátia: gosta de química, é?

José: (sinal positivo com a cabeça)

Kátia: e se tu fosse estudar alguma coisa, assim, o que que tu estudaria?

José: não sei... estou pensando em voltar estudar ano que vem, mas não na escola, estudar na, acho que é uma vez por semana, aqueles negócio...

Kátia: EJA?

José: é. isso daí. Vou tentar, se eu não conseguir eu abandono também

Kátia: como que tu acha que vai ser sem estudar?

José: até agora foi do mesmo jeito que eu tava quando eu tava estudando.

Kátia: e no futuro?

José: daí não sei né...

Kátia: o que que tu sonha em fazer no futuro?

José: não faço a mínima

Kátia: alguma coisa que tu olha pro teu futuro, assim, e se enxerga fazendo?

José: comprar um carro e ir embora daqui
Kátia: pra onde?
José: onde puder...(risos)
Kátia: onde puder? (risos) e profissionalmente?
José: uma empresa...
Kátia: do quê?
José: tem várias coisas
Kátia: mas do que que tu gosta?
José: de bicicleta
Kátia: é? montar uma revendedora de bicicleta...
José: não
Kátia: não? (risos) o que então, será?
José: não sei...
Kátia: como que era então a relação com os professores na escola?
José: só brigava
Kátia: não tinha nenhum legal?
José: um que outro
Kátia: e o que que diferenciava um professor legal de um professor que não era legal?
José: deixava mexer no celular
Kátia: só isso? só mexer no celular era legal?
José: e deixava ir no banheiro, só pra sair da sala
Kátia: esse era o legal? e o não legal era o que não deixava fazer nada?
José: é...
Kátia: só isso?
José: só abrir o livro e começar copiar
Kátia: é? e se tu pudesse mudar alguma coisa na escola, o que que tu mudaria?
José: tirava todo mundo de lá.
Kátia: mas daí não é escola... como que tu acha que a escola tinha que ser?
José: sem nenhum professor
Kátia: mas daí como é que vocês iam buscar o conteúdo?
José: cada um aprende por si
Kátia: cada um aprendia por si? mas ninguém, nem pra dizer: é por aqui, e por ali...
José: existe livro pra quê? conteúdo pra quê? pra estudar... pra quê que precisa de um professor pra encher o saco então?
Kátia: e aqueles professores que eram legais?
José: daí é outro caso à parte (risos)
Kátia: (risos) com a direção como que era?
José: não sei...só me expulsaram cinco vezes da escola.
Kátia: expulsaram cinco vezes da escola? por que que...?
José: por não ir
Kátia: por não ir?
José: por discutir com professor.
Kátia: é? daí tu saía e voltava depois de um tempo?
José: aham
Kátia: por que que discutia com professor?
José: falta de respeito... não sou ninguém mais que eles mas também não precisa querer vim pra cima de mim... só porque estão numa coisa a mais do que eu dentro da escola.
Kátia: tá certo... então a relação era meio conturbada?
José: (sinal afirmativo com a cabeça)
Kátia: e com os colegas?

José: legal
Kátia: era legal?
José: gaseava em 10, 12 e ia pro shopping
Kátia: daqui lá no shopping?
José: sim
Kátia: de ônibus?
José: de carro
Kátia: vinham com carro já, pronto pra ir
José: (sinal afirmativo com a cabeça)
Kátia: daí não ficava na aula?
José: não...
Kátia: tu reprovou alguma vez?
José: várias... (risos)
Kátia: várias? (risos)
José: acho que umas três vezes eu reprovei.
Kátia: é? tu lembra em que anos, em que séries?
José: uma na sétima, pra oitava, e duas no primeiro
Kátia: duas no primeiro tu reprovou?
José: (sinal afirmativo) uma foi por que eu quis, e uma foi porque eu não sabia fazer o exame. Eu fui no dia do exame, escrevi meu nome e "vazei". Entreguei em branco. E na outra vez eu respondi mas daí acabei não atingindo a média. Daí fui pra casa.
Kátia: faz um ano e meio que tu não vai pra escola?
José: por aí... esse ano acho que eu fui umas... dá pra contar nos dedos as vezes que eu fui.
Kátia: o conselho foi atrás só uma vez?
José: (sinal afirmativo)
Kátia: depois não foi mais? e a escola?
José: ah, a diretora, né... ela é minha conhecida daí ela falava pra mim ir, mas nunca fui.
Kátia: e eles tentaram conversar contigo, conciliar alguma coisa?
José: sim... várias vezes. Tavam falando que eu tava entrando em depressão, daí queriam me encaminhar pra um psicólogo, daí eu parei de ir de vez. Depressão são eles que tem de ficarem lá direto.
Kátia: como que foi tua saída da escola
José: não sei...
Kátia: quando que tu decidiu que aquilo ali não era pra ti?
José: ano passado, nas greves... foi ano passado que teve greve.
Kátia: o que que aconteceu que tu...
José: eu fiquei 5 meses em casa, começou a greve eu comecei também junto. Daí terminou e eu continuei, daí o conselho foi atrás de mim, eu voltei depois... foi bem no finalzinho do ano, daí terminou as greves e eu continuei, depois o conselho foi atrás de mim, eu voltei e fui até o final do ano, daí eu rodei. Daí esse ano eu fui, acho que um mês, nem isso eu acho, se contar, tipo os dias intercalados, que era um ou dois por semana, parava, depois um ou dois por semana e parava.
Kátia: daí o conselho não foi mais atrás?
José: eles não vem, a partir dos 17 e meio eles não vem mais, daí não tem mais porquê, é 6 meses, é o tempo que tu tem pra ficar em casa até eles vim. Eu já faço 18, eles não se incomodam mais.
Kátia: mas tu acha que isso tá certo? só porque fez 18.
José: não... simplesmente não quero mais ir pra escola
Kátia: não, não... não certo... certo de por você ter 18, tipo, não virem mais atrás.

José: ah, tipo, sei lá... vai deles daí. Se eles querem que a pessoa volte a estudar, eles incomodam até quando eles quiserem, se não, não

Kátia: e o teu pai, hoje, o que que ele diz pra você?

José: não fala nada a respeito de escola

Kátia: não mais?

José: (sinal negativo com a cabeça) tipo, já se acostumou, tipo, como se eu já tivesse terminado os estudos, não fala mais nada.

Kátia: é? nem a tua mãe?

José: não... eu vejo minha mãe acho que uma vez por semana. Mas só vejo e "vazo", só assim

Kátia: é? você sempre morou aqui em Chapecó, desde criança?

José: (sinal afirmativo)

Kátia: sempre estudou ali no Irene?

José: não, no Anita Garibaldi, no Rolim de Moura e no Irene, e acho que tem mais um que eu não me lembro.

Kátia: e nas outras tu gostava ou era a mesma coisa?

José: ah, nas outras eu ia pra estudar, mas daí ali, não sei, nunca gostei dali, ali é um cadeião comunitário aquilo ali. Tu olha pra cada lado tem um muro, tem uma grade, daí como é que eu vou pra casa?

José: nas outras não era assim, as outras eram bem tranquilas. É que as outras eram municipais, né, ali já e estadual, ali já é mais incomodação ainda.

Kátia: se a escola fosse diferente, tu acha que tu ia gostar?

José: em qual sentido, diferente?

Kátia: a estrutura diferente, um ambiente melhor, com professores...

José: então... só de trocar o pessoal da parte dos funcionários lá... todo mundo, parelho

Kátia: até os professores?

José: sim

Kátia: todos eles?

José: não precisa ser tão chato pra ir na escola, podia ter professor, tipo, brincalhão, isso e aquilo, que desse vontade de ir pra escola. E não só pra ir lá e ficar sentado, ficar dormindo.

Kátia: com relação às drogas...

José: "fuja"

Kátia: "fuja", não, é, na escola era feito algum trabalho de combate, que tu lembra?

José: só o PROERD.

Kátia: só o Proerd?

José: eu fiz uma vez isso aí só

Kátia: mais nada?

José: ah não ser eles conversando que não é permitido, isso e aquilo, mas se não, não.

Kátia: mas de conscientizar os alunos, não?

José: é... lá de vez em quando, quando o tempo tava pra chuva assim, eles falavam alguma coisa, se não, não.

Kátia: é? e alguém já chegou te oferecer?

José: várias vezes.

Kátia: é? como que foi tua reação?

José: nenhuma. O meu tio já era traficante. Na questão hoje, ele tá morto.

Kátia: mas tipo, quando te ofereciam, o que que tu dizia?

José: (risos) nada... não pela questão de oferecer, se fosse por isso eu pegava do meu tio. Tipo, eu nunca dei bola pra isso.

Kátia: é? por que?

José: não sei... nunca fui desses daí assim, tipo de usar droga, beber, eu não faço nada disso, pra ter uma noção eu não vou nem em festa, prefiro ficar em casa dormindo.

Kátia: Teus pais conversavam com você sobre isso?

José: sobre o que? sobre drogas?

Kátia: sobre drogas..

José: não... tipo, eu nunca dei esse mal exemplo de ficar se envolvendo com isso, tipo eu nunca fui uma pessoa mal educada, entende? Eles nunca se incomodaram comigo, só incomodaram comigo na questão de ir pra escola mesmo. Senão, o resto eles nunca... sempre fui calmo

Kátia: tu acha que a escola tinha que trabalhar mais essa questão?

José: de drogas?

Kátia: é.

José: sim... deveriam até bota um negócio, uma... aqueles negócio de... que nem tem nos aeroporto, tinham que colocar bem no portão pro pessoal entrar.

Kátia: entrar? (risos) por que senão é tenso o negócio? o pessoal usa bastante ali?

José: (sinal positivo)

Kátia: é? tá.. Então tu me falou que a escola, quando tu parou de ir na escola, a escola entrou em contato, tu não voltou, e o conselho entrou em contato e tu voltou?

José: daí eu voltei, depois parei.

Kátia: o ministério público nunca entrou em contato?

José: nem sei o que que é isso...

Kátia: (risos) depois do conselho, quando o conselho não dá conta, eles mandam pro ministério público, uma coisa pior ainda...

José: não sei...

Kátia: nunca te procuraram... só o conselho.

José: só o conselho, sei que era o conselho aquilo lá. Se não fosse, o meu pai taria preso hoje...

Kátia: (risos) foi uma conselheira tutelar que falou contigo? que conversou contigo? foi uma mulher?

José: foi... uma véia, acho que meia loira, se não me engano.

Kátia: é?

José: acho que nessa rua aqui, descendo, ou na próxima

Kátia: tu foi lá?

José: sim...

Kátia: vocês foram chamados, lá então... tu e o teu pai?

José: ele.. Na verdade, era pra ir só eu, mas como tinha que assinar uns papel que nem aqui, daí ele foi junto, senão ia só eu.

Kátia: e o que que teu pai falou?

José: não sei.. Ele olhava pra mim só. É o que eu te falei, eu nunca fui de aprontar nada, tipo, eles nunca ficaram brabo comigo, assim. Nunca, nunca foram de me bater, de fazer nada. Eu sempre fui uma pessoa calma, daí eles só me incomodaram por causa disso, em questão de não ir mais pra escola, senão, não. Daí tipo, como a gente foi lá, a gente foi como se a gente tivesse ido normal. A mulher conversou comigo, conversou com o meu pai, eu voltei pra escola e depois parei. Começou tudo de novo.

Kátia: me conte um pouco sobre a tua trajetória escolar... que que tu se lembra da tua infância na escola?

José: não sei...

Kátia: era legal, não era... o que que era legal?

José: só a de educação física...

Kátia: essa era legal? as outras não muito

José: tem um carro (foi ver a bicicleta dele, que estava no estacionamento). Eu investi 2 mil reais naquela bicicleta.

Kátia: é? é muito dinheiro em uma bicicleta... quando tu era pequenininho tu ia nas escolas municipais, então?

José: (sinal positivo) comecei ali acho que na oitava série, na sétima, é, na sétima que eu rodei, que daí tipo, muda tudo né... tipo munda, desde a questão da aprendizagem, até os professores, tipo, a forma como eles ensinam, aí eu rodei, acabei rodando.

Kátia: e daí foi já no Irene?

José: é daí eu já tava no Irene.

Kátia: teu pai estudou?

José: sim...

Kátia: ele terminou o Ensino Médio?

José: até a quarta série

Kátia: é?

José: quando, tipo, eles moravam no interior, na roça. Aí até lá só tinha até a quarta série, os estudos. Daí se a pessoa quisesse aprender mais daí tinha que sair daquela cidade, tipo, procurar uma cidade mais grande. É, pelo menos é assim que ele fala. Minha mãe fez até o.. Acho que o segundo, se eu não tô enganado.

Kátia: do ensino médio?

José: sim do ensino médio

Kátia: é? mas não terminou também?

José: tipo, chegar até o terceiro, fazer uma faculdade, assim.

Kátia: é... de terminar o Ensino médio.

José: não... faltou um ano.

Kátia: e a tua irmã?

José: minha irmã tá estudando.

Kátia: em que ano que ela tá?

José: não sei....

Kátia: quantos anos ela tem?

José: treze,

Kátia: treze? sétima, oitava.

José: nunca rodou... é...

Kátia: ela gosta de estudar?

José: gosta...

Kátia: é? onde que ela estuda?

José: não sei...

Kátia: (risos) como tu não sabe?

José: não sei... eu não convivo com ela

Kátia: não convive pra saber...

José: ela só vai lá em casa ver nós, depois volta. Eu não fico em casa.

Kátia: sempre trabalhando?

José: (sinal positivo)

Kátia: como que os teus pais acompanhavam você na escola quando era pequeno? de reunião... eles iam?

José: sempre...

Kátia: sempre? é, sempre te acompanharam? mais teu pai ou mais tua mãe?

José: mais o pai.

Kátia: é?

José: porque o pai e a mãe são separados já faz uns doze anos já.

Kátia: ah... é há bastante tempo... e tu sempre morou com o teu pai?

José: morei uma vez com ela, daí ela arrumou um marido e ele não gostava de mim. Eu peguei e saí de lá.

Kátia: daí veio morar com o teu pai?
José: daí vim morar com o pai
Kátia: que que tu gostava da escola?
José: não sei...
Kátia: nada?
José: só os amigos na verdade.
Kátia: só os amigos... e educação física?
José: (sinal positivo)
Kátia: e o que mais, nada?
José: (sinal negativo)
Kátia: nem quando era pequeno?
José: não... eu não sei, eu nunca gostei de ir pra escola. Nunca fui...
Kátia: e o que que tu não gostava?
José: um pouco de tudo...
Kátia: se tu pudesse imaginar uma escola onde tu gostasse de ir, como ela seria?
José: não sei...
Kátia: tente imaginar
José: sem os professores ficar enchendo o saco, sem diretora sarna, tu viu o que aconteceu com a diretora agora, né? pediu afastamento por licença médica pra você ter uma noção. Tipo, se não fosse muito rigorosa, tipo, em certas coisas e fizesse, tipo, umas aulas mais espontânea, não ficasse sentado na sala copiando, ou ficar lendo o livro, tipo, quando eu era mais pequeno eles levavam a gente sempre pra passear. Não tinha exatamente o shopping, era tipo praças, assim, esses lugar, assim, aberto... ali já não, ali já é fechado, ninguém faz nada, se eles convidam uma turma pra sair.. Não é só aquela turma, é umas três, quatro, daí não tem como a escola ir pra frente assim. Eles querem fazer, mas querem fazer tudo de uma vez só, eles não fazem, tipo, uma coisa de cada pouco, assim.
Kátia: no futuro, se tu quisesse estudar alguma coisa, o que que seria?
José: química
Kátia: química?
José: sempre me "encarnei" em química
Kátia: é?
José: ainda mais que quem dava era o professor Rafael, barbudo, sarna (risos)
Kátia: o Rafa... então tu estudaria química. Tu começou gostar de química por influência dele?
José: não... eu acho legal o que eles fazem, os caras sabem construir até uma bomba, pra você ter uma noção. Eu queria aprender a construir uma.
Kátia: ele nunca ensinou? (risos)
José: (sinal negativo)
Kátia: devia ter ensinado (risos)
José: só que uma bomba mesmo. Pra jogar dentro daquela escola ali pra ver o que que acontece
Kátia: você ia explodir a escola?
José: (sinal positivo)
Kátia: e ia construir uma nova, ou não ia construir nada?
José: eu não... o governo que fizesse
Kátia: se tu for pro Eja ano que vem..
José: não sei como que funciona lá.
Kátia: não sabe?
José: (sinal negativo) só sei que eles dão aula. Mas como é que funciona eu não sei.
Kátia: é? e se for de noite, for no horário do teu trabalho?

José: eu troco.

Kátia: troca de horário?

José: sim

Kátia: faria esse sacrifício?

José: acordar de volta de manhã cedo.

Kátia: é bom..

José: não, eu acordo oito e meia todo dia e já acho uma merda, imagina acordar às 7 daí, sair de casa às dez pras sete pra chegar aqui as 7 e meia, ou um pouco antes, depende.

Kátia: e daí tu pretende fazer mesmo o EJA?

José: acho que sim, vamos ver como que é que vai. Ver o que que eu vou fazer

Kátia: é?

José: que se eu faço aniversário agora em janeiro, né, eu faço dezoito, daí eu vou ver, tipo, como é que vai... o que vai acontecer, né. Se eu vou continuar morando com o pai ou não.

Kátia: se não, o que que tu vai fazer?

José: não sei... eu pretendo sair daqui (do trabalho no mercado).

Kátia: do teu trabalho? e trabalhar do quê?

José: em outra coisa, tipo, todo mundo fala que é pra eu sair e procurar um emprego melhor, mas isso não tem nada a ver, não é o emprego que faz a gente, é a gente que faz o emprego. Por mim não tem nenhum tipo de questão nisso, eu só pretendo sair daqui ano que vem... ver como é que vai, ver se eles vão acabar, tipo, ou fazendo alguma coisa comigo aqui dentro, se eu vou continuar fazendo a mesma coisa já há dois anos, eu já enjoei, tipo, fazer a mesma rotina, entende? todo dia...

Kátia: se eles chegarem e disserem assim: tem uma vaga, mas você precisa do ensino médio completo

José: eu saio, ou continuo onde eu tô, tipo, não é que é uma merda, é bom onde eu tô. Tipo, não tem... não tem que ficar se incomodando, não tem essas coisas, mas tipo, eu já enjoei, pela questão do tempo já fazendo a mesma coisa. Tipo, todo dia, da uma e meia às dez e meia fazendo aquela mesma coisa, durante dois anos, foi cansativo, eu já enjoei. Tipo, como se eu viesse, tipo, em outro setor, mesmo que eu fizesse uma coisa mais, tipo, como é que eu posso dizer, uma coisa mais sarna ainda, mais chata, mas tipo, que eu mudasse de coisa, pra não ficar só na mesma.

Kátia: o que que o teu pai faz?

José: o meu pai trabalha em mercado.

Kátia: e o que que ele faz no mercado?

José: um pouco de tudo.

Kátia: um pouco de tudo? é aqui nesse?

José: não..

Kátia: ah tá. Tu sabe que tem, tipo, como que tu acha que é o mercado de trabalho? sem o ensino médio.

José: eles não pegam.

Kátia: tu acha que isso vai ser um problema?

José: acho que não

José: quando o funcionário é bom, eles seguram. Se eu não fosse bom eu não taria aqui já, enchendo o saco deles.

Kátia: mas e em outra função, onde precise de ensino médio?

José: não sei daí, porque aqui dentro, na verdade, a maioria que trabalha aqui é de menor, tá começando fazer a vida já, fazendo dezoito. Nessa questão de dezoito, tem que ter dezoito, só... a única coisa que precisa de dezoito é setores de frio e padaria, aqui dentro, o resto eles não pedem escolaridade. Não precisa de segundo grau completo pra aprender fazer uma pizza. Não precisa de segundo grau pra aprender ligar um forno, pra assar pão. Não precisa disso.

Vai só do conhecimento da pessoa, querer aprender, mais e mais, daí fora daqui eu não sei. Eu sempre trabalhei "frio", aqui que eu comecei fichado.

Kátia: tu acha que se chegar num serviço, em uma função que tu gostaria, não aqui, em outro lugar, e eles pedissem o ensino médio completo, tu se arrependeria?

José: Não... não... é que nem eu te falei, tem outras coisas, tipo, que não me deixaram terminar o ensino médio, da questão minha, daí eu não vou lá, porque eu sei que o que aconteceu comigo, eles não vou ter nada a ver.

Kátia: e tendo essa possibilidade de fazer o EJA?

José: daí eu faço, se não for muito cansativo, pior que na escola, né, se for pior que na escola eu abandono, eu prefiro voltar pra escola, daí vou "catar" outra, não fico mais no Irene.

Kátia: tão ruim assim o Irene?

José: é... é, você é professora, você não foi aluna deles.

Kátia: mas eu era uma professora legal.

José: não sei... você nunca me deu aula.

Kátia: mas eu era, eu te garanto... quer dizer, eu espero que sim... eu tentava, juro que eu tentava... juro, juro pra ti que eu tentava.

José: é... o Wellington pelo menos fala bem de você, né. Daí, todo mundo tem uma coisa diferente.

Kátia: muito bem...

José: "tá morrendo" a bateria já (do celular)

Kátia: não... então tá, futuro químico, boto fé em ti...

José: (risos)

Kátia: é sério... boto fé. Tu vai se encontrar.

José: vai demorar um pouco

Kátia: tu é novo ainda

José: vai demorar u pouco.

Kátia: tu só tem 17 anos, a vida ela não é... ela não acontece assim

José: mas pra mim tá fazendo o outro jeito

Kátia: como assim?

José: pela minha família. Tipo, se destruir tão cedo.

Kátia: tu acha que isso influenciou?

José: (sinal positivo com a cabeça)

Kátia: é?

José: pode ver...a maioria das pessoas que estão na escola tem a família completa. A minha foi um pra cada lado, meu pai já faz uns cinco, ou seis anos que não vai ver minha vó.

Kátia: então tu acha que isso influencio bastante?

José: influencia... pode parecer que não, mas influencia.

Kátia: tu acha que se teus pais tivessem juntos, as coisas seriam diferentes?

José: seria, nossa, bem diferente

Kátia: mas acontece... né, é uma coisa que a gente não pode controlar, né? eles crescem e a gente não tem mais controle sobre eles, os pais... infelizmente. e assim vai ser com nós, né? a gente vai crescer, daqui a pouco, quer dizer, crescer eu não cresço mais, mas no caso ficar mais velha, né, e infelizmente é assim. e é aí que eu digo que a gente tem que, e eu quanto professora, e a escola quanto instituição, começar perceber essas coisas, sabe, que existem coisas que estão fora de ti, que influenciam nas tuas tomadas de decisão, no caso a família... que não é porque tu não quis mais, existem coisas que estão fora... mas eu boto fé, tu vai ser químico e ainda vai dar aula (risos), lá no Irene (risos)

José: (risos) mas credo...faço uma bomba e explodo tudo aquilo lá.

Kátia: já pensou... tu dando aula lá no Irenão.

José: (sinal negativo)

Kátia: não? tu ia ser um professor legal, que ia influenciar outros adolescentes à coisas boas.

José: tempo bom era quando tinha a Mariana (a outra diretora) na escola.

Kátia: é? a Mariana era massa

José: ela era "aqui", mas também não tinha professor querer abrir as asas lá dentro.

Kátia: o que que é isso, "abrir as asas"?

José: querer se governar, só porque é professor.

Kátia: o que que a Mariana fazia diferente da... senhora...

José: tudo... a Mariana era uma diretora mesmo, não era uma mulher sarna, só pra encher o saco, só porque o marido dela é advogado ela acha que é mais que todo mundo.

Kátia: tu acha que se fosse a Mariana ainda, as coisas seriam diferentes?

José: sim...nem invadido a escola eles não teriam invadido.

Kátia: é?

José: isso eu te garanto... nem que viessem com um batalhão, a escola eles não invadem, porque a Mariana sabia controlar. Não é que nem aquela ali que dá de mão aberta pra todo mundo. Não querendo falar mal, mas hoje aparece qualquer professorzinho ali e ela dá uma oportunidade pra dar aula. O cara vai lá, tem professor que... nesse tempo que eu tava lá trocou mais de professor do que trocou de aluno, cada pouco era um professor, tinha pessoas que não aguentava a pressão, das outras salas, e salas de sexto até primeiro ano são as salas mais chatas que tem, de sexto a primeiro ano... eu não sou professor, mas eu vejo isso, porque eu já passei por elas, são as que mais incomodam, assombram a escola.

Kátia: mas tu sabe que essa questão dos professores, ela não depende só da direção, né?

José: eu sei... mas só que daí vai da diretora poder influenciar o professor.

Kátia: isso sim... a permanência, influencia, né... agora a escolha, não... tipo... ah, não é ela que escolhe os professores, é os professores que escolhem a escola.

José: eu sei... é feito um rodízio.

Kátia: é... tipo isso, todo ano. E tu acha que isso influencia, tipo, todo ano um professor novo?

José: sim

Kátia: né... e se fosse tipo...

José: o mesmo professor...

Kátia: é...

José: seria legal, porque tu já trabalhou com ele, tu sabe como é e como não é, senão cada ano vai trocar de professor, daí um ano é um professor legal, outro um professor chato, depois vem um professor legal, depois vem um professor chato, cada ano tu vai ter que aprender como conviver com essa pessoa. E tem pessoas que você aprende fácil, e tem pessoas que pode tá terminando, pode tá na última semana do ano, tu não aprendeu como lidar com ela.

Kátia: e em questão de conteúdo, tipo, tu acha que tem diferença de um professor pra outro, como eles explicam?

José: tem...

Kátia: e isso influencia no aprendizado?

José: sim...porque tem um que explica de uma forma e tem outro que explica de outra. que nem com a profê, não sei se tu conhece, a Cris Moro, professora de matemática, hoje ela é engenheira, eu estudei com ela dois anos, nos dois anos eu sempre fui com nota boa, porque ela sabia como explicar, tipo, não era só por minha questão, todo mundo sabia, daí eu sempre fui com nota boa com ela, aí já ano passado, foi com aquele professor, "o gordo", esqueci o nome dele agora, o...acho que Marcos, uma coisa assim... não sabia nada, eu e ele brigamos, eu fui expulso por culpa dele, porque ele era muito estúpido, daí esse ano, era ele de volta, daí depois ele parou, e veio o "Carbonera", o Marcos que era "autos gente", também, tirava só nota boa... vai do professor, da forma de aprendizagem do professor. O professor Marcos usava tipo, ensinava a gente mas como se fosse no nosso dia-a-dia, já outro já não, ensinava o que tava nos livros, entende. Então vai sempre influenciar. A professora mais gente massa que

eu já tive foi uma professora de inglês, passei com a Maria de Lurdes, o professor era "altas gente", agora esse último ano foi com a Carol Listone, foi vereadora, foi uma merda... foi uma merda, ela só sabia falar sobre "sapatão" e gay, acho que era os direitos dela, eu acho, isso daí, ou ela segue esse negócio aí, ela só sabia falar disso.

Kátia: na disciplina de inglês

José: sim.. Tipo, acho que ela, ela, como é que eu posso dizer, influenciava os alunos com aquilo ali, entende, eu acho, pra se tornarem alguma coisa assim do tipo

Kátia: entendi, muito bem... e tu acha que teria que ser como? que ela deixar isso, tipo, dar a aula?

José: sim... dar aula. Tem professor que leva os problemas de casa pra escola, tem professor que faz isso. Que nem a professora de.. Professora não, é foi minha professora... agora ela virou diretora e foi afastada, ela levava problema de casa pra resolver na escola, tinha vez que ela se irritava em casa e descontava na gente, entende? daí quiseram me encaminha pro psiquiatra, mas quem precisava de psiquiatra era ela e não eu.

Kátia: tu não chegou ir no psicólogo?

José: eu não... eu não preciso, eu não sou bobo, bobo é quem vai lá e dá dinheiro pra só conversar com uma pessoa.

Kátia: e a escola não conversava? não tinha esse papel de conversar com os alunos?

José: não... te chamava, brigava, largava de volta, depois acontecia a mesma coisa...

Kátia: mas conversar não?

José: (sinal negativo)

Kátia: e se a escola conversasse mais, tu acha que seria melhor?

José: iii...não

Kátia: não?

José: não... eles não sabem se impor no lugar.

Kátia: por que?

José: cada uma pessoa tem um jeito de pensar, e a escola sempre quis fazer tipo um bando, do jeito que ela fala pra um, os outros tem que seguir.

Kátia: tratam todo mundo igualzinho?

José: aham...cada um tem um jeito de pensar, uma maneira, uma forma diferente, como te falei, você entrevistou meus amigos, eu fiquei sabendo, me falaram, eles não se abriram, tipo, o que vocês conversaram, já foi falado... por isso que eu não queria nem vim, porque eu posso pensar que isso vai me levar pro conselho, que os caras vão voltar me incomodar de novo.

Kátia: mas eu não entrevistei nenhum amigo teu.

José: sim... que já estudaram comigo. Vários, uma montuera de gente, você pegou uma lista na escola, por desistência.

Kátia: mas eu não entrevistei

José: olha que sim... olha que sim

Kátia: te garanto.

José: tu pegou uma lista por desistência, foi seguindo os nomes.

Kátia: eu entrevistei um menino só, e uma menina, até agora... e você

José: não sei...

Kátia: é sério, e o teu nome e os teus dados são sigilosos. Tipo o teu nome, ninguém vai saber que é você que está falando, só o Wellington. Então tu acha que conversar não adianta muita coisa?

José: não...

Kátia: que pena, né... deveria. Mas é isso, muito obrigada por disponibilizar o teu tempo, né... por vir aqui conversar comigo. E eu espero que mude, que a escola mude...

José: não muda...

Kátia: não?

José: não... eles não mudam, mais fácil mudar de professores e direção do que a escola, a forma vai ser a mesma, como sempre foi...

Kátia: eu espero que não... eu espero que mude, pra melhor, veja bem.. Pra melhor.

José: é mais fácil piorar do que melhorar

Kátia: vai melhorar... vai melhorar... então tá, é isso, muito obrigada.

ANEXO II – ENTREVISTA MARIA

No dia 26 de outubro fiz a segunda entrevista. Foi com a aluna Maria, também da escola Irene Stonoga. O primeiro contato com ela aconteceu na primeira semana do mês de outubro quando ainda estava mapeando os possíveis entrevistados depois de receber alguns casos de alunos que não estavam frequentando a escola. Na ocasião falei com a Maria e com sua mãe, que me informaram que ela havia retornado à escola naquela semana.

Após este levantamento, entrei em contato com elas novamente no dia 24 de outubro, onde combinamos a entrevista para o dia 26 de outubro na casa da Maria.

Maria mora em um bairro conhecido por sua violência e recursos escassos, em uma casa mista, de dois andares, onde mora com seus pais, avó, irmão, cunhada e sobrinho. O local da pesquisa foi escolhido por ela. Ao chegar na casa dela, às 10h do dia 26, ela ainda estava dormindo, conversei um pouco com a mãe dela, expliquei o motivo da entrevista, e como aconteceria. A mãe concordou e acabamos conversando sobre o motivo que levou Maria a ficar 30 dias fora da escola.

Segundo a mãe, isso aconteceu porque Maria estava sendo perseguida por um jovem, porque viu ela na companhia de outro jovem. Por serem rivais, Maria passou a ser alvo de retaliações, de ameaças e perseguições. Depois de alguns episódios onde o jovem ia até a escola para amedrontar e perseguir Maria, e de passar em frente à residência da família, fazendo disparos com arma de fogo, a mãe decidiu não deixar mais Maria ir na escola, principalmente porque ela estudava de noite. Por este motivo ela ficou afastada esse período, no entanto, a escola não encaminhou o APOIA, por entender que ela só retornaria depois que esta situação fosse resolvida. Depois que uns dos jovens foi preso e o outro morto, a Maria retornou para a escola.

Depois desta conversa, a mãe foi acordar a Maria, conversamos mais um pouco, assinamos os termos e começamos a entrevista. Disse para a mãe ficar à vontade para participar, ela ficou e participou. No início, a vó de Maria também ficou com nós, mas logo saiu.

Maria aparentou ser bastante tímida, falava pouco, recorria bastante às contribuições da mãe, mas foi ficando mais confiante ao longo da entrevista.

Kátia: Tá, Maria, então tu já foi esclarecida sobre os objetivos da entrevista, então a gente vai começar conversando um pouco, né, gostaria que tu falasse um pouco sobre você, o que que tu gosta de fazer, quantos anos você tem, né, o que que tu faz no teu tempo livre, tá, um pouquinho sobre o que que tu gosta, quem que é a Maria.

Maria: o que eu gosto de fazer?

Kátia: é... o que que tu gosta de fazer?

Maria: eu gosto de dormir bastante.

Kátia: gosta de dormir? É bom dormir, Maria? (risos)

Kátia: o que mais?

Maria: só eu acho. Ficar com a mãe, incomodar a mãe

Kátia: Incomodar a mãe? (risos)

Vó: trabalhar...

Maria: é... trabalhar

Kátia: gosta de trabalhar?

Maria: aham

Kátia: no que que tu trabalha?

Maria: cuido de criança

Kátia: é? Aonde?

Maria: no CAIC

Kátia: No CAIC?

Maria: é..

Kátia: Faz quanto tempo que tu tá lá?

Maria: faz 5 mês

Kátia: 5 meses? Como que tu se sente trabalhando?

Maria: é “bão”, é diferente, porque daí a gente vai tem um horário, tudo, pra chegar, pra sair, é “bão”.

Kátia: Gosta, é?

Maria: “afirmação com a cabeça”

Kátia: é melhor estudar ou trabalhar?

Maria: trabalhar

Kátia: Por que?

Maria: porque sim, na escola você tem que obedecer regra, a professora grita, ela xinga, ela...

Kátia: mas no trabalho também tem regras.

Maria: mas não é de chegarem assim, nem te darem explicação o porquê, se não foi feita as coisas, elas começam gritar com você. Tu faz tu não faz.

Kátia: aham...

Mãe: mas isso aí eu acho que é um direito dela, ela tá lá pra estudar, eles tem que exigir alguma coisa pra ela tentar aprender, o que elas aprenderam elas querem que o aluno aprenda.

Maria: mas chega com paciência e fala, não chega gritando

Mãe: ah, mas tem muitas que não tem a paciência, porque explicam, explicam, explicam e...

Kátia: Faz 5 meses que você trabalha, o que que mudou nesses 5 meses depois que tu trabalha?

Maria: Mudou tudo, me deu mais preguiça ainda mais de ir pra escola

Kátia: mais preguiça de ir pra escola?

Maria: mais preguiça, chegar e tomar banho, me arrumar, sair correndo e ir pra escola

Katia: como que tu faz pra conciliar trabalho e escola?

Maria: como assim?

Katia: pra tentar juntar as duas coisas, fazer com que as duas deem certo.

Maria: tem que ir meio que (risos) braba pra escola, tem dias que eu não quero ir, mas vai...

Mae: ontem foi um dia que que nem eu falei, ontem ela não queria ir, daí eu disse até há um tempo eu até te expliquei que ela não ia por causa daquele assunto, né, que aconteceu, que eu suspendi ela, 30 dias na verdade, daí as professoras me ligavam, daí eu falei pra ela, ela tentou subir pra cima, eu disse: tu vai parar aí, daí ela disse: se a Maria não voltar hoje pro serviço, digo, pra aula, amanhã não precisa mais ela vim trabalhar, daí no caso eu explico pra ela que ela trabalhando já é uma grande vantagem pra ela porque daí tudo que ela quer ela tem um dinheiro dela e ela pode comprar, porque o dinheiro dela eu não pego nada, esse é dela, ela compra o que ela quer, ela compra uma roupa, ela compra um calçado, ela compra um celular, que ela sempre quer, queria no caso, que agora ela tem, tá pagando. Então isso eu acho muito importante, a pessoa tá trabalhando, sendo honesta no trabalho e na escola, né.

Kátia: então, o estágio tá vinculado à escola, né, pra estar estagiando tem que estar trabalhando, é isso?

Mãe: tem que estar trabalhando, aí como eu digo pra ela, eu tenho minhas contas pra pagar, tem o mercado na verdade, dela eu não pego um centavo dela, esse é dela, então eu digo pra ela, olha minha filha, tu tem que trabalhar, é melhor ela tá trabalhando do que ela andar aqui na rua pra lá e pra cá, batendo papo, às vezes se incomodando, porque fofoca existe, quando tu pensa que tá assim uma fofquinha, tá assim (representação de pequeno e grande com as mãos) e daí quem que se incomoda, a mãe e o pai, porque ela é de menor, né. Então eu digo pra ela: trabalhe minha filha, chegue em casa, se não dá tempo de comer alguma coisa, toma

um café e vá pra aula estudar, daí se por acaso chove a gente vai buscar, daí quando não chove vai, né. Até ontem foi um dia que ela não queria ir, (citando a filha) “não porque tá chovendo, mãe, porque eu tô com preguiça”, eu disse: nada disso, o teu irmão vai te levar e vai te buscar no caso, se tá chovendo. Daí ela foi, então é por aí que eu... eu não concordo com o que ela faz, porque eu quero estudo pra ela, como eu não tive, né. Eu nos meus 15 anos, eu tinha que trabalhar se eu queria comer, porque não tem o pai na verdade, e agora perdi minha mãe, faz tempo, faz 22 anos. Então eu digo pra ela: tem pai, tem mãe, estudem pra mais tarde ser alguma coisa na vida porque a mãe, o que a mãe não teve e o pai eu quero dá pra ela.

Kátia: a senhora estudou até a quarta série?

Mae: até a quarta série, daí porque que nós “fumo” embora, daí “fumo” pra outra cidade, daí fez o que, voltar estudar não tinha como, a mãe tinha duas crianças pequena da outra minha irmã, então nós tinha que trabalhar pra sustentar a mãe e aquelas duas crianças, então eu não tive oportunidade de voltar estudar, então por isso que eu parei na quarta série, hoje eu digo pra elas: estudem minhas filhas, porque o estudo hoje minha querida é em primeiro lugar, porque eu não quero, que nem eu digo pra ela, ela pode ser alguma coisa na vida, então ela diz pra mim: ai eu quero me formar, quero ser... uma arquitetura – Maria: arquiteta – mas pra isso minha filha tem que estudar.

Katia: Quer ser arquiteta então, Maria?

Maria: aham

Katia: Por que? Por que que tu gosta?

Maria: ah, eu gosto de... de desenho.

Katia: é?

Maria: então pra isso tem que estudar né, é o que eu sempre falo. Às vezes ela “embraba” comigo, fica braba, se emburra, eu não dou bola. Ontem ela não queria ir pra aula, daí subia e descia e eu olhava no relógio né, eu disse: Maria tá na hora de ir pra escola, (citando a filha) “ai eu não vou”, pois você vai sim, antes tu quer que eu fale pro teu pai? porque comigo ela teima, com o pai dela não, daí o pai dela disse assim, pra não leva ela na escola, deixa ela ir se molhando pra ela aprender como é que é, daí dali um pouco ela me olhou, não dei bola, subiu se trocou, daí ela disse: “vamo embora então”. Então vamo lá, daí meu piá pegou e levou ela, daí foi, estudou, voltou. O que que ela quer mais, né? Eu acho que essas jovens de hoje perdem muito estudo, porque hoje tem oportunidade de estudar, na minha época não tinha.

Kátia: a senhora hoje está trabalhando?

Mãe: não, agora não. Porque depois que eu fiquei tipo com esse braço aqui (o direito), ele tá por um fio pra arrebentar o tendão né. Então eu não tive condições de trabalhar mais, daí a firma pegou e me mandou embora. Então por isso que eu digo, tem que estudar pra não pegar um serviço pesado, porque se tu não tem estudo, tu tem que enfrentar, o serviço que vim tu tem que enfrentar, e foi o que eu fiz. E o pai dela a mesma coisa, não sabe nem... apenas o nome e tá trabalhando, porque não tem...

Kátia: ele faz o que?

Mãe: ele é encanador [...] ⁶ Então todo mundo reclama, “ah, porque o salário é pouco, não sei o que”, eu disse, mas é melhor ter o pouco do que não ter nada, e é onde ele tá até hoje.

Kátia: e o que que tu faz com o dinheiro que tu recebe, Maria?

Maria: pago as minhas coisas, as minhas contas, pago meu celular...

Kátia: dá pra fazer aquilo que tu gosta? Comprar calçados... tu se sente mais independente?

Maria: aham... não precisa ficar pedindo pra compra nada pra gente.

Katia: e é um sentimento bom?

Maria: é...

⁶ Trecho editado para preservar a identidade da entrevistada.

Katia: quando tu começou trabalhar como foi a reação dos teus pais?

Maria: ah, a mãe fazia questão de eu trabalhar pra mim parar de incomodar ela em casa, o pai não falou nada, disse que era bom.

Mãe: eu faço questão que ela trabalhe pra ela vê da onde que vem o dinheiro, porque se ela não trabalha daí ela quer tudo, tudo que ela vê ela quer que eu e o pai dela dê, só que não é assim, porque se eu vou comprar tudo que elas querem, porque eu tenho uma outra também que tem 14 anos que tá aqui no Vitor (escola municipal) né. Se eu vou fazer conta das duas, não me sobra o meu salário, pra mim pagar minhas contas, então eu digo, um dia você vai trabalhar pra você ver da onde que vai sair, da onde que vai sair o... porque o sofrimento pra ganhar o dinheiro vem daqui ó, do suor dos braços da pessoa.

Kátia: a senhora tem três filhos?

Mãe: na verdade eu sou mãe de seis, mas eu tenho só duas comigo já, o resto estão tudo casado, então essa duas aí, na verdade aquela outra, na verdade eu tô dando as coisinhas pra ela porque ela não trabalha né, agora essa aqui já tá na hora dela ir se virando, pegando uma prática pra quando ela sair daqui, que é só até os 18 ali, pra daí ela arrumar um serviço melhor né, que arrume um serviço melhor pra ela continuar no serviço.

Kátia: tu trabalha quantas horas por dia?

Maria: 4

Kátia: então, é... a questão na família né, como que é a tua relação em casa, com teus familiares?

Maria: de ruim, de...

Kátia: boa ou ruim...

Maria: ix Maria, (para a mãe) fale agora o jeito que eu sou.

Mãe: é na verdade eu, tipo, eu não posso me queixar dela nó, porque quando ela tá de acordo, ela faz tudo o serviço, ela lava roupa, ela limpa a casa, até o almoço ela faz, mas quando ela levanta que não quer fazer nada daí... daí ela dorme até as 10h30, 11h, daí ela levanta toma um café, meio dia e pouco ela já começa se trocar pra ir pro trabalho. Mas eu não reclamo, tipo assim, dela, porque às vezes ela fala: mãe quero ir lá em tal lugar. Não, sozinha eu não deixo mesmo, porque hoje em dia é muito perigoso tu largar uma menina jovem assim sozinha em má companhia.

Kátia: e como que tu se sente, assim, quando tua mãe você fazer alguma coisa?

Maria: dá raiva.

Mãe: daí ela briga comigo, daí ela se emburra porque ela diz: ai não vejo a hora de eu ter meus 18 anos, porque não sei o quê... daí eu pergunto pra ela, tu acha que por tu ter 18 anos você vai se governar? Não é assim, daí ela sobre lá pra cima, fica braba, não fala comigo, eu não dou bola né, dali um pouco ela vem puxar saco de novo. Porque eu faço isso pro bem dela, pro bem dos meus filhos o que eu puder fazer, eu faço. Porque hoje em dia não é o tempo do passado como diz né.

Katia: quem que é responsável pelo que na tua casa?

Maria: a mãe e o pai, tudo quase.

Katia: tudo eles?

Maria: é

Kátia: tu é responsável por alguma coisa, alguma atividade?

Maria: eu não (risos)

Kátia: não? Só de trabalhar, estudar?

Maria: é... estudar quando eu não... quando vai da vontade, porque pelo amor de Deus.

Katia: vocês moram em quantos aqui?

Mãe: lá em cima tem três... sete pessoas

Katia: daí dividem as responsabilidades?

Vó: aquele ali se governa, já é casado.

Katia: já se governa... é bom se governar?

Vó: é... (risos)

Mãe: é bom mas quando tem uns 20, 20 e poucos anos, né...

Katia: é...

Mãe: isso eu concordo, agora com a idade dessa aqui...

Katia: quando já tem uma certa maturidade...

Mãe: é...porque essa aqui na verdade, ela não tem juízo ainda conforme uma pessoa de 20, 22 anos tem.

Katia: até porque só tem 17 ainda, né...

Mãe: isso aí.

Katia: na escola, tinha alguma forma, alguma atividade em relação ao uso de drogas, tu participou de alguma coisa nesse sentido na escola, de combate? De algum tipo de programa?

Maria: assim não

Katia: e como que eles trabalhavam essa questão, das drogas na escola?

Maria: eles nem são de falar muito disso daí, mais é... ontem tinha uma palestra da pec alguma coisa, daí eles falaram não sei o que lá, mas eles não são de comentar nada disso aí.

Kátia: tu já foi na escola ou em algum outro momento assim... já te ofereceram, tu já foi, como é que é a palavra, apresentada, não sei se apresentada.. A esse mundo, de algum colega, às vezes na escola que já te ofereceu, que te disse que era legal ou alguma coisa assim?

Maria: cigarro já eles ofereceram, disseram que era “bão” fumar e não sei o que...

Katia: qual que foi tua reação?

Maria: eu bem assim, que não, que eu não queria, que é um vício, que depois não larga mais, daí eles falavam que é “bão”, que é só pra dizer que fuma e...

Katia: como que a tua família trabalha essa questão do uso das drogas?

Mãe: ai, eu sobre isso, na verdade, eu como diz o ditado, eu quero distância, né. Porque eu, até uma época eu não conhecia o que que era isso. Porque na verdade a mãe criou nós só trabalhando então não sabia o que era droga, o que era essa tal de maconha que existe hoje, eu não entendia nada, daí hoje a gente tu conhece porque tu vê, tu enxerga a situação de certas pessoas, do jeito que andam através do quê? Da droga. Então eu sempre digo pra eles: ó, longe, quanto mais longe tiver, mais longe fique, porque isso aí depois que toma conta, daí é só a misericórdia como dizem porque não deixa mais, o tempo que eu trabalhava, o corpo de bombeiros levava lá pra nós ver isso aí, nós tinha um intervalo daí eles levavam pra nós ver, mas eles não deixavam nós nem chegar perto, porque tem um tipo disso aí que tu pegou na mão e fica o cheiro na tua mão e só com o cheiro eles falam que a gente pega né.

Kátia: e a escola então não fazia nenhum tipo de atividade pra conscientizar os alunos?

Maria: quando eu ia na escola não, eles não falavam disso

Katia: nem quando tu era pequenininha, no proerd?

Maria: ah, o proerd sim, que daí eles escolheram o meu texto pra falar lá na frente e eu fiquei com vergonha.

Katia: ah é, escolheram o teu texto? Mas que tal, então tu escreve bem?

Maria: é, daí eles falaram que eu tinha que falar, daí eu pensei eu não vou, morrendo de vergonha.

Katia: devia ter ido

Maria: daí foi a professora que leu, fizeram eu ficar de pé.

Katia: e como tu se sentiu sendo o teu texto escolhido?

Maria: “crem”, dá uma vergonha, daí depois que começou ler, dá orgulho da gente mesmo.

Katia: dá orgulho é? E é um sentimento bom?

Maria: é...

Katia: quando tu parou de ir aquele tempo de ir na escola, quanto tempo tu ficou sem ir na escola?

Maria: um mês eu acho, um mês e pouco, né mãe?

Mãe: um mês, 30 dias

Katia: como que foi a tua saída? Como que tu se sentiu, o que que aconteceu nesse um mês, como que foi esse mês fora da escola.

Maria: foi de repente que eu parei de ir por causa do piá lá, daí depois eu não queria voltar mais porque eu tinha medo, daí demorou, daí depois que passou um mês a mãe queria que eu voltasse, mas eu tava com medo ainda de ir, porque é ruim, eu parei...

Katia: que que teus pais fizeram quando tu precisou ter esse teu momento de não ir na escola, qual foi a reação?

Maria: eles me apoiaram até o final.

Katia: por conta da situação, mas e se fosse por qualquer outro motivo?

Maria: ah mas daí eles iam fazer eu ir (risos) se fosse por outro motivo, daí eles não iam ficar do meu lado assim pra mim não ir, iam querer que eu fosse, de um jeito ou de outro eu ia ter que ir.

Mãe: é que nem eu te expliquei ali naquele exato momento, que ela ficou 30 dias, que botaram a mão, que prenderam, foi preso, que saiu até agora na semana passada, daí o outro acabaram matando ele, daí eles passavam aqui que nós tinha, se nós tava aqui, nós tinha que correr pra dentro porque eles atiravam e daí ele ia em busca, de certo dela, no horário do colégio.

Maria: porque uma vez eu fui e ele jogou o carro em cima de mim, daí tipo, era dia ainda, daí o homem lá do quiosque falou: Meu Deus, esse homem vai te matar ainda. Daí em bem assim, daí olhei pra ele e fiz assim (sinal de dúvida com a cabeça), daí entremo correndo pra escola, daí de noite a mãe mandou meu irmão ir me buscar, que todo dia quando eu ia ele tava lá perto da escola, quando eu saia também ele tava lá.

Mãe: daí foi o dia que ela ligou desesperada né: mãe manda alguém me buscar que o cara tá aqui na frente do colégio. Daí eu me desesperei, nós tava assando uma carinha ali, daí o telefone tocou, fui lá ver, daí falei pro pai dela, e disse: ó eu tô indo ao encontro da menina que o piá tá lá, daí ele disse: mas meu Deus o que que tá acontecendo? Daí eu fui, tava indo a pé eu e a minha outra nora que mora ali em cima, daí o meu piá pegou uma moto, essa moto, e disse: não mãe volte pra casa que eu vou buscar ela lá, daí quando ele chegou lá na porta do colégio pra pegar ela, ele tava lá, esperando né, daí até quando ela montou no moto pra vim pra casa, ele veio do outro lado e vinha atirando sabe, daí meu piá chegou e disse: que situação é essa? Daí eu recolhi ela, 30 dias não deixei ir, porque a gente que é mãe não quer ver um filho morto por a mão de um vagabundo né.

Katia: fazia tempo que tu conhecia esse rapaz?

Maria: não, nós tava, nós tinha saído junto, que ele é parente da minha cunhada, nós tinha ido no, na avenida, nós tinha ido comer pizza e depois tinha ido pra avenida e eles enxergaram tudo nós junto e daí quando os piá viram tudo nós entremo dentro de um carro e daí eu entrei junto no mesmo carro que ele tava, daí eles pensaram outra coisa, daí eles queriam fazer as coisas pra mim e pra ele já eles não faziam nada.

Mãe: mas era por causa do quê, por causa que esse outro que saiu da cadeia que era um vagabundo que não valia nada e na cabeça daquele, ele achou que ela tava com piá, né, e nada a ver, daí na verdade ele tentava matar os dois, daí o outro foi preso e eu recolhi essa aqui, porque não é vida, todo dia de noite tu vai pra aula e quando tu sai do colégio enxerga a pessoa ali, principalmente tentando tirar tua vida, né. Daí eu disse: não, se não der aqui nessa escola vou pôr ela noutra, porque eu não quero ver ela morta, jamais eu, uma mãe quer, né.

Katia: com certeza

Mãe: daí então foi por isso que eu suspendi ela 30 dias da aula, né.

Katia: e depois de quantos dias que tu ficou sem ir na escola, que a escola entrou em contato? A escola entrou em contato?

Mãe: é, a professora me ligou, daí eu expliquei pra ela como eu te falei, que eu fui lá, expliquei a situação, daí nós fizemos tipo, ela fez um acordo, daí eu voltei e falei pra ela, disse: ó agora pode ir, volte estudar, que daí ela tava pra de manhã, porque daí de dia todo mundo vê né, daí ela foi lá daí ela disse: não mãe, agora não tem mais, acabou aquela situação. Daí ela voltou pra noite de novo, que ela tá indo até hoje né.

Katia: o conselho tutelar, alguém chegou entrar em contato?

Mãe: não, a assistência social não. Só mesmo do colégio, só da escola

Katia: nem o conselho, nem o ministério público, só a escola?

Mãe: só a escola

Katia: como que tu vê a escola, Maria?

Maria: num sentido bom?

Katia: como que tu vê?

Maria: é, a escola agora tá melhor né, que é aqui. os professor não, sei lá, como é que eu vou te dizer, eles não tão nem aí mais, tipo, eles falaram que agora não é eles que tem que correr atrás dos alunos né, é os alunos que tem que correr atrás deles pra ganhar as coisas, pra ter os trabalhos pronto, eles não dão bola mais pra você como era antes, quando eu estudava aqui, que os professor falavam, eles conversavam com você, porque que você queria fazer, ou porque que você não queria, lá você fez, fez, não fez, pra eles tanto faz também, daí é...

Katia: como que era quando tu começou ir na escola, tu lembra, quando tu era pequenininha?

Maria: eu não lembro, acho que eu nem sabia fazer nada também (risos).

Katia: mas como que era o sentimento de ir na escola quando era pequena?

Maria: era melhor que agora

Katia: por quê?

Maria: porque ali você ia, ali as professora sempre te ajudando fazer as coisas se você não sabia, tu pedia, eles iam lá, te explicavam de volta. E agora você pede uma vez, se não entendeu, pede de volta, eles já vem e: ah, você não presta atenção, porque você isso, você aquilo, daí nem dá vontade de pedir mais nada.

Katia: como que foi a experiência dos teus pais na escola? O que eles falam pra ti?

Maria: que é “bão” pra mim estudar, pra mim não sofrer que nem o pai sofre, trabalhar no pesado, que é melhor tá na escola do que fica em casa, fazendo coisa errada, né.

Mãe: mas é uma verdade, é o que o pai e mãe quer né.

Katia: e o que que tu acha disso?

Maria: é “bão”, pelo um lado o que eles falam assim, a gente fica brabo, não querer ir pra escola, mas eles querem o bem da gente, daí, tem vez que nem razão não tem pra ficar brabo, pra brigar com eles e a gente briga. A gente, eu né.

Katia: e como que teus pais acompanhavam você na escola? Como que eles ficavam sabendo como que tu ia na escola?

Maria: a mãe ligava.

Katia: é?

Mãe: mas o colégio era aqui.

Maria: mas lá você também liga. Que nem segunda, não tinha aula, daí eu falei pra ela que não tinha aula, ela ligou pra ver se era verdade minha.

Mãe: foi segunda isso. “Mãe, hoje não tem aula”. Daí eu olhei pra ela e disse: tem certeza? Daí ela disse: “não, eu parece que eu escutei na sexta-feira, né, que segunda não ia te”. Daí eu disse: mas então se não tem eu já destrincho se tem ou não tem. Daí ela sentada na moto, daí eu fui lá e liguei lá no Irene, daí eu pedi, daí ela disse: “não, hoje não tem, porque as professoras vão entrar em reunião, não sei o que”. Daí ela, daí eu voltei e fiz assim (sinal negativo com a mão), que não tinha. Daí ela olhou pra mim: “mas como que tu foi ligar, que eu nem vi”. Claro se ela tava com a cabeça baixa. Daí então segunda ela não foi, terça daí ela

foi, quarta, que é hoje, na verdade, é quarta hoje, né? Então hoje, na verdade ela vai de novo, até na sexta, que daí tem o sábado e o domingo pra tirar pra descansar.

Katia: e em reuniões, teus pais iam?

Maria: só a mãe vai.

Mãe: eu, eu na verdade...

Maria: o pai nunca foi tipo, nem pra pegar boletim da gente ele não vai na escola.

Katia: por que será?

Maria: sei lá, ele tem medo de escutar dos filhos, mas eu nunca falei mal né...

Mãe: é que ele sempre diz: “ó, se um dia eu i na reunião as professora me falar que você ou você é isso, aqui eu não faço nada, mas quando chegar em casa, daí você sabe como é que vai ser”, porque se vai pra escola é pra estudar, prestar atenção e aprender, né, não pra ir lá “bater língua”, e daí conversar com os colegas e na hora que é pra fazer o que precisa, não fazem nada, então sempre foi isso que o pai dela falei, então nunca ele foi, daí eu vou, mas daí conforme elas aprontam eu chego e digo pra ele: ó, a tua filha o teu filho, tá assim e assim, né, meu daí ele descarrega, ele xinga tanto, que então se é pra fazer o que eles tavam fazendo então que nem vão na escola, né. Então daí então eu sempre vou. Mas dessa aqui eu não posso me queixar, porque ela sempre foi uma ótima aluna, quando ela tava aqui né, agora lá, lá de vez em quando eu vou lá saber, só porque ela faltou aqueles 30 dias né, que aconteceu.

Katia: tá bem de nota?

Maria: tô

Katia: é?

Maria: agora sim né.

Mãe: mas esse ano eu não sei se ela vai passar

Maria: eles falei que vão me dar exame, daí a professora falou: “se eu tiver vontade pra passar, eu passo, se não”

Mãe: mas isso não falta né “fia”, tem que ter vontade.

Katia: e a relação com os professores como é que é?

Maria: i, tem uns que eu nem gosto, são muito “reimento”.

Katia: o que que é ser “reimento”?

Maria: tem uma lá que desde o começo, quando eu voltei pra escola daí eu não sabia né, os conteúdos que eles tavam estudando, daí eu pedi pra explicar, daí ela bem assim: “ninguém manda vocês fiquem em casa, vocês param porque vocês querem e daí depois querem que a gente volte atrás pra explicar o que que nós tava explicando, eles enchem de lixo a gente, daí dá raiva, daí não faz mais nada daí.

Katia: e tem algum que tu gosta?

Maria: o de química, o de química é “bão”.

Katia: por que que é bom?

Maria: ele explica, ele faz experiência, a gente ajuda ele a fazer as coisas, a gente dá risada, ele incomoda também.

Katia: e se todos fossem assim?

Maria: ah, daí ia ser melhor.

Katia: e a relação com os colegas?

Maria: com os colegas é “bão”, tem uns que nem conversam com a gente, tem uns que são mais quietos, ficam no canto deles, tem uns que tiram a gente também pra nada também, incomodam só um resto.

Katia: tem amigos lá?

Maria: tenho

Katia: é?

Maria: (sinal afirmativo com a cabeça)

Katia: se tu lembrasse de alguma coisa boa da escola, o que que seria?

Maria: coisa boa?

Katia: é

Maria: sei lá agora, coisa boa da escola... pior que agora eu não sei explicar o que que é “bão”.

Katia: e coisa ruim?

Maria: quase acho que nenhum dos dois tinha tipo, porque, ai Deus, sei lá...

Katia: coisa que tu gosta, coisa que tu não gosta.

Maria: na escola... é difícil eu gostar de alguma coisa na escola

Katia: por que será que é tão ruim pra gostar de alguma coisa na escola?

Maria: ah, tem que ficar sentada lá e escutar o professor falar um monte.

Katia: e isso não é legal?

Maria: não... depende o assunto né, tem assunto que é a gente interessa escutando eles falar, mas tem uns que eles falam, falam, falam e a gente não entende nada

Katia: e tu chega perguntar quando tu não entende?

Maria: aham... daí eles voltam no assunto de novo, explicam, depois eles saem, sempre a mais atrasada é eu, depois que ele muda de assunto, eu volto no assunto de novo.

Katia: e uma coisa que não é legal?

Maria: coisa que não é legal... quando eles chegam e tão tudo fora dos lugar e eles começam gritar dentro da sala daí, tipo, os que... invés de eles falar pra quem tá fazendo, todo mundo escuta né, e daí ele falam “pareio” que isso e aquilo, daí é ruim.

Katia: e se você pudesse mudar alguma coisa na escola, o que tu mudaria?

Maria: ah, eu mudaria uma professora minha lá, pelo amor de Deus.

Katia: uma professora, só aquela professora?

Maria: só aquela professora, o resto é “bão”

Katia: o resto da escola é boa?

Maria: é, tem uns alunos também, que só por Deus, por mais que eles incomodem, que tem uns que tiram as professora pra nada, tiram a paciência, mas, Deus nos livre, aquela professora...

Katia: mas o que que ela faz que tu não gosta?

Maria: ela, tipo ela não tem paciência pra nada, só... ela falou que ela foi, tipo, ela fez a faculdade assim, ensinaram ela, tipo, ela ensinar daquele jeito e daí ela bem assim: que não tem como ela mudar porque um ou dois não gosta do jeito que ela ensina. Mas que ensine certo, tipo, com mais...com respeito também, porque ela fala que gosta que os outros tratem ela com respeito, mas ela tratando nós com respeito ela vai ganhar respeito, senão ...

Katia: tu faz 18 anos agora no fim do ano? E aí como que tu pensa do ano que vem em diante como é que vai ser?

Maria: vai ser mais, tipo, vai ser mais corrido, porque daí tem que trabalhar, tipo, depende o serviço vai ter que trabalhar o dia inteiro, daí de noite tem que estudar de novo, daí eu quero fazer carteira de motorista, tem mais esse ainda.

Katia: tu reprovou algum ano?

Maria: um ano, por causa das minhas faltas, que daí eu não ia pra escola.

Katia: em que ano que tu reprovou?

Maria: ano passado, né mãe?

Katia: por que que tu faltava tanto ano passado?

Maria: Meu Deus, era mais... e eu não trabalhava, né, era mais preguiça ainda

Katia: preguiça?

Maria: uhum, eu ficava o dia inteiro em casa, daí ao invés de chegar o horário me trocar e ir pra escola, sempre doía alguma coisa, daí não...

Katia: daí não ia?

Maria: né...

Mae: e quando ela diz que não quer ir pra aula nem, às vezes, não é todas as vezes, nem que tu insista, ela não vai, ela teima e não vai. Daí tu vai fazer o que? Tu vai bater? Não dá, porque hoje a lei ela é... não é o meu tempo que a mãe dizia: “ó, vão se aprontar pra ir pra aula que tá na hora”, se tu dissesse um não, ela já tinha uma vara de pitanga, ali ela dizia: “tu não vai?”, a vara pegava, né. Hoje se tu vai deixar um sinal na perna de um filho teu, tu já vai pra assistência social, porque tu não pode bater, tu não tem o direito, tu tem que aconselhar. Só que muitas vezes, conselho não adianta, tu tá aconselhando pro bem e elas tão: “bá, mas eu... a mãe faz isso, a mãe faz aquilo, mas eu não quero ir”. Eu explico que tem que ir, só que depois de dizer um não, tu vai bater? Não dá, daí tu acaba deixando, a gente acaba brigando, daí então diz o meu marido: “os filho te governa? Ou é você que governa eles?” daí eu explico pra ele, ele fica brabo, daí não tem... não tem solução, sabe?

Katia: e se tu pudesse voltar atrás naquele ano que tu faltou, faltou, faltou, tu voltaria?

Maria: eu sim, eu não ia querer faltar mais, que era pra eu tá quase... ó, esse ano era pra eu tá no segundo, só mais um ano e agora ano que vem vou ter que estudar tudo de novo, se eu não passar esse ano, daí tem mais, (Mãe: por falta do quê?) mais três anos pra mim estudar.

Katia: tá no primeiro então... tu reprovou só um ano?

Maria: só um ano

Katia: tu estudou até o oitavo?

Maria: até o nono

Katia: já tinha o nono... é verdade

Maria: até o nono

Katia: na municipal?

Maria: é

Katia: depois foi pra lá? É o primeiro ano que tu estuda lá?

Maria: é... segundo já, é o segundo

Katia: tu reprovou no primeiro ano?

Maria: é

Katia: daí então ano que vem tu vai trabalhar e tentar estudar?

Maria: de novo...

Katia: e daí tu pretende continuar na escola normal, ali, ou tu pretende ir pro EJA, pro SEJA?

Maria: pro EJA daí, e fazer duas vezes por semana, que daí é melhor

Katia: é melhor tu acha?

Maria: dizem... ali, aquele dia que eu fui fazer minha matrícula, diz que é mais corrido daí, vai ser mais ruim ainda, que daí você vai ficar dois anos, você vai fazer as três disciplinas... as três... os três anos juntos, daí é mais corrido, é mais... tipo, é mais pesado, as coisa pra você aprender, por causa que não é... não tem paciência também que nem ali que eles explica, eles insistem pra você entregar os trabalho, né. E ali vai ser, se fez, fez, se não... eles não vão correr atrás.

Katia: mas e se tu passar de ano esse ano, mesmo assim tu vai pro SEJA?

Maria: daí não, daí vou continuar normal

Katia: normal? E depois que tu terminar o ensino médio, o que que tu pretende fazer?

Maria: ah, aí depois que eu me formar eu queria fazer faculdade

Katia: é? De?

Maria: de arquitetura daí.

Katia: é? Daí, tu já pensa em aonde fazer?

Maria: ainda não

Katia: e no que que tu gostaria de trabalhar no ano que vem?

Maria: ano que vem... ah, meu sonho é trabalhar, tipo assim, de, tipo, de vendedora, que nem assim, nas lojas. Eu sempre levei currículo, mas nunca me chamaram, eu acho... parece que é

tão “bão”, sei lá, tem mais pessoas, a gente conversa com mais gente né, daí eu acho que é melhor.

Kátia: e agora nesses últimos dois meses de aula, não chega dois meses de aula, mas nesses dois últimos meses de aula, tu pretende ir até o final?

Maria: até o final agora, por mais que a gente não consegue recuperar tudo que faltou né, que é ruim, mas daqui pra frente o que eu aprender, tá “bão”.

Katia: então tá bom, espero que tu consiga, consiga trabalhar, que tu consiga estudar aquilo que tu quer, e que a escola melhore, né, pra você e para os outros alunos que estão vindo por aí. Tu acha que existe algum... sei lá, a questão, quando falam que um aluno, como você falou antes, que tem alunos que não se interessam, que incomodam os professores, por tu acha que isso acontece?

Maria: porque, sei lá, eles não tão nem aí, e daí tem uns que falam que querem futuro e não sei o que, querem trabalhar num serviço “bão”, mas se vai pra incomodar na escola e já não quer fazer nada, como é que vai querer alguma coisa no futuro... vai trabalhar no que se não tem estudo, não tem nada.

Katia: então é importante estudar?

Maria: é... ah, eu me arrependo de ter parado de estudar e agora voltar de novo

Katia: e sem estudar, como que tu acha que é a vida?

Maria: sem estudar? Deve ser ruim, porque daí não... você não vai saber nada, sempre o que eles tão falando, os que tão estudando, sempre falam, e a gente não vai saber de nada, não tem... tipo, nada de... nem um pouquinho... quando a gente vai pra escola a gente já vai porque eles tem mais estudo né, aí eles vão ensinar mais o que eles sabem, eles sempre tentam ensinar um pouquinho a mais, daí a gente já não entende, daí vai aprender o que? Vai ficar em casa só, e não tem nada, tipo, não tem escola, não tem nada, é ruim.

Katia: e o que que a escola poderia melhorar, pra que o aluno se sentisse mais vontade de tá lá?

Maria: melhorar? A escola nada, na verdade os alunos tem que mudar, melhorar eles, porque eles vão com mochila e tudo pra estudar, mas tem uns que nem tira os caderno de dentro da mochila pra fazer nada, daí os professor falam e eles querem ter razão, que eles se mandam, que eles são isso, eles são aquilo, daí então que nem vá se é pra incomodar.

Katia: por que será que acontece isso, de os alunos irem pra escola mas não quererem estudar?

Maria: eles acham que vão só pra bonito, pra dizer que tão indo pra escola, porque a diretora mesmo diz que a maioria que trabalha vai só pra... pra ganhar falta, pra não se complicar no serviço, né... daí mas o que que adianta, você vai ficar sentado lá escutando e não vai aprender nada, não tá dando bola pra nada, daí é... eles que fiquem em casa então, que daí tem gente que vai pra estudar e eles não deixam, daí eles incomodam.

Katia: e a relação com a direção da escola, é boa:

Maria: com a direção é

Katia: como que você pensa em conciliar, pra fazer dar certo o ano que vem, que a partir do ano que vem você vai ter que trabalhar o dia todo e estudar de noite? Pra dar conta

Maria: vai ser bem puxado daí, assim eu reclamo, que trabalho só quatro hora né, pra ir pra escola, eu já chego com preguiça, não querendo ir, daí depois tendo que trabalhar mais, daí chegar mais cansada ainda, daí tem que ir pra escola, daí vai ser bem... daí vem as coisas: “ah, por que que eu não estudei antes, ah por que que eu não fiz isso?”, daí fica mais ruim ainda.

Katia: mas daí tu acha que vai valer a pena.

Maria: vai...

Katia: pro teu futuro?

Maria: uhum...

Katia: então tá bom, acho que é isso, né... espero que eu tenha contribuído pelo menos pra tu poder falar um pouco sobre essa tua experiência, e fazer refletir um pouco sobre a escola, como que é essa relação. Te agradeço por tu ter dado esse tempo pra conversar comigo.

ANEXO III – ENTREVISTA JOÃO

O João foi meu aluno durante o ano de 2014 e 2015, até a sua saída, na EEB Profª Irene Stonoga. Sempre foi um aluno, tranquilo, não lembro de ele ter tido problemas com professores, direção ou mesmo com outros colegas, notas na média em Sociologia, quieto, não provocava tumulto nas aulas, mas também não era muito participativo (verbalmente) nas aulas, e educado, não faltava com o respeito com os colegas e professores. Frequentou, durante estes dois anos, as turmas que eram consideradas as melhores do ensino médio, segundo os professores, eram turmas que, no geral, eram participativas nos projetos escolares e apresentavam as melhores notas. Lembro que na época em que parou de ir nas aulas, conversei com outros professores e com alunos para buscar informações sobre os motivos da sua saída, já que isso me chamou bastante atenção, por ser um aluno com poucas faltas e com notas boas. Os alunos me informaram que ele tinha começado a trabalhar e não iria mais, lembro de ter comentado com as orientadoras essa situação, mas como ele já era maior de idade não seria encaminhado ao APOIA. Dias depois, cerca de um mês, encontrei ele na escola e pedi o motivo de sua saída, ele falou que estava trabalhando, eu falei que ele tinha notas e que devia tentar ir para o período da noite. Neste mesmo dia ele me disse que já havia reprovado por faltas.

Acabei escolhendo ele para entrevistar por ser um aluno com quem tinha uma boa relação, nas minhas aulas ele fazia todas as atividades, por ser uma turma participativa, eu conseguia fazer atividades diferenciadas, nas quais ele participava, mesmo que não verbalmente, nas apresentações de trabalhos, por exemplo, ele não falava muito. Em momentos de confraternização na escola ele gostava de levar o violão, como gosto muito de música, interagíamos nestes momentos. Ele sempre se mostrou à vontade para conversar comigo. Entrei em contato com ele no dia 02 de setembro, quando perguntei se ele havia retornado à escola, e falei sobre a pesquisa que eu estava fazendo. Pedi se ele teria interesse em participar da entrevista. Ele disse no mesmo dia que participaria, acredito que mais por consideração do que por qualquer outra motivação, combinamos que eu entraria em contato novamente para combinarmos o dia. Alguns dias depois conversei com ele novamente para agendarmos o horário. Ele sugeriu que fosse no dia 15, depois que ele chegasse do trabalho. Pedi se ele queria que eu fosse na casa dele, mas ele disse que a casa dele estava muito bagunçada e que a mãe dele não iria gostar de levar lá com a casa bagunçada, não pedi o motivo. Ele sugeriu que a entrevista fosse às 17h na praça do Presidente Médici que fica próximo da casa dele. Fizemos a entrevista na praça, em um banco de madeira, ele já estava lá quando cheguei, no início da entrevista não havia ninguém na praça, alguns minutos depois começaram chegar pessoas para fazer exercícios. Eu estava um pouco nervosa, já que eu só tinha realizado uma entrevista para um outro trabalho, não tendo muita experiência com isso.

Antes da entrevista eu estava bastante nervosa, não sabia muito o que esperar, se ele iria responder as questões, se sentiria à vontade, se confiaria em mim para responder o que estava sendo proposto. No entanto, estava animada e esperando que suas respostas se relacionassem as teorias pesquisadas.

Kátia: Então muito bem, vamos começar a entrevista. É...João, me fala então um pouco assim quando que tu saiu da escola, se tu te lembra mês, o ano, se tu já era maior de idade ou não, como que foi quando tu saiu.

João: Foi no mês de outubro, eu lembro que por causa que eu comecei a trabalhar e na verdade eu fui fazer a entrevista e tava estudando ainda. Mas depois quando eu comecei a trabalhar não deu tempo de ir na escola e cancelar nada daí ficou como se eu tivesse faltando na escola.

Kátia: Aham

João: E daí consegui num dia peguei uma folga e fui na escola né, eles pediram porque que eu não tava mais indo e eu falei que não ia mais estudar. Daí chegou final de ano no outro dia não fui me matricular, no outro ano não fui me matricular porque não tinha tempo tava trabalhando também, só por isso que eu não fui mais. Eu podia te passado pra de noite mas não tinha tempo de ir lá passar pra de noite.

Kátia: Aham. Tá. Hamm...Então tu tá trabalhando né

João: Sim – disse João, faz quase um ano que eu tô trabalhando

Kátia: Faz um ano já

João, um ano, isso.

Kátia: E como que é a tua relação com o trabalho, assim, como que você se sente trabalhando?

João: Ah, bem melhor do que estudando

Kátia: Melhor do que estudando

[risos]

Kátia: E...e você não chegou a estudar e a trabalhar ao mesmo tempo, quando tu começou a trabalhar tu parou de estudar?

João: Sim, comecei a trabalhar e não fui mais estudar

Kátia: E daí tu achou difícil conciliar então as duas coisas?

João: Não seria...na verdade não tentei, mas seria um pouco cansativo, eu acho

Kátia: É? Um pouco cansativo?

João: É, depende da função, do que faz também

Kátia: É...e como que, o que que tu faz lá no teu trabalho?

João: Ah, Eu sou separador lá na Cantu, daí cansa bastante né “tipo” tem fruta e “coisarada”, daí cansa bastante, daí chega no final da tarde...

Kátia: E que horário tu trabalha?

João: Das 7 até daí o horário final é às 5

Kátia: às 5? Das 7 da manhã às 5 da tarde?

João: É

Kátia: É puxado. E aí, o dinheiro, assim, o que, tu tem algum...alguma coisa especifica que tu faz com o teu dinheiro, tu ajuda em casa –Sim –disse João, tu...?

João: Não, ajudo em casa, daí pago minha carteira, depois que eu acabar de pagar minha carteira tem o meu carro. Também to guardando pro casamento né.

Kátia: Ah vai casar?!

João: Vo casar

[risos]

Kátia: Mas já João?!

João: Se incomodar logo né

[risos]

Kátia: Muito bem. Então tu tem, também ajuda em casa com o dinheiro. E a tua família tipo, é...hoje assim, esse teu dinheiro, ele é importante assim na ajuda do dia a dia em casa enfim...faz diferença?

João: Faz diferença né, so que mais ajudo, e...se não tivesse o meu dinheiro eles até conseguiriam se virar mas...ajuda bastante

Kátia: Ajuda bastante. Na tua casa assim, a tua relação com os teus familiares...tem irmãos?

João: Sim, tenho uma irmã

Kátia: Mais velha, mais nova?

João: Mais velha

Kátia: Mais velha. E os teus pais assim, mora junto com teus pais né

João: Sim, também

Kátia: Eles já se formaram?

João: Não

Kátia: Tipo...eles chegaram a concluir ensino médio, essas coisas?

João: Meu pai foi até a terceira série só

Kátia: É...

João: E a mãe até a quarta

Kátia: E a tua irmã?

João: a minha irmã já se formou agora esse ano

Kátia: Já se formou. Quantos anos ela tem?

João: Tem 23

Kátia: 23 . Ham..Na tua casa tu tem alguma coisa assim que tu é o responsável, tipo, isso é minha responsabilidade: uma dívida que é tu que paga, ham, uma atividade que você que faz, alguma coisa assim?

João: Não exatamente. Na verdade nós dividimo tudo, tudo, tudo né. Tudo é dividido e pagado dividido pra todo mundo. Minha responsabilidade é essa mesmo né..Pagar minha parte

Kátia: muito bem. Na escola...como que a escola, em relação ao uso de drogas né, como que a escola trabalhava essa relação com as drogas enfim...tu lembra de alguma ação que a escola fez, alguma coisa?

João: Na verdade, fazer mesmo alguma coisa assim acho que eles botavam só os tio lá pra cuidar só porque, [risos] não fazia. Um monte de gente usava ou levava droga pra escola que os alunos sabiam mas, a diretoria às vezes, alguns até meio que sabiam mas não falavam nada por medo de se incomodar ou alguma coisa assim

Kátia: E tu chegou...alguém chegou a te oferecer na escola?

João: Não

Kátia: Nunca?

João: não

Kátia: E com outros tipos...cigarro, bebida...?

João: Também não. Ah sim mas tipo, em festa que tinha na escola, festa junina essas coisas

Kátia: é?!

João: Tinha bebida ofereciam, mas eu não...não quis

Kátia: Mas tu caía fora?

João: é...

Kátia: É. Nunca usou?

João: Não

Kátia: Ham...sobre evasão então ta...sobre a tua saída da escola. Então faz um ano que tu não vai na escola?

João: Sim, um pouquinho mais

Kátia: Mais de um ano

João: Um ano e quinze dias

Kátia: Um ano e quinze dias.

[risos]

Kátia: E como que foi a tua saída tipo, Tu parou de ir e alguém entrou em contato pra ver, tu sentiu falta, como que foi a tua saída?

João: É, de começo não veio nada, na verdade da escola ninguém comunicou nada, mas quando eu ia na escola sentia um pouco de falta assim né, começava a lembrar né, do esforço que faz lá no serviço, às vezes é melhor ta estudando, mas...é melhor trabalhar por causa que daí conseguia pagar as contas, conseguia né...

Kátia: E como que a tua família reagiu quando tu parou de ir na aula?

João: Ah, só pra mim continuar estudando em outro horário, à noite, mas.. daí eu falei que, daí eu não falei que não tinha tempo, eu não conseguia ir, daí pra eles também não muda nada

Kátia: Mas tu tentou chegar a negociar assim com a...com a empresa um horário pra tu ir lá transferir pra de noite ou alguma coisa...?

João: Não, nem falei nada. Que dai tava na experiência né, já pedi...pedi um dia de folga...se fosse agora...na verdade já to saindo já de lá

Kátia: É?! Ta saindo vai pra onde?

João: Não sei

Kátia: Não sabe ainda [risos]

João: É, eu pedi pra sair

Kátia: Pediu pra sair. Tá. Ham...então não teve nem um órgão público que foi entrar em contato, conselho tutelar, ministério, escola, nada.

João: Ninguém

Kátia: Tá. Tu tem lembranças assim de quando tu começou a ir na escola, de pequenininho, como que foi, qual que era a sensação de ir pra escola

João: Não, lembro [risos]

Kátia: Lembra?!

João: Lembro sempre. É que na verdade eu sempre me mudei bastante, Direto uma escola diferente, alguma coisa do tipo assim. Ah sempre quando era criança dava mais aquele frio na barriga e...né e ver como é que vai ser né, que sala que vai ta, com quem que vai ta. Mais no começo...

Kátia: Tá. Então como tu falou teus pais né, eles também estudaram até terceira, quarta série né e depois de..de mais velhos eles não voltaram a tentar estudar?

João: Não

Kátia: Não?!

João: tsc tsc

Kátia: E como que eles acompanhavam o que que tu fazia na escola? Teus pais eram assim, de pegar no pé, de...?

João: Não, não. Pior que não acompanhavam nada

Kátia: Não acompanhavam nada. Chegou a reprovar algum ano?

João: Sim, dois

Kátia: Dois anos tu reprovou. É...três

João: E um foi quando era criança, tava na terceira série, reprovei por falta, era pequenininho. Ma daí agora no primeiro ano também

Kátia: Mas eles quando tinha reunião de pais, essas coisas, eles chegam a ir assim na escola?

João: Não

Kátia: Não?!

[risos]

João: Pirado, não iam

Kátia: Hã?

João: Eles eram pirado, não iam

[risos]

Kátia: Hã...e a relação com os professores, como é que era?

João: Hã... As de sociologia não gostava

[risos]

João: capaz, é...não alguns era legal, alguns não. Pensa professora, era parceria a gente, os alunos no caso nós também era, a aula ficava melhor até. tinha uns que eram...

Kátia: Mas e o que que era um professor não parceria?

João: É, aqueles que “fica” exigindo muito e explicando pouco, de certa maneira, assim, vamos dizer assim né. Ou explicam só do jeito deles e é só aquilo, é só daquele jeito, se

também tem outras. E tem alunos que é...que tem de forma diferente pra explicar, uns não entendem tão fácil uns entendem mais fácil né, daí uns... era só um jeito e só aquilo, sabia lidar com muitos alunos.

Kátia: É prejudicado aqueles que tinham...

João: Aqueles que tinham mais dificuldade, no caso eu.

[risos]

Kátia: E com os conteúdos, como que tu via assim os conteúdos que tu aprende na escola?

João: Depende a matéria, tinha uns que eu gostava, achava bem fácil

Kátia: Mas em questão de importância?

João: Ah tinha uns que eu não achava muito importante

[risos]

João: Que...que na verdade o mais importante pra mim era de matemática, português, essas coisas. Só, o resto...era matéria importante mas mais pra conhecimento mesmo –

Kátia: E com os colegas, como que era tua relação?

João: Olha, era legal até. Incomodava um pouco.

[risos]

Kátia: Tinha bastante amigos assim?

João: Tinha bastante colega né

Kátia: Colegas, amigos não muitos

João: Amigos tinha poucos

Kátia: Hã...quando tu lembra da escola assim, tu lembra de alguma coisa bem legal que tu fez? Assim que tu...bah aquele dia foi legal, ou aquela experiência na escola foi legal, aquela atividade que o professor fez foi legal, alguma coisa prazerosa assim?

João: Não, não lembro assim...

Kátia: Hã...e desgostosa?

João: Ah, era quando brigava com os professor né, daí era ruim, não gostava muito

[risos]

Kátia: Hã...Se você, o que que tu, se tu pudesse assim, o que que tu faria pra voltar pra escola?

João: Como assim?

Kátia: É...”ah, eu mudaria de emprego, eu...eu não sei, trabalharia menos” Tu faria algum sacrifício assim pra voltar pra escola?

João: Na verdade, né, não é questão de fazer um sacrifício né, eu poderia voltar já, estudando de noite, mas é uma... é...por relaxamento mesmo

Kátia: E como que tu se imagina daqui a alguns anos assim?

João: Não sei dizer, tipo de que forma?

Kátia: Profissionalmente, pessoalmente...?

João: Ah, sem estudo creio que algumas coisa vai ficar mais difícil né

Kátia: Tipo?

João: Tipo, o trabalho, vai ter que sempre trabalhar um trabalho um pouco mais dificultoso, com mais força, coisa assim né. Se tive mais estudo tem oportunidade em outras funções, em outros trabalhos mais...que ganhe mais também e que trabalhe menos. Eu vejo assim né

Kátia: Tu pretende voltar pra escola ou...?

João: É, eu pretendia não sei se vou

[risos]

João: Queria poder terminar

Kátia: Tu quer terminar?

João: Sim

Kátia: É...é importante. Se tu pudesse mudar alguma coisa na escola, tipo, fazer uma coisa diferente, uma coisa que tu pudesse mudar, o que tu mudaria?

João: Deixa eu ver...não sei, eu não...na verdade o que eu não gostava mesmo na escola era só de alguns professores, da forma que eles davam aula mesmo né, e que eles não...não tipo assim: se um professor e um aluno chegasse a discutir eles viam o lado só do professor, não viam o lado do aluno, então o aluno sempre ficava pra trás e é o que devia ficar, digamos assim, na frente né. Devia ter mais importância pra eles, parece que é o que menos tinha importância em alguns...em algumas situações

Kátia: Então se tu pudesse mudar, tu mudaria essa relação né, essa importância que a escola dá pro aluno?

João: É, de chegar e conversar e ver o que tá acontecendo, eles tá querendo saber...aconteceu qualquer coisinha eram brigaram né, mas não queria saber o porque que tá acontecendo, como é que tava em casa, conversar, chegar a conversar mesmo com o aluno né. Que às vezes se é grande ou é pequeno mas, às vezes é bom alguém conversar pra ver...pra ver o que tá acontecendo -Tem razão- disse Kátia. E daí o aluno bagunçava, bagunçava porque era bagunceiro, mal educado, e às vezes podia tá acontecendo alguma coisa. Não falo isso pra mim, mas tem alguns que tavam precisando

Kátia: Conhecer o aluno também fora da escola né, o que que se passa né, o que que acontece e tal. Muito bem. “Mee” ó foi bem rapidinho

João: Só meia hora de uma hora.

ANEXO IV – ROTEIRO DE ENTREVISTAS

Entrevistas semiestruturadas, em ambientes familiares, onde pudesse observar a dinâmica familiar e também em lugares mais descontraídos onde pudesse construir uma relação em empatia com o entrevistado. A ordem das perguntas pode ser alterada de acordo com o andamento da conversa estabelecida.

Roteiro de Entrevista semiestruturada

Trabalho (tempo de trabalho, relação trabalho e família, relação trabalho e escola, realização pessoal).

Você trabalha?

Fale sobre sua relação com o trabalho.

Quanto tempo trabalha?

Como você se sente trabalhando?

Quando estudava e trabalhava ao mesmo tempo, como fez para conciliar as duas atividades?

O que você faz com o dinheiro que você ganha trabalhando?

O que seus familiares pensam de você trabalhar?

Família (convívio familiar, relações de poder/responsabilidade)

Como é sua relação com seus familiares?

Quem é responsável pelo que, na sua casa? (Compras, quem toma as decisões)

Pelo que você é responsável na sua casa?

Drogas (relação com o uso, percepção da família e escola em relação ao assunto, na visão dele).

Como a escola trabalhava a questão do uso de drogas?

Como é a sua relação com as drogas (maconha, cerveja, cigarro, crack)?

Como a sua família trabalha essa questão?

Evasão (frequência, saída, participação da família e órgãos públicos).

Há quanto tempo não frequenta a escola?

Como foi sua saída da escola?

O que sua família fez quando você saiu da escola?

Como foi a intervenção de órgãos públicos (Escola, Conselho tutelar, Ministério Público)?

Escola (trajetória escolar, inclusive da família, relação com os professores e professoras, escola como espaço de convívio)

Você lembra de quando começou ir à escola? Conte como foi.

Como foi a experiência dos seus pais ou responsáveis com a escola, com a vida escolar?

Como seus pais acompanham o que você faz, ou fazia na escola?

Como era sua relação com seus professores?

Como era sua relação com os colegas?

O que você fazia na escola? (fatos ou acontecimentos prazerosos e desgostosos)

O que você faria para retornar para a escola (presença de interesse ou não, projetos para o futuro)

Como você se imagina daqui há alguns anos?

ANEXO V – TERMOS DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____ responsável pela criança _____, na qualidade de _____, fui esclarecido(a) sobre o trabalho de pesquisa intitulado: “A Evasão Escolar na perspectiva de Alunos do Ensino Médio”, a ser desenvolvido pela acadêmica do curso de Ciências Sociais Kátia Aparecida Rodrigues sob orientação do Prof. Ubiratan Garcia Vieira, da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Estou ciente que a acadêmica e o orientador acima referidos farão uma entrevista semiestruturada. A pesquisa procurará determinar como, na perspectiva de alunos evadidos, trabalho, família, envolvimento com drogas e trajetória familiar influenciam na evasão escolar no Ensino Médio na cidade de Chapecó no ano de 2015 e 2016, e poderá fornecer informações que podem contribuir para a melhoria das práticas educacionais e a redução da evasão escolar em pequena ou grande escala, além de proporcionar ao estudante conversar sobre sua trajetória de vida e sua relação com a escola. A participação na pesquisa, eventualmente, poderia causar o constrangimento do aluno durante a entrevista ou a observação. Ele poderá sentir-se livre para me informar quando isso acontecer, para interromper a entrevista quando quiser e para responder apenas as perguntas que sentir vontade.

Por ser este estudo de caráter puramente científico, os resultados serão utilizados somente como dados da pesquisa, e o nome das famílias, crianças e professoras envolvidas não será divulgado. Os áudios gravados, bem como as transcrições das entrevistas ficarão armazenados no laboratório do curso de Ciências Sociais do campus de Chapecó por um período de 5 anos.

Estou ciente que, se em qualquer momento o aluno se sentir desconfortável com a realização da pesquisa poderei retirar este consentimento sem qualquer prejuízo para mim ou para a criança. Fui esclarecido(a) também que, no momento em que eu desejar de maiores informações sobre esta pesquisa, mesmo após sua publicação, poderei obtê-las entrando em contato com a acadêmica, nos seguintes telefones e/ou endereço: [Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul, CEP 89801-001](#). Tel.: (49) 3324-2686 ou (49) 8825-4377. E-mail: rodrigues.katia.ap@gmail.com ou com o seu orientador nos seguintes telefones e/ou endereço: [Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul, CEP 89801-001](#) Tel.: (49) 9999-1044. E-mail: ubiratan.vieira@uffs.edu.br

Sendo a participação da criança totalmente voluntária, estou ciente de que não terei direito a remuneração. Também fui esclarecida(o) de que, se tiver alguma dúvida, questionamento, ou reclamação, poderei me comunicar com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS, utilizando o seguinte contato: **Comitê de Ética em Pesquisa**, Rua General Osório, 413-d. Edifício Mantelli, 3º piso. Fone (49) 2049-3745. E-mail: cep.uffs@uffs.edu.br

Após o término da pesquisa, vocês receberão um resumo do tcc, além do convite para assistirem a apresentação do mesmo em data ainda a ser definida.

Por estar de acordo com a participação da criança pela qual sou responsável, assino este termo em duas vias, sendo que uma ficará em meu poder e a outra será entregue aos pesquisadores.

Autorizo a participação da criança pela qual sou responsável.

- () *Aceito que a voz do adolescente seja gravada e seja utilizada para fins científicos.*
() *Aceito que a voz do adolescente seja gravada mas não aceito que seja utilizada para fins científicos.*
() *Não Aceito que a voz do adolescente seja gravada.*

Chapecó, _____ de _____ de 2016

Assinatura (de acordo)

Os pesquisadores, abaixo-assinados, se comprometem a tomar os cuidados e a respeitar as condições estipuladas neste termo.

Ubiratan Garcia Vieira
Pesquisador Responsável

Kátia Aparecida Rodrigues
Colaboradora

TERMO DE ASSENTIMENTO

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada “A Evasão Escolar na perspectiva de Alunos do Ensino Médio”, sob a responsabilidade da estudante Kátia Aparecida Rodrigues, sob orientação do professor Ubiratan Garcia Vieira.

Na sua participação você participará de uma entrevista, que terá o áudio gravado e transcrito para análise e comparação com outros dados coletados. Os áudios gravados, bem como as transcrições das entrevistas ficarão armazenados no laboratório do curso de Ciências Sociais do campus de Chapecó por um período de 5 anos.

Em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada. Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada.

Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa.

A pesquisa procurará determinar como, na perspectiva de alunos evadidos, trabalho, família, envolvimento com drogas e trajetória familiar influenciam na evasão escolar no Ensino Médio na cidade de Chapecó no ano de 2015 e 2016, e poderá fornecer informações que podem contribuir para a melhoria das práticas educacionais e a redução da evasão escolar em pequena ou grande escala, além de proporcionar ao estudante conversar sobre sua trajetória de vida e sua relação com a escola. A participação na pesquisa, eventualmente, poderia causar seu constrangimento durante a entrevista ou a observação. Sinta-se livre para me informar quando isso acontecer, para interromper a entrevista quando quiser e para responder apenas as perguntas que sentir vontade.

Mesmo seu responsável legal tendo consentido na sua participação na pesquisa, você não é obrigado a participar da mesma se não desejar. Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação.

Após o término da pesquisa, você receberá um resumo do TCC, além do convite para assistir à apresentação do mesmo em data ainda a ser definida. Uma via original deste Termo de Esclarecimento ficará com você.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: Kátia Aparecida Rodrigues, pelos telefones (49) 3324-2686 ou (49) 8825-4377, pelo e-mail rodrigues.katia.ap@gmail.com, ou com o seu orientador nos seguintes telefones e/ou endereço: [Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul, CEP 89801-001](#) Tel.: (49) 9999-1044. E-mail: ubiratan.vieira@uffs.edu.br, e ainda com a Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Chapecó, no endereço: [Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul, CEP 89801-001](#). Poderá também entrar em contato com o Comitê de Ética na Pesquisa com Seres-Humanos – Rua General Osório, 413D - CEP: 89802-210 - Caixa Postal 181 – Centro - Chapecó - Santa Catarina – Brasil, telefone: (49) 2049-3745.

() *Aceito que minha voz seja gravada e seja utilizada para fins científicos.*

() *Aceito que minha voz seja gravada mas não aceito que seja utilizada para fins científicos.*

() *Não Aceito que minha voz seja gravada.*

Eu, _____, fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Receberei uma via deste termo assentimento.

Assinatura do(a) menor

Ubiratan Garcia Vieira
Pesquisador Responsável

Kátia Aparecida Rodrigues
Colaboradora

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Pesquisa sobre Evasão Escolar na perspectiva de Alunos do Ensino Médio

Prezado participante,

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “A Evasão Escolar na perspectiva de Alunos do Ensino Médio”. Desenvolvida por Kátia Aparecida Rodrigues, discente de graduação em licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus de Chapecó, sob orientação do Professor Ubiratan Garcia Vieira.

O objetivo central do estudo é: compreender como, na perspectiva de alunos evadidos, trabalho, família, envolvimento com drogas e trajetória familiar influenciam na evasão escolar no Ensino Médio na cidade de Chapecó no ano de 2015 e 2016. O convite para sua participação se deve ao fato de estar sendo acompanhado pelo Programa de Combate à Evasão Escolar (APOIA), sua participação é importante para buscar entender os motivos para a Evasão Escolar, e principalmente para buscar caminhos para transformar esta realidade.

Sua participação não é obrigatória e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como desistir da colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação e sem nenhuma forma de penalização. Você não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desista da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa.

Você não receberá remuneração e nenhum tipo de recompensa nesta pesquisa, sendo sua participação voluntária.

Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas. Qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa e o material armazenado em local seguro.

A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo.

A sua contribuição consistirá na participação de uma entrevista, que terá o áudio gravado e transcrito para análise e comparação com outros dados coletados.

O tempo de duração da entrevista é de aproximadamente 1h30min (uma hora e trinta minutos). A entrevista será gravada somente para a transcrição das informações e somente com a sua autorização.

A participação na pesquisa, eventualmente, poderia causar seu constrangimento durante a entrevista ou a observação. Sinta-se livre para me informar quando isso acontecer, para interromper a entrevista quando quiser e para responder apenas as perguntas que sentir vontade.

As entrevistas serão transcritas e armazenadas, em arquivos digitais, mas somente terão acesso às mesmas a pesquisadora e seu orientador. Os áudios gravados, bem como as transcrições das entrevistas ficarão armazenados no laboratório do curso de Ciências Sociais do campus de Chapecó por um período de 5 anos.

Os resultados serão divulgados em eventos e/ou publicações científicas mantendo sigilo dos dados pessoais.

O benefício relacionado com a sua colaboração nesta pesquisa é o de fornecer informações que podem contribuir para a melhoria das práticas educacionais e a redução da evasão escolar em pequena ou grande escala, além de proporcionar ao estudante a oportunidade de conversar sobre sua trajetória de vida e sua relação com a escola.

Após o término da pesquisa, você receberá um resumo do tcc, além do convite para assistir a apresentação do mesmo em data ainda a ser definida.

Caso concorde em participar, uma via deste termo ficará em seu poder e a outra será entregue ao pesquisador. Desde já agradecemos sua participação!

Chapecó, SC, dede 2016.

Kátia Aparecida Rodrigues

Contato profissional com o(a) colaboradora:

Tel.: (49) 3324-2686 ou (49) 8825-4377

E-mail: rodrigues.katia.ap@gmail.com

Endereço para correspondência: Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul, CEP 89801-001

Ubiratan Garcia Vieira

Contato profissional com o(a) pesquisador(a) responsável:

Tel.: (49) 9999-1044

E-mail: ubiratan.vieira@uffs.edu.br

Endereço para correspondência: Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul, CEP 89801-001

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS:

Tel. e Fax - (49) 2049-3745

E-Mail: cep.uffs@uffs.edu.br

Endereço para correspondência: Universidade Federal da Fronteira Sul/UFFS - Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS, Rua General Osório, 413D - CEP: 89802-210 - Caixa Postal 181 – Centro - Chapecó - Santa Catarina – Brasil.

Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

() ***Aceito que minha voz seja gravada e seja utilizada para fins científicos.***

() ***Aceito que minha voz seja gravada mas não aceito que seja utilizada para fins científicos.***

() ***Não Aceito que minha voz seja gravada.***

Nome completo do (a) participante: _____

Assinatura: _____